

SUMMARIO

- O Ensino normal e os concursos.
 A Escola Normal do Recife.
 Estudo dos musculos — Barboza Vianna.
 Locomoção — Mauricio de Medeiros.
 O Gosto — Alfredo Gomes.
 Divisores de aguas e centros de dispersão — Othelo Reis.
 A rosa e a vida — Roberto N. Lindsay.
 Historia Geral — Celso Lemos.
 Da Calliphasia — Mello Ayres.
 O africano na Historia do Brasil — Alfredo Balthazar da Silveira.
 A media arithmetica e a media geometrica — Raul d'Avila Goulart.
 Declamação — Angela Vargas Barboza Vianna.
 Os Lusíadas — Osorio Duque Estrada.
 Palavras que morrem — Carlos Porto Carreiro.
 Ionisação — Correggio de Castro.
 Cantiga — Oswaldo Orico.
 Geometria — Ferreira de Abreu.
 Hymno á Natureza — Pedro de Mello.
 Cavallete pede A — Julio Cezar de Mello e Souza.
 Verbos primitivos da lingua ingleza — Jasper L. Harben.
 Idéa de Justiça — Salin Adibar.
 Mcz de Maria — Alumna Robertina dos Anjos Lima.
 Bibliographia.
 Varias Noticias.



A ESCOLA NORMAL

REVISTA DE EDUCAÇÃO

A ESCOLA NORMAL

PUBLICAÇÃO MENSAL EXPEDIENTE

Orgão dos Corpos docente e discente da Escola Normal do
Districto Federal e de suas congeneres nos Estados.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DE SÃO CHRISTOVÃO, N.º 23

AGENCIA
Rua Chile — 17, Tel. Central 1181
RIO DE JANEIRO

Assignatura annual para todo o Brasil....	20\$000
Numero avulso	2\$000
“ atrazado	3\$000

Todas as assignaturas terminam em Março

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAES

Representantes junto ás Escolas Normaes nos Estados.

S. PAULO

CAPITAL — Prof. Armando Gomes de Araujo
Vice-Director da Escola

BRAZ — Alarico Borelli
Amanuense da Escola

PIRACICABA — Prof. Joaquim Antonio do Canto
Director do Grupo Escolar

CAMPINAS — Prof. Laurival de Queiroz
Secretario da Escola

S. CARLOS — Dr. Domingos de Vilhena
Cathedratico da Escola

E. DO RIO

NICTHEROY — Prof. Evangelina A. de Azevedo Cruz
Cathedratica da Escola

BAHIA

CAPITAL — Dr. Antonio Augusto Machado
Cathedratico da Escola

PERNAMBUCO

ESCOLA NORMAL OFFICIAL DO RECIFE
Prof. Eustorgio Wanderley
Cathedratico da Escola

AGENTES:

ARARAQUARA — Dourival Alves
Prefeitura Municipal

A Escola Normal

REVISTA DE EDUCAÇÃO

DIRECTOR:

Dr. Barboza Vianna

Prof. da Escola Normal e da Faculdade de Medicina



SECRETARIA:

Zenaide Guerreiro

Professora pela Escola Normal

RIO DE JANEIRO

O Ensino normal e os concursos

A competição fazendo resaltar o grão de preparo do individuo, torna o concurso o meio mais adequado á aferição da cultura individual.

Nos que se realizaram na Prefeitura para amanuense de varias repartições, poudese bem avaliar a eficiencia do ensino ministrado na Escola Normal do Districto Federal.

Como se vai ver, tem essa escola obtido o coeeficiente maximo nas classificações dos concursos, cabendo sempre os primeiros logares, aos portadores de seu diploma.

No primeiro concurso da Directoria de Instrucção, no qual se inscreveram 64 candidatos, só lograrão habilitação 4, dois são professores pela Escola Normal, exactamente os classificados nos 1º e 2º logares.

No 2º concurso realizado nessa mesma Directoria, dos 146 candidatos inscriptos, só 20 obtiveram classificação, sendo 9 destes, diplomados pela Escola Normal. Estes obtiveram igualmente no mesmo concurso os 1º e 2º logares.

No concurso para a Directoria de Obras, inscreveram-se 147 candidatos, tendo sido habilitados 21, dos quaes 12 possuem diploma de professor pela Escola Normal. A estes coube o 1º logar, bem como os 2º, 3º, 4º 6º e 7º, sendo, portanto, os egressos da Escola Normal que receberam as primeiras nomeações.

E' de notar terem duas professoras obtido simultaneamente, os primeiros logares nos dois concursos das Directorias de Obras e Instrucção.

Nos concursos para escripturario e escrevente da Central do Brasil, grande tem sido tambem a percentagem dos primeiros logares, obtida por professores pela Escola Normal.

A invasão do funcionalismo pelo elemento feminino, é devida, assim, ao ensino da Escola Normal, que transmite ás moças um preparo capaz de fazel-as vencer, nos prelios das provas publicas, os rapazes instruidos pelos outros estabelecimentos de ensino.

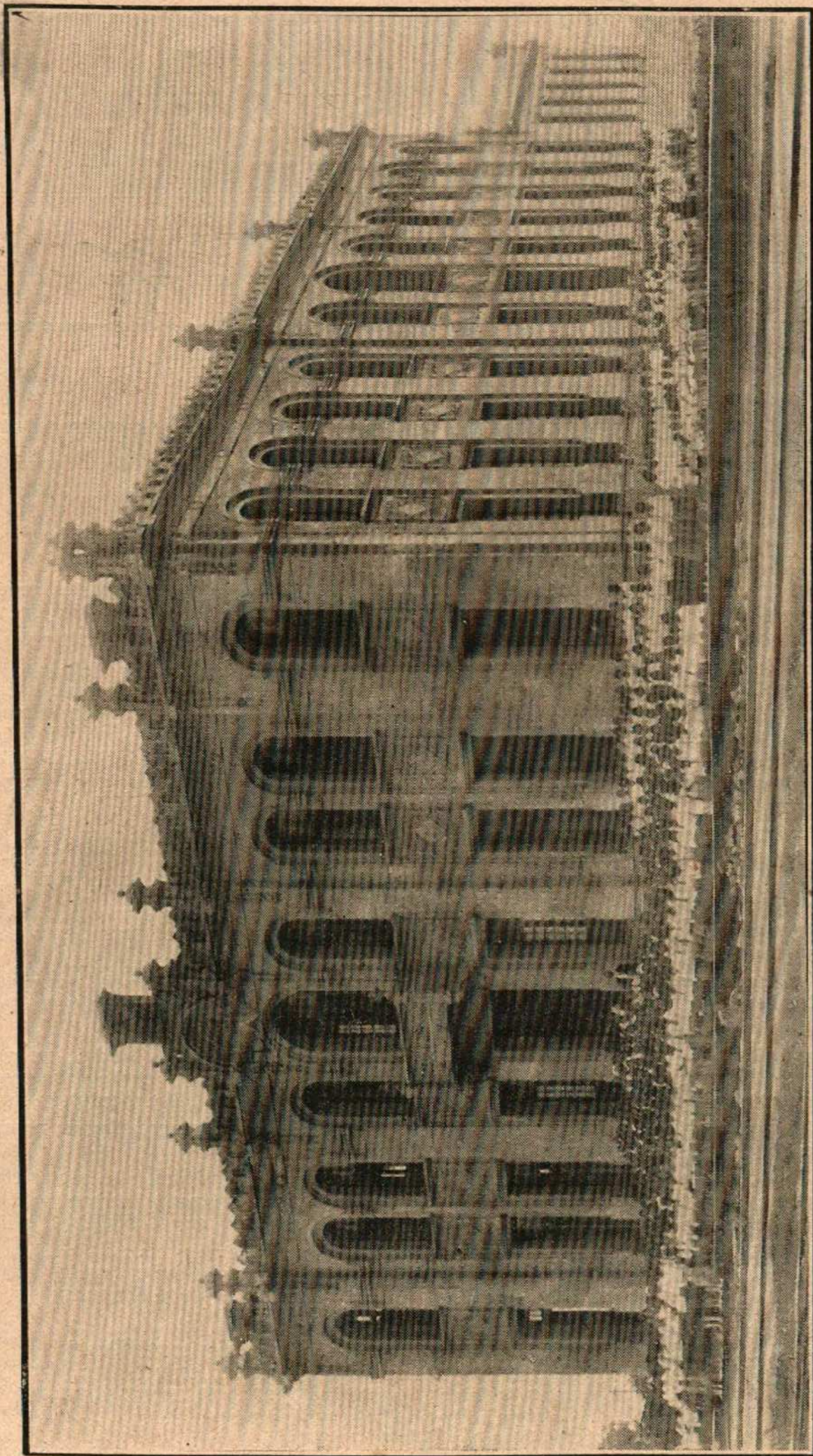
Estamos certos que, da experiencia dos concursos de amanuense, ha de resultar, para a Prefeitura, bem maior.

Estas moças que fizeram concurso, e tanto destaque conseguiram, não são as classificadas nos primeiros logares de suas respectivas turmas. Estas já foram nomeadas professoras, e não quizeram, por certo, abandonar a profissão que abraçaram, embora o vencimento da burocracia lhes sorrisse, procurando attrahil-as.

E' uma lição que deve ser aproveitada, mostrando que elementos varios influem na classificação das normalistas, não devendo só esta servir de base á nomeação, como é lei agora.

Amplie o illustre prefeito o seu programma, e faça todas as nomeações de professoras de 3ª classe por concurso, e se possivel mesmo, as promoções por esse processo, e veremos elevado, cada vez mais, o nivel intellectual do nosso magisterio. Por este meio, elementos valiosos que existem entre as professoras diplomadas, serão aproveitados, pelo unico methodo honesto de selecção: O CONCURSO.

“A Escola Normal” em PERNAMBUCO



O imponente edificio da Escola Normal do Recife

ANATOMIA E PHYSIOLOGIA HUMANAS

(PONTO V)

Apparelho locomotor — Esqueleto, musculos e articulações

(CONTINUAÇÃO)

MUSCULOS

Barboza Vianna
Cathedratico da Cadeira

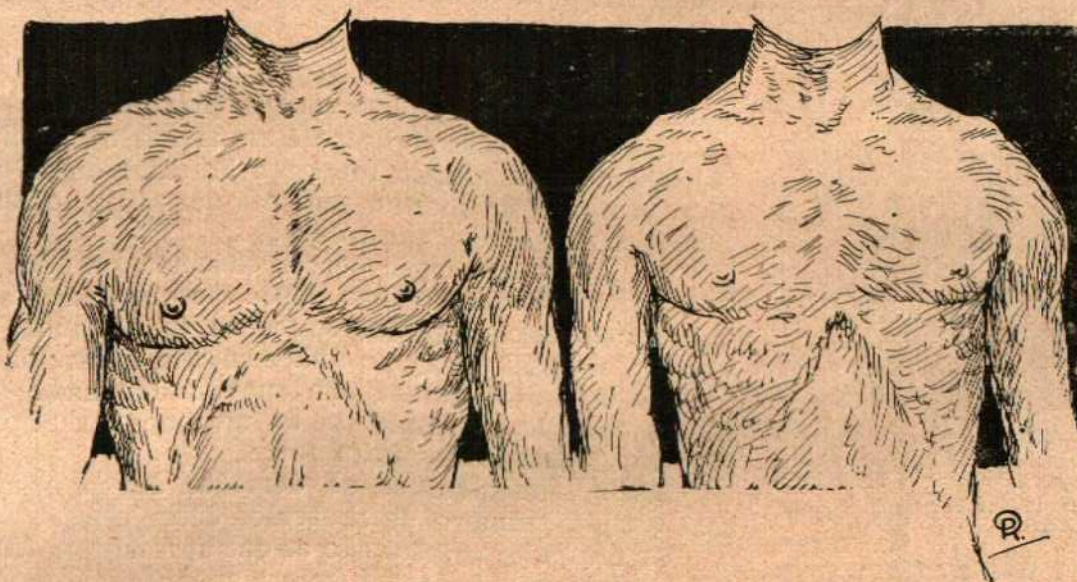
Considerações geraes

O estudo dos musculos é muito importante, pois do desenvolvimento do systema muscular, depende a aptidão individual para as varias funcções. Na escola, devemos pelos exercicios phisicos, obter um desenvolvimento harmonico de toda musculatura, de onde a vantagem da gymnastica chamada physiologica sobre a denominada athletica.

Nesta se obtem um desenvolvimento exagerado de certos grupos musculares com sacrificio de outros, ficando o individuo deformado. Deste modo, os que se entregam aos exercicios de barra fixa e parallelas adquirem hombros muito largos em detrimento da altura, os cyclistas, desenvolvimento exagerado dos musculos inferiores, e assim por deante.

Nos exercicios attinentes á musculatura, deve-se attender ás exigencias geraes, para não chegarmos a formar um pequeno grupo de athletas, restando aos outros a funcção de applaudil-os.

O Mestre necessita de conhecer os dois typos fundamentaes do organismo humano: *brachiscéle* e *macroscéle*, e tratar do desenvolvimento dos grupos musculares de cada um delles, para conseguir o rendimento maximo nos officios proprios a cada grupo.



Thorax de brachiscéle

Thorax de macroscéle

*Definição e funcção**Musculos são orgãos elasticos dotados da propriedade de contracção*

Conforme pertencem á vida de relação ou á vegetativa, teem elles, estrutura e funcção differentes.

Os musculos da vida de relação, são inervados pelo systema nervoso cerebro-espinhal, sendo a inervação dos que pertencem á vida vegetativa, feita pelo systema nervoso do grande sympathico.

Os primeiros são musculos de fibra estriada e servem ao movimento, os outros são de fibra lisa e se destinam á variação de volume das visceras. Fica assim explicitamente estabelecido que os musculos são constituídos por fibras que ao microscopio se apresentam ou com estriação transversal ou sem estriação, sendo neste caso, a fibra lisa.

Os musculos de fibra estriada obedecem á vontade, sendo por isso chamados voluntarios ou da vida de relação; os de fibra lisa não estão sujeitos á vontade, d'ahi o nome de involuntarios ou da vida organica.

Os musculos dos membros, movidos á nossa vontade, são de fibra estriada, os do tubo gastro-intestinal, sobre os quaes não temos influencia, teem as fibras lisas.

Fazendo excepção unica ha o coração, órgão da vida vegetativa que não obedece á vontade, cujas fibras são, no emtanto, estriadas (fibra-cardiaca).

Os musculos de fibra estriada são os unicos que nos interessam no momento. Elles são em numero de 500, divididos symetricamente pelas partes do corpo.

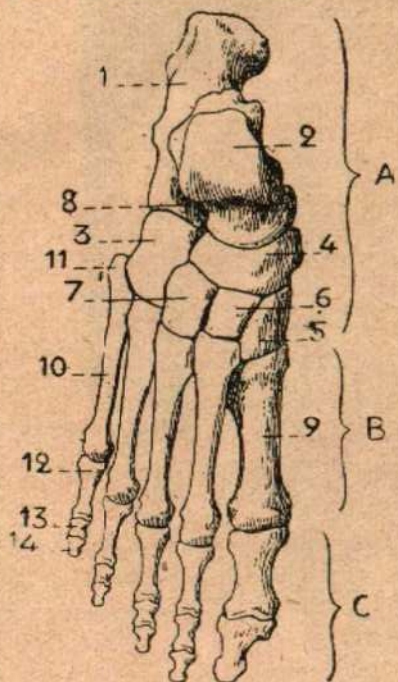
Situação

Sob este ponto de vista, são os musculos divididos em articulares e sob-aponevroticos. Os primeiros estão em baixo da pelle, ahi tomando inserções, exemplo: os musculos da face que nos dão a expressão, chamados tambem de musculos da mimica.

Os sob-aponevroticos teem todos, as suas inserções nos ossos e partes visinhas, e como são elles que os fazem mover, chamam-se musculos da locomoção.

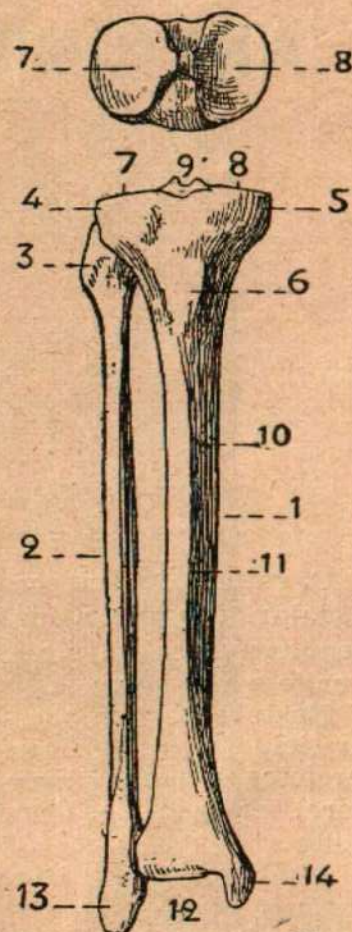
Forma

Pela sua forma são os musculos, divididos em *longos*, *largos*, *curtos* e *mixtos*.



ESQUELETO DO PÉ

A. Tarso - B. Metatarsos - C. Artelhos - 1. Calcâneo - 2. Astragalo - 3. Cuboide - 4. Escaphoide - 5, 6 e 7. 1.º, 2.º e 3.º Cuneiformes - 8. Oco calcâneo-astragaliano - 9 e 10. 1.º e 5.º metatarsicos - 11. Apophyse do 5º metatarsico - 12, 13 e 14. 1.ª, 2.ª e 3.ª phalanges.



1. Tibia - 2. Peroneo - 3. Cabeça do peroneo - 4. Tuberosidade externa da tibia - 5. Tub. int. - 6. Tub. anterior - 7 e 8. Cavidades articulares - 9, 10 e 11. Espinha, face int. e crista da tibia - 12. Sup. art. do tarso - 13. Malleolo externo - 14. Malleolo interno.

Os musculos longos são dos membros, sendo ahi os superficiaes mais extensos que os profundos.

Assim o biceps no braço é um musculo superficial da região anterior, muito longo; o brachial anterior, musculo profundo da mesma região é um musculo longo, porém menos extenso que o biceps.

Os *musculos largos* correspondem a grandes cavidades que necessitam fechar. Elles são achatados e em geral menos resistentes que os longos. Os obliquos, o transverso e o diaphragma no abdomen, são musculos largos.

Os *musculos curtos* são encontrados nas partes do corpo, onde ha necessidade de movimentos limitados e por isso, demandam muita força.

Assim encontramos ao derredor da columna vertebral grande numero de musculos desta classe.

Os *musculos mixtos* são os que apresentam caracteres de, pelos menos, 2 destes typos: os musculos motores do olho, o pyramidal do abdomen, etc.

Nomenclatura.

A denominação dos musculos faz-se de uma maneira arbitraria, obedecendo á factores variados.

Citemos os principaes:

A' *inserção*, tomando os musculos os nomes dos ossos em que se fixam. Exemplos: Esterno-cleido-mastoideu, musculo do pescoço que se prende ao esterno, á clavícula e á apophyse mastoide do temporal; omo-hyoideu, ao omo-plata e osso hyoide, etc.

A' forma temos como exemplos, o pyramidal do abdomen, o quadrado do mento, e triangular dos labios, os lombricaes, os escalenos, os denteados (grande e pequeno), o biceps, o triceps, o quadriceps, etc.

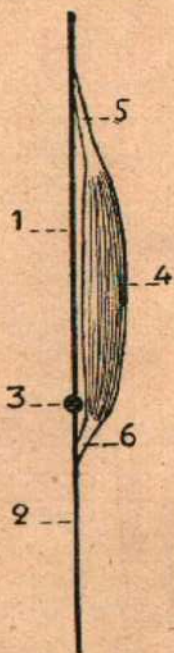
A' direcção — O grande e pequeno obliquos, o transverso, os rectos, os orbiculares, etc.

A' funcção — masseter (eu mastigo), o buccinador (*buccinare* — tocar buzina) o costureiro da coxa, os flexores e extensores dos membros, o redondo e o quadrado pronador, os 2 supinadores do antebraço, etc.

A' situação — como os inter-costaes, supra-costaes, interosseos da mão e do pé, cubital anterior, cubital posterior, tibiaes (anterior e posterior), temporal, peitoraes, iliacos, etc.

Descripção summaria dos musculos

CABEÇA



Esquema de um musculo
1. e 2. Alavancas osseas — 3. Articulacao — 4. Corpo carnoso do musculo — 5 e 6. Tendões.

Na cabeça encontramos musculos, sob-aponevroticos que são os mastigadores, e musculos cuticulares (localizados quasi todos na face), os quaes movimentando os traços do rosto são chamados musculos da expressão.

Estes musculos fixando-se de um lado no esqueleto, de outro na pele, têm uma acção directa sobre esta nas regiões de todos conhecidas como são os supercilios, as palbebras, as azas do nariz, os labios, as bochechas, etc., que modificadas dão a cada individuo uma physionomia particular e denunciam no rosto os seus diferentes estados d'alma.

Para dar uma idéa das modificações que soffrem as citadas regiões na alteração da expressão basta olhar os esquemas abaixo, devidos a Humbert de Superville.

Os principaes musculos cuticulares da cabeça são: NO CRANEO o *frontal* (musculo da attenção, admiração); NA FACE: os *orbiculares das palpebras* (musculos da reflexão) os *orbiculares dos labios* (musculos da sucção, do beijo (?)) *pyramidal* (musculo da ameaça) *super-*

ciliar (musculo da dor), *grande zygomatico* (musculo do riso) *pequeno zygomatico e elevador commum do labio superior e da aza do nariz* (musculos do chôro), *triangular dos labios* (musculo do desprezo, descontentamento) e o *Risorius de Santorini* (musculo do rictus ironico ou do riso forçado).

Os musculos mastigadores são, o *temporal*, o *masseter*, o *pterygoideu interno*, e o *pterygoideu externo*, na cabeça, o *digastrico*, o *cuticular*, o *genio-hyoideu* e o *mylo-hyoideu*, no pescoço.

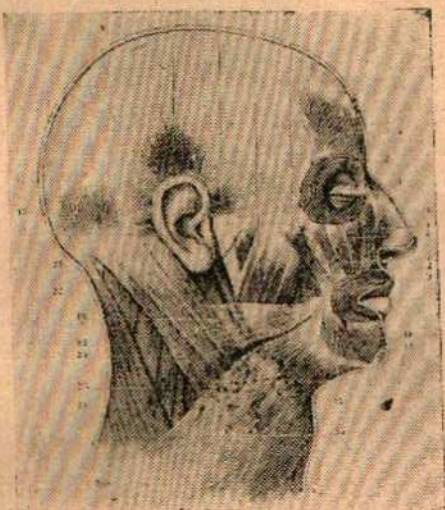
Os 4 primeiros (temporal, masseter e pterygoideus) são elevadores da mandibula, os musculos do pescoço são abaixadores.

O masseter e o pterygoideu interno, contrahindo-se simultaneamente dão ao maxillar, movimentos de lateralidade (diducção).

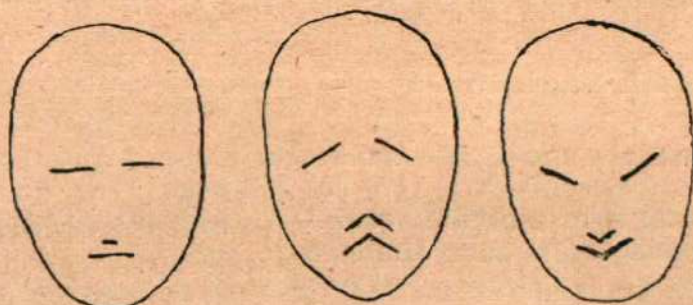
Os pterygoideus externos projectam a mandibula para deante, destinando-se os feixes horizontaes do temporal a leval-a para traz.

Como veremos opportunamente o homem sendo um animal omnivoro, necessita destes diferentes movimentos do maxillar inferior, sobre

os superiores, para a mastigação dos alimentos.



Musculos cuticulares da cabeça



Placidez

Tristeza

Alegria

Pescoço

Além dos musculos mastigadores já conhecidos, temos ahi o *esterno-cleido-mastoideu* (muito visivel quando se dobra a cabeça para o lado) os *escalenos*, o *omo-hyoideu*, o *esterno-cleido-hyoideu*, o *esterno-thyroideu*, o *thyro-hyoideu*, (estes importantes no

acto de cantar) e os musculos da nuca que são poderosos porque teem de supportar o peso da cabeça na posição vertical.

Thorax

O principal musculo é o *grande peitoral* que se inserindo nas costellas e clavícula de um lado e de outro no humerus, é um dos musculos da elevação do corpo, sendo tambem, accidentalmente (na asthma), um musculo respiratorio. Nas aves é o musculo do vôo.

Os outros musculos importantes são o pequeno obliquo, grande dentado, sob-clavio e os intercostaes.

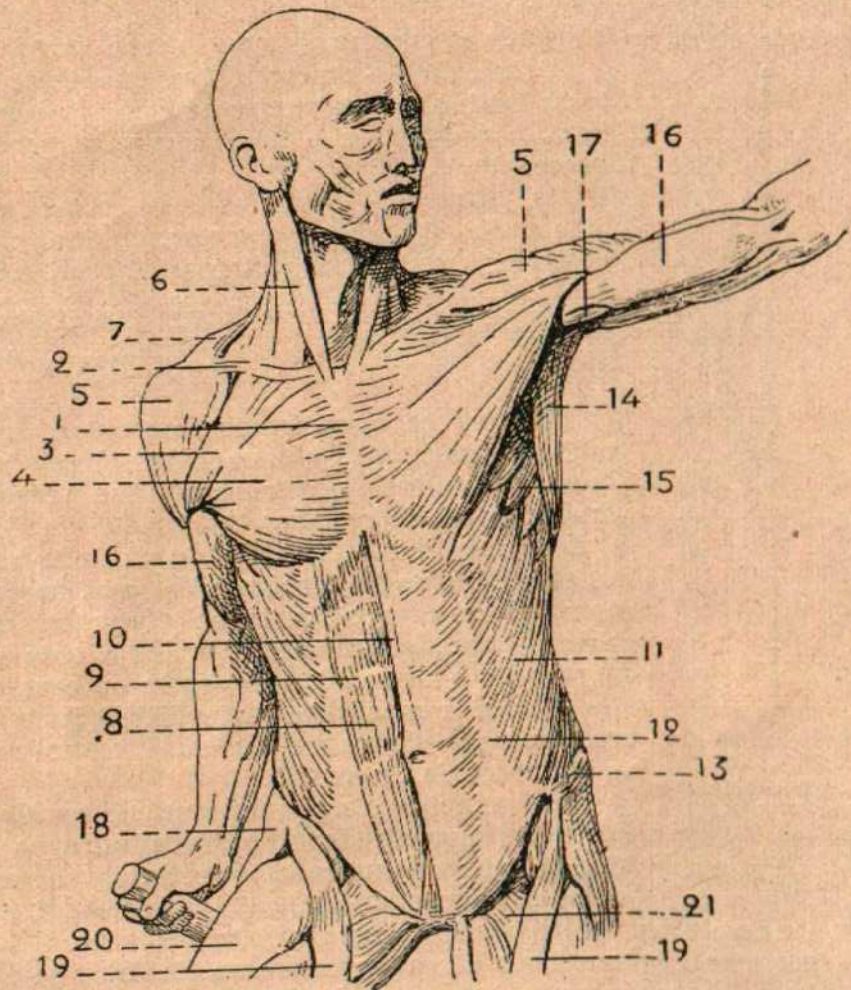
Abdomen

A cavidade abdominal, ao contrario da thoracica que é fechada por arcos osseos (costellas), tem a protegel-a unicamente massas musculares. Assim a sua parede antero-lateral é constituída por 3 musculos largos que são o grande obliquo, o pequeno obliquo e o transverso, e por 2 musculos mixtos situados adeante: o grande recto do abdomen e o pyramidal.

Para que haja a necessaria resistencia as fibras dos musculos largos teem direcção differentes, sendo que todas vão se encontrar na linha mediana para formar a chamada linha branca abdominal, depois de terem envolvido o musculo grande recto.

Por causa desta disposição anatomica a parede protege sufficientemente os orgãos contidos na cavidade abdominal.

Para cima o abdomen é fechado por um musculo que o separa da cavidade thoracica. Este musculo em forma de abobada é chamado diaphragma e é o principal musculo da inspiração. No dorso, communs a diversas regiões, existem varios musculos dos quaes os principaes são o *trapezio* que se fixa nas vertebraes cervicaes e thoracicas e o grande dorsal que se prendendo ao osso iliaco e ás costellas vae se fixar de outro lado no humero, sendo como o grande peitoral, um dos musculos suspensores do corpo nos exercicios de barra fixa e parallelas.



Musculos do tronco e regiões vizinhas (face anterior)

1. Esterno - 2. Clavícula - 3 e 4. Grande peitoral - 5. Deltoide - 6. Esterno-cleido-mastoidêu - 7. Trapezio - 8 e 9. Grande recto do abdomen - 10. Linha alva abdominal - 11 e 12. Grande obliquo - 13. Crista iliaca - 14. Grande dorsal - 15. Grande dentado - 16. Biceps brachial - 17. Coraco-brachial - 18. Ten-ôr do fascia lata - 19. Costureiro - 20. Quadriceps femural - 21. Musculos internos da côxa.

Membro superior

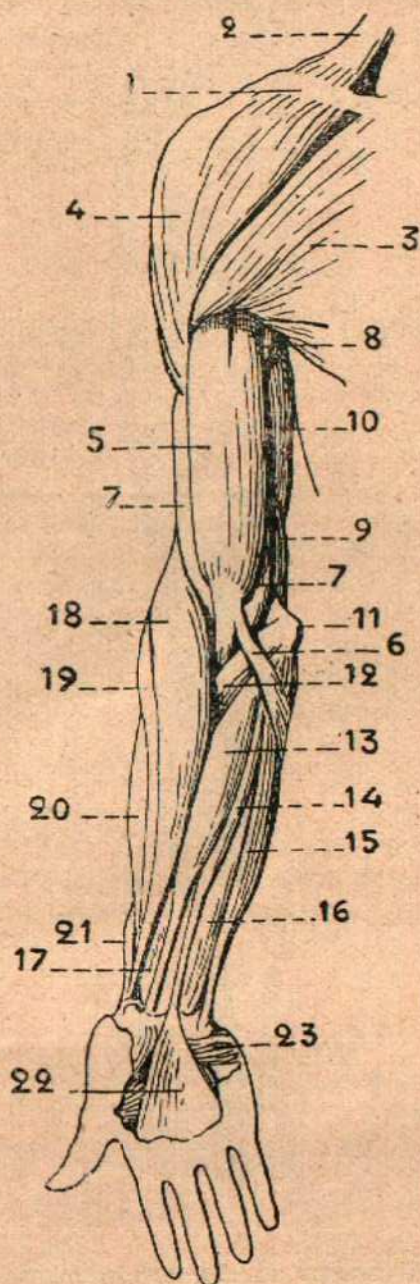
Na espadua existem: o *deltoide* que forma uma dragona natural protegendo a articulação escapulo-humeral, os supra e infra-espinhosos e o sob-escapular, (os quaes occupam as respectivas fossas do omoplata) e os musculos *grande e pequeno redondo*, que devem o seu nome, á forma e á comparação das suas dimensões.

No braço encontra-se adeante o *biceps* (musculo do muque) o *brachial anterior* e o *coraco-brachial*. A região posterior só tem 1 musculo que é o triceps. Os musculos do ante-

braço devem o seu nome á sua acção, situação ou forma, encontrando-se ahí, 20 musculos dispostos em 3 regiões: anterior, externa e posterior.

Na anterior ha 8 musculos, collocados em 4 planos:

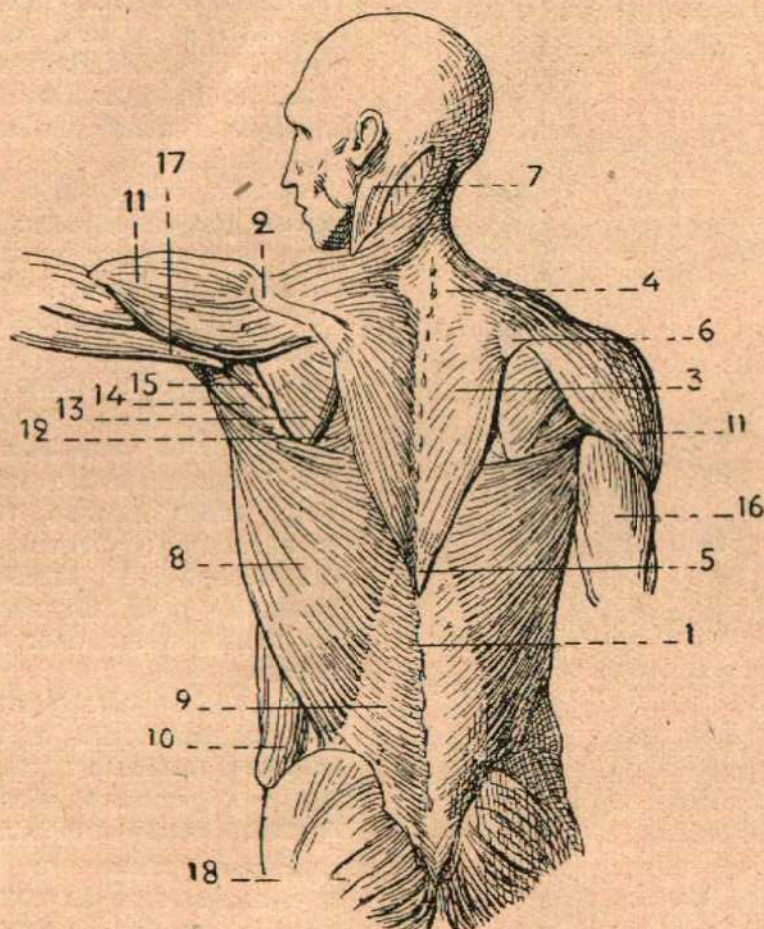
No 1º acham-se 4 musculos que são indo de fóra para dentro: *redondo pronador, grande palmar, pequeno palmar, e cubital anterior*, no 2º um só musculo o *flexor*



Musculos do membro superior

1. Clavicula — 2. Trapezio — 3. Grande peitoral — 4. Deltoide — 5. Biceps brachial — 6. Sua expansão aponevrotica — 7. Brachial anterior — 8. Coraco-brachial — 9 e 10. Triceps — 11. Epitrochlea — 12. Redondo pronador — 13. Grande palmar — 14. Pequeno palmar — 15. Cubital anterior — 16. Flexor superficial dos dedos — 17. Longo flexor proprio do polegar — 18. Longo supinador — 19 e 20. 1.º e 2.º radiaes — 21, 22 e 23. Musculos da mão.

A mão tem 19 musculos em 3 regiões: thenar e hypothenar com 4 musculos cada uma, e palmar media com 11. A região thenar corresponde á musculatura do polegar e a hypothenar á do auricular. A palmar media apresenta 7 musculos interosseos, dos quaes 3 são palmares e 4 dorsaes, e 4 musculos lombricaes, que vão dos tendões dos flexores aos dos extensores dos dedos.



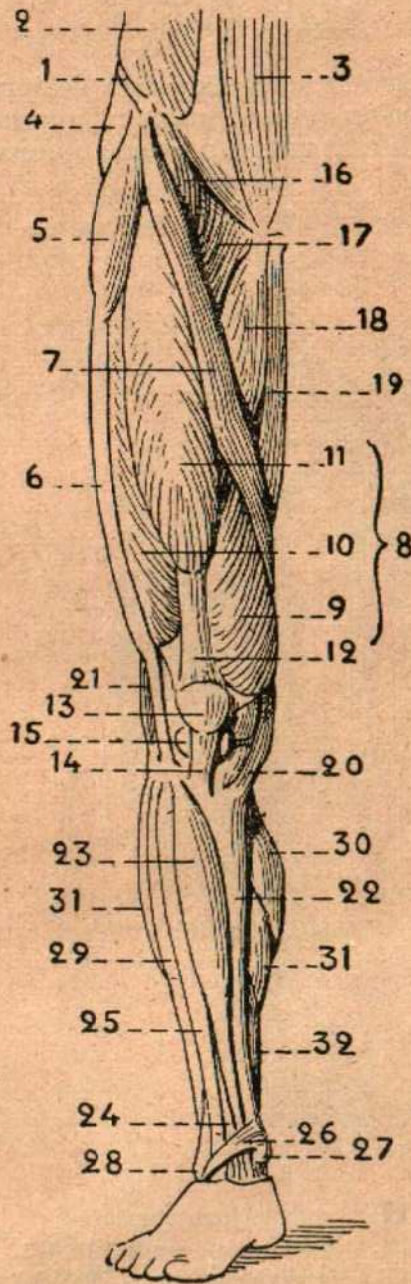
Musculos do tronco e regiões vizinhas (face posterior)

1. Apophyses espinhóses — 2. Espinha do omoplata — 3. Trapezio — 4, 5 e 6. Aponevrose deste musculo — 7. Esterno-cleido-mastoidêu — 8. Grande dorsal — 9. Aponevrose sacro-lombar — 10. Grande obliquo — 11. Deltoide — 12. Rombóide — 13. Sub-espinhoso — 14. Grande redondo — 15. Pequeno redondo — 16 e 17. Triceps brachial — 18. Grande gluteo.

commun superficial dos dedos, no 3º dois: o *flexor commun profundo dos dedos* e o *longo flexor proprio do polegar* e finalmente na camada mais profunda o musculo *quadrado pronador*.

Na região externa temos 4 musculos: *longo supinador, primeiro radial externo, segundo radial externo e curto supinador*. A região posterior tem 8 musculos, em 2 camadas. A mais superficial é chamada dos musculos *epicondylianos* (inserção no epicondylo): *extensor commun dos dedos, extensor proprio do auricular, cubital posterior* e *anconeu* (quer dizer cotovello.) A camada profunda é constituida pelo *adductor do polegar, curto extensor do polegar, longo extensor do polegar* e *extensor proprio do index*.

Membro inferior



Músculos do membro inferior
(face anterior)

1. Crista iliaca—2. Grande obliquo do abdomen—3. Grande recto—4. Medio gluteo—5. Tensôr do fascia lata—6. Fascia lata—7. Costureiro—8. Quadriceps crural—9 e 10. Vastos interno e externo—11 e 12. Longa porção e tendão do quadriceps—13. Rôlula—14. Lig. rotuliano—15. Bolsa serôsa—16. Psoas iliaco—17. Pectineo—18. 1.º ou medio adductor—19. Recto interno—20. Pé de pato—21. Biceps crural—22. Tibia—23. Tibial anterior—24. Extensor proprio do grosso artelho—25. Peroneiro anterior—26. Ligamento annular do tarso—27 e 28. Malleolos—29. Peroneiros lateraes—30. Gêmeo interno—31. Solear—32. Flexor commum dos artelhos.

No quadril existem 9 músculos dos quaes os mais importantes são os tres gluteos, grande, medio e pequeno que formam as nadegas. O grande está para fóra, o pequeno profundamente, guardando o medio na posição o nome que tem pelo tamanho.

A côxa tem as duas regiões que se seguem:

A antero-externa constituida pelo *tensor do fascia lata*, pelo *costureiro* (que dá á perna a posição preferida pelos alfaiates) e pelo *quadriceps crural*, constituido por 4 feixes: recto anterior, vasto interno, vasto externo e crural. O quadriceps é tambem chamado pela sua acção de musculo extensor da perna.

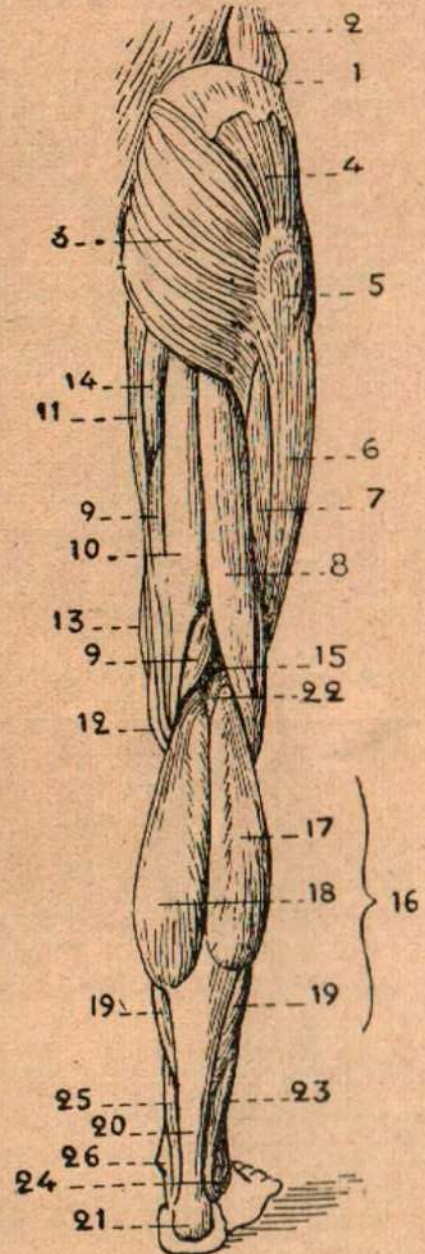
A região postero-interna nos apresenta os seguintes músculos: *recto interno*, *pectineo*, *biceps crural*, *semi-tendinoso*, *semi-membranoso* e os tres *adductores* da coxa: grande, medio e pequeno.

A perna como o antebraço tem 3 regiões: anterior, externa e posterior.

A região anterior tem 4 músculos: *tibial anterior*, *extensor commum dos artelhos*, *extensor proprio do grosso artelho* e *peroneiro anterior*.

A região externa tem 2: o *longo peroneiro lateral* e o *curto peroneiro lateral*.

A região posterior comprehende 8 músculos divididos em duas camadas: na superficial, nós encontramos: o *gêmeo externo*, o *gêmeo interno*, o *solear* e o *plantar delgado*. Os tres pri-



Músculos do membro inferior
(face posterior)

1. Crista iliaca—2. Grande obliquo do abdomen—3. Grande gluteo—4. Medio gluteo—5. Grande trochanter—6. Fascia lata—7. Vasto externo—8. Biceps crural—9. Semi-membranoso—10. Semi-tendinoso—11. Recto interno—12. Costureiro—13. Vasto interno—14. Grande adductor—15. Reg. poplitea—16. Triceps sural—17. Gêmeo externo—18. Gêmeo interno—19. Solear—20. Tendão de Achilles—21. Calcaneo—22. Plantar delgado—23. Peroneiros lateraes—24. Malleolo externo—25. Longo flexôr commum dos artelhos—26. Malleolo interno.

meiros, constituem um só musculo conhecido pelo nome de triceps sural que vae se inserir em baixo no calcaneo por um tendão commum, chamado tendão de Achilles. (Na mythologia, Thetis, mãe de Achilles, ao tornal-o invulneravel no Styx, não mergulhou o calcanhar, por onde mais tarde Achilles foi victimado pela flecha de Paris).

Na camada profunda existem tambem 4 musculos que são: o *popliteu*, o *tibial posterior*, o *flexor commum dos artelhos* e o *flexor proprio do grosso artelho*.

No pé nós temos 20 musculos, repartidos em 4 regiões a saber:

1ª região dorsal com um unico musculo — o *pedioso*.

2ª região plantar interna com 3 musculos para o grosso artelho.

3ª região plantar externa com 3 musculos, para o pequeno artelho.

4ª região plantar media com 13 musculos: o *curto flexor plantar*, o *accessorio do longo flexor dos dedos*, tambem chamado carne quadrada de Sylvius, e os *lombricaes* e *interosseos* que pelo seu numero e situação recordam perfeitamente os seus homonimos do membro superior.

LOCOMOÇÃO

Mauricio de Medeiros

Docente da E. Normal

Toda a movimentação em nosso organismo se faz por acção de nossos musculos. Estes organs de constituição fibrillar, e cuja propriedade essencial é a de contracção, exercem, quando se contraem, uma força que é sempre utilisavel. Cada musculo pode desenvolver, pela sua contracção, uma força determinada segundo sua espessura ou comprimento. Os musculos longos tem uma força menor, mas uma acção mais ampla. Os musculos espessos e curtos tem uma força maior e acção menos ampla.

Na movimentação dos musculos da vida de relação, a força muscular é augmentada por todo um systema de alavancas que assim diminuem o esforço. Nesses casos os ossos se articulam uns com os outros permittindo rotações e movimentos.

O estudo das articulações moveis nos mostram como é facilitada a sua movimentação. Salvo algumas excepções, os musculos da vida de relação se prendem geralmente em cada uma de suas extremidades a um osso differente. A contracção muscular produzirá approximação ou affastamento desses ossos. Segundo a situação do ponto de applicação do musculo, a do ponto em que se apoia o osso movimentado, e o da resistencia á vencer, encontraremos nós movimentos do corpo humano os tres generos de alavanca como os descreve a physica.

Como exemplo de alavanca do 1º genero (apoio no meio) podemos citar o movimento da cabeça sobre a columna vertebral. Para qualquer lado que se faça esse movimento a *potencia* é o ponto de applicação dos musculos, que entram em acção, *apoio*, o ponto de sustentação da base do craneo e *resistencia* o peso da cabeça no maior arco do movimento, que é o opposto ao da applicação da força (Fig. 1).

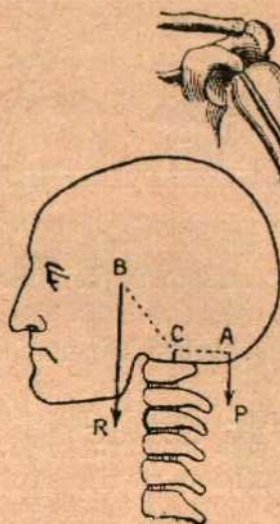


Fig. 1

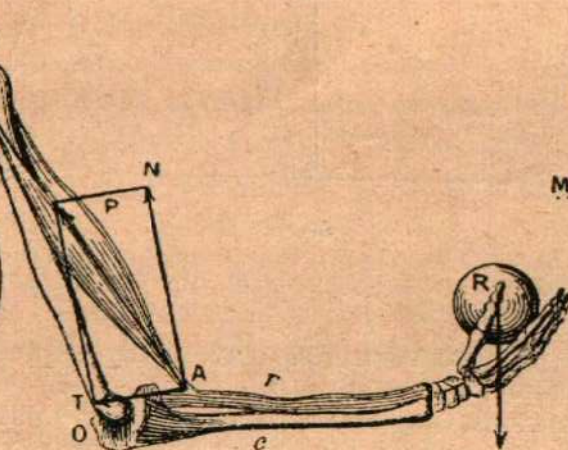


Fig. 2

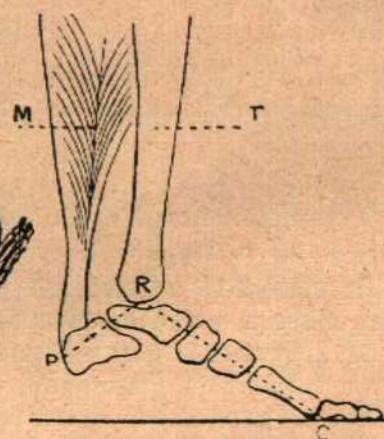


Fig. 3

Como exemplo de casos de alavancas do 2º genero (Resistencia no meio) temos poucos na movimentação do corpo humano.

O classico exemplo é o levantamento do corpo sobre as pontas dos pés. A potencia é o ponto de inserção do tendão de Achilles. A resistencia é a tibia sobre a qual o corpo vai ser levantado.

O ponto de apoio, a ponta do pé (fig 3).

Como exemplos de alavancas do 3º genero (potencia no meio) podem ser citados muito mais movimentos do corpo humano.

E' o caso mais frequente. No movimento de flexão do ante-braço sobre o braço tem-se um systema de alavanca do 3º genero. O ponto de apoio é a articulação humeral, a resistencia é o peso da carga na mão e a potencia é o ponto de inserção do biceps em pleno ante-braço, (fig. 2).

O jogo desses musculos pondo em funcionamento um tão variado systema de alavancas é o fundamento da movimentação do corpo humano.

Essa movimentação pode apresentar dois aspectos

a) O que se passa sem deslocamento geral do corpo;

b) — o que tem como resultado esse deslocamento.

Nesta variedade, que é em sua essencia a locomoção, encontra-se um effeito dos mais uteis á vida humana, no jogo das alavancas osseas de que o homem dispõe.

A locomoção pode-se passar de dois modos:

a) — pela marcha;

b) — pela corrida.

Quando um homem está de pé, sua posição é tal que a perpendicular tirada do centro de gravidade do corpo deve cahir dentro da base de sustentação, que é formada pelo quadrilatero no qual ficam inscriptos os pés. Si o corpo se inclina levemente para o lado, a linha do centro de gravidade passa por dentro da figura em que se inscreve o pé do mesmo lado e então a perna do lado opposto poderá ser levantada e movimentada sem que desapareça o equilibrio do corpo. Na marcha é por esse systema que se faz o levantamento alternativo das pernas. Nella o corpo soffre uma successão de oscillações para um lado e para outro, afim de permittir o repouso sobre um pé — *pé activo* — enquanto a perna opposta — *membro passivo* — sem ter nenhum peso á transportar executa um movimento de rotação sobre a base (articulação da coxa) dirigindo-se para adeante, indo tornar-se por seu turno em — *membro activo* — no passo seguinte em quanto seu opposto o substitue na passividade e assim por deante.

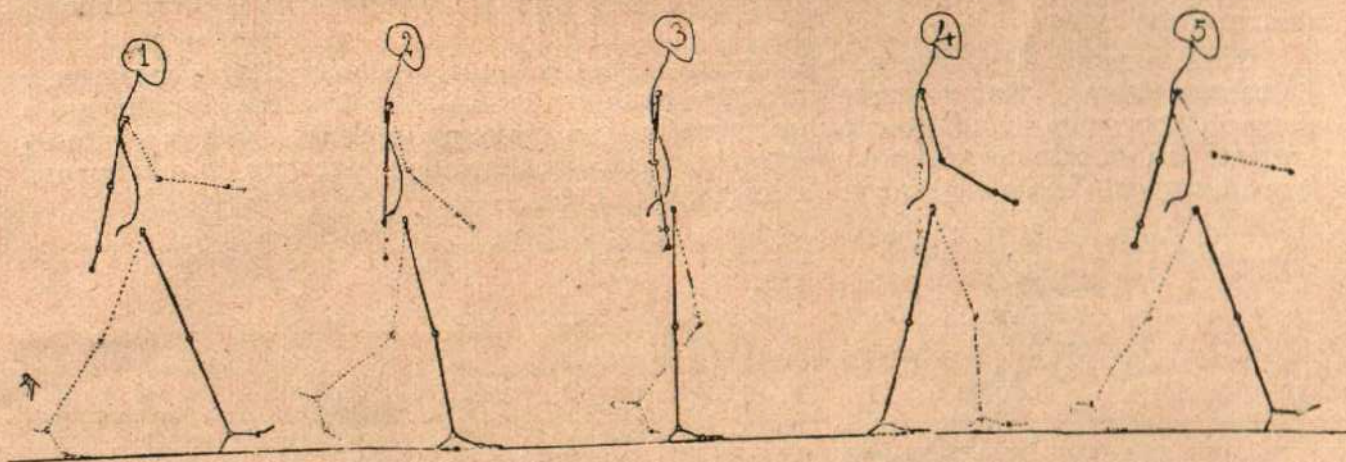


Fig. 4

A perna começa á ser activa no momento em que chega ao maximo de seu movimento para a frente.

Na marcha entram em jogo as seguintes alavancas: — do pé sobre a perna, da perna sobre a coxa, da coxa sobre o quadril.

Os braços não ficam inactivos durante a marcha. Elles balançam sempre para deslocar o centro de gravidade, diminuir o peso a ser transportado pelo membro activo e facilitar a propulsão. Geralmente o braço do lado *activo* acompanha o movimento da perna *passiva*.

CORRIDA

A corrida se distingue da marcha não somente pela velocidade maior em que se succedem os movimentos como tambem porque na marcha, o peso do corpo nunca abandona o solo: passa alternadamente de uma para outra perna: na corrida as cousas são diversamente: — o corpo abandona o solo durante um curto espaço de tempo e a propulsão se faz por acção exclusiva do pé activo.

Além desses movimentos que são os de locomoção outros frequentemente se passam no organismo e igualmente uteis ao homem.

O estudo de constituição geral dos musculos nos ensina que ha musculos chamados voluntarios e musculos chamados involuntarios, isto é, uns obedecendo á acção da vontade e outros não.

Aquelles demos a denominação de musculos de fibra lisa. A estes o nome de musculos de fibra estriada. Só um musculo de fibra estriada ha no organismo que não seja voluntario: o musculo cardiaco. As fibras que o constituem são entretanto tão diversas das demais, que mereceram um estudo á parte, sob a designação de fibras cardiacas. Vimos como agem os musculos voluntarios quando pelo jogo dos seus grupos de alavancas locomovem o individuo, transportando-o na sua marcha, ou em corrida.

Movimentações entretanto "in loco", isto é, sem trazerem como consequencia a locomoção são frequentissimas entrando por um grande contingente nas relações do homem com o meio externo. Movimentos dos braços para defesa, para prehensão, para trabalho; movimentos da cabeça; movimentos do tronco — todos são uteis ao homem. Uma lei geral existe em biologia vastamente verificada: — a função desenvolve o organo.

Sendo os musculos organs de tanta utilidade para o homem, é necessario dar-lhes um amplo funcionamento para que se desenvolvam, adquirindo, por esse desenvolvimto, uma capacidade maior de acção e portanto ampliando sua utilidade ao individuo.

Como teremos occasião de verificar o augmento de um musculo se faz pela transformação do protoplasma não differenciado existindo dentro de cada fibra muscular, myo-fibrillas, cujo numero será tanto maior quão maior fôr o exercicio dado ao musculo, resultando para este um maior espessamento. Sua capacidade de trabalho augmentará pois o augmento do funcionamento.

Para graduar, augmentando esse funcionamento, prescrevem-se os chamados *exercicios physicos*, cujas regras rapidamente exporemos em proximo artigo.



O GOSTO

(CONTINUAÇÃO)

Alfredo Gomes

Cathedratico de Portuguez



O *gosto* é, pois, qualidade existente em todos os individuos, porque se baseia no gozo esthetico. Todos são mais ou menos impressionaveis: experimentam, portanto, o gozo esthetico; são dotados de tal ou qual gosto.

Este varia, diversifica-se extraordinariamente de individuo a individuo, de povo a povo, de raça a raça como de época a época, de logar a logar, de meio a meio social.

Causas differentes tornam vario e mutavel o gosto e entre ellas são capitaes:

I — *A maior ou menor impressionabilidade pessoal.*

Realmente, as fibras nervosas não são dotadas de igual excitabilidade ou estimulo em todos os individuos: nem todos são por isso igualmente sujeitos á acção dos moveis artisticos, nem todos podem gozar com a mesma acuidade e requinte sensivel. Acotovellam-se os quasi insensiveis ás cousas d'arte e os fadados pela natureza com taes dotes que de relance apanham e apreciam as bellezas e defeitos de tudo que lhes cai debaixo da observação, emquanto da escala média da impressionabilidade não passam a maioria dos homens.

Esse facto de trivial conhecimento põe em relevo os temperamentos chamados artisticos e dá a superior medida do gosto de que são dotados.

Na maior parte dos casos de grande impressionabilidade é esta devida ao atavismo, á hereditariedade, isto é, os muito sensiveis descendem, em via de regra, de familia de artistas, cujas faculdades se desenvolveram extraordinariamente em determinado sentido através de certo numero de gerações, transmittindo-se assim

naturalmente ao recém-nado o predicado maior de commover-se diante das obras de arte.

Outras vezes, porém, a maior impressionabilidade artistica é filha das condições physicas do individuo, de sua compleição organica, e se acha ligada a pura hyperesthesia geral, dependente de causas morbidas ou não.

II — *A influencia mesologica.*

O individuo habituado, criado em um meio grosseiro ou pelo menos alheio ás cogitações estheticas, cuja intelligencia só conheça os rudes misteres da mais baixa esphera social, não póde naturalmente ter a mesma aptidão sensível e portanto o mesmo gosto que o educado em um meio mais elevado e culto.

A influencia do meio artisticamente formado é extraordinaria: basta lembrar que as lições do gosto nelle se succedem diariamente e são dadas do modo mais proveitoso, isto é, indirectamente. O joven organismo ouve todos os dias (sem que pretendam instruil-o e portanto liberrimamente) opiniões diversas ou antagonicas sobre assumptos d'arte, confronta-as insensivelmente; escolhe entre ellas a que lhe parece melhor; aprende o modo como deve encarar os objectos para melhor se deixar por elles impressionar; e isso sem coacção nem interesse.

Assim se lhe desenvolve gradualmente o gosto; assim se lhe fórma a educação artistica.

Os Gregos foram sempre acclamados "povo de artistas"; e com razão. Qual, porém, a causa do temperamento artistico dos habitantes da Hellada?

Responda-nos a sua educação, formada dia a dia no ágora ou praça publica, em que ventilavam as mais altas questões oradores sublimes, artistas da palavra oral, como Isagoras, Demosthenes, Eschines e outros. Responda-nos o seu caracter formado nos theatros, onde gratis ouviam as producções immorredouras de Eschylo, Sophocles e Euripides; nos banquetes, em que se recitavam e cantavam, ao som da cythara ou da lyra, trechos de poetas como Homero, Hesiodo, Pindaro, ou Sappho; nos jogos publicos e solennes em que se distribuiam palmas aos vencedores em combates de agilidade, destreza, ou força corporea, e (o que mais era prezado e ambicionado) aos do canto e da poesia; nos banhos publicos e actos religiosos, onde diariamente se contemplavam em plena nudez os modelos vivos de suas estatuas os elementos choreographicos de suas dansas callisthenicas; nos seus lagos poeticos entremeados de bosques umbrosos, a que iam buscar os contornos geraes de seus paineis, a bella expressão de sua lingua e arte.

III — *A influencia da tradição, facto indiscutivel.*

Torna-se difficilimo a qualquer de nós romper com os velhos moldes a que está habituado e que recebeu como reliquia desde o aprendizado infantil.

Prova evidente do valor da tradição sobre a lingua e gosto, temo-la palpavel em quasi toda a Europa e aqui, no Brasil, até 1836 e ainda depois.

A escola classica imperava em todo o mundo literario sem rival. Os modelos legados pela velha antiguidade greco-romana já se achavam, em suas copias, abastardados e por vezes completamente adulterados ou em parte truncados a sabor do momento historico: mas, nada obstante, o ensino official impunha ainda a imitação servil daquelles moldes, desvirtuados embora do original.

Além disso acontecia que as mais das vezes os modelos á mão já eram copias más ou falsas; as noções nelles bebidas desdiziam immenso da pureza da arte hellenica; mas, ainda assim, a livre iniciativa era vedada ao artista, estrangido officialmente a perder de sua personalidade na reproducção exacta de traslados insufficientes e repetidos ao infinito.

A melhor obra d'arte era então a mais fiel recopia e o que hoje se procura com tanto afan—*a originalidade, a novidade* ao menos—seria então enorme peca,

erro palmar fulminado pela critica academica, sem orientação segura e apenas adstricta ferrenhamente a examinar si o artista se teria conformado com as regras preestabelecidas.

Foi a *escola romantica*, proclamada oficialmente por Victor Hugo no prefacio da tragedia *Cromwell*, que despedaçou de vez as cadeias do *classicismo*, pregando victoriosamente *a liberdade na arte como em tudo*.

De então em diante se formou nova tradição, assegurada e robustecida por fortes elos representados pelas magnificas e exuberantes producções do genio humano no começo do XIX seculo na França, na Allemanha, na Italia, na Inglaterra, em todo o occidente europeu, donde veio a repercutir na America.

Vivaz e teimoso, o *romantismo* dominou o gosto poetico durante quasi um seculo com successivas variantes: taes — a *religiosa* com Lamartine; a *oriental* com Hugo; a *parnasiana* com Leconte de L'Isle e outras.

Quasi ao mesmo tempo que triumphava a substituição dos idéaes classicos pelos romanticos, outra e diversa tentativa renovadora surgia em França, proposta por um illustre critico e literato Henri Beyle, sob o pseudonymo de Stendhal.

Essa escola d'arte (porque não tardou que tivesse alguns adeptos) não logrou de prompto fortuna igual á do *romantismo*: exigia em suas obras sobriedade quasi mathematica na fórmula de vestir as idéas; pretendia a verosimilhança, si não a verdade, na creação dos typos e successão das scenas; repellia as demasias imaginarias e as exaltações e hyperboles de sentimentos e phrases. Não podia, portanto, convir á epocha em que surgia, periodo de transição entre os excessos crueis e patrioticos do povo rude, as dedicações abnegadas ou traições da fidalguia e clero e os retumbantes clangores das façanhas napoleonicas. A grande Revolução de um lado e o 1º Imperio de outro traziam as mentes escaldadas e força era que a literatura se revestisse dos trajos faustosos e heroicos do momento historico.

Por isso só ao avizinhar-se o ultimo quarteirão do *centennio das luzes*, conseguiu a *escola realista* supplantar a tradição romantica, apezar dos typos de alto valor que já a enalteciam com raro brilhantismo (Balzac, G. Flaubert e outros).

Actualmente campeia sem competencia, porque melhor corresponde ao momento historico, ao mundo de hoje, nutrido de idéas positivas, muito praticas e scientificas, filhas do espirito moderno mais trabalhado de vicissitudes, menos aviventado pela fé e pela crença religiosa.

IV — *A moda*, isto é, a reacção contra a rotina e tendencias conservadoras.

Ainda que extravagante, a moda tem por vezes deturpado as producções artisticas de certas épocas, ou porque as energias psychicas se tenham abatido por effeito de idéas então dominantes, ou porque a perda da liberdade de consciencia e a coerção moral tenham cortado as ousadias creadoras á juventude generosa ou ainda porque o estado social anarchico tenha enervado a iniciativa universal, sopitando o entusiasmo e impedindo o surto do espirito em busca de mais elevados ideaes.

Como exemplo da depravação do gosto devida á moda, nenhum melhor póde ser lembrado que o *gongorismo*, que dominou no XVII seculo toda a producção literaria europeá e americana e formou escola.

Partida da Hespanha, onde lhes transmittiu aquelle nome o poeta Gongora y Argote, fazia consistir o ideal litterario no uso immoderado de inversões, ellipses, trocadilhos de palavras e phrases, agudezas de pensamento e arrebiques de estylo.

Tão grande importancia lhe conferiu a *moda*, o gosto do tempo, que, estendendo-se o mal á Italia, ahi teve o nome de *marinismo*, do nome do poeta Marini que o adoptou em suas obras; alongando-se depois á Inglaterra, ahi foi conhecido por

euphuismo, do titulo do livro "Euphuus", nesse estylo escripto por John Lily. Veio a ter mais os epithetos de *preciosismo*, *cultismo* ou *culteranismo*, de que se não eximiram os maiores escriptores da França, Portugal e America, onde tambem grassou a epidemia gongorica.

Causa analogo poderiamos dizer dos seculos XIX e começo do actual com os nomes de *nephelibatismo*, *decadentismo*, *symbolismo*, *futurismo*, *cubismo* e quejandos, systemas que todos trazem no bojo o germen da fraqueza de inspiração e fatal aniquilamento.



DIVISORES DE AGUA E CENTROS DE DISPERSÃO

Othello Reis

Docente da E. Normal
Professor do Collegio Pedro II.

Tem-me ensinado a experiencia que para o ensino das modalidades geraes do relevo do paiz, para comprehensão perfeita das bacias fluviaes e para a fixação dos accidentes geographicos tão intensamente que se torne facil a representação cartographica feita de memoria, nada tão seguro e tão fecundo como a observação das linhas divisorias de aguas, e dos centros de dispersão.

O divisor das aguas é de importancia capital para se apprehenderem os traços geraes do relevo. Apresenta seu emprego um perigo, que é o de eventualmente virem os discipulos a entender que corresponde sempre, fatalmente, a linhas de serras, como durante muito tempo occorreu, creando-se suppostas serranias, cordilheiras e lombadas, que da imaginação dos geographos de gabinete passaram para os compendios. Mas se nos houvermos de abster de tudo que remotamente possa vir a causar damno, desde que providencias acertadas não sejam em tempo adoptadas, então nenhuma iniciativa será dado ao homem tomar, e elle estará reduzido a immobilidade de fakir.

Venho ha muito praticando com meus alumnos tal estudo nos pontos de orographia, e hydrographia, e tenho observado sempre a grande efficacia do methodo.

Mando que sejam indicados na carta mural os divisores de aguas e os centros de dispersão do Brasil em geral e dos Estados e regiões em particular, enumerando-se as principaes aguas divididas ou dispersadas; que se desenhem em mappas-mudos e depois no quadro negro. Interrogo os alumnos a respeito do sentido da inclinação geral desta chapada, daquelle tracto de terra (a principio deante do mappa e depois sem a carta), sobre as aguas que dahi fluem para um ou para outro lado, etc. Peço, tambem, sem duvida, os nomes particulares ou locaes de tal cordão de serras, ou as denominações locaes de taes serras ou de taes chapadões.

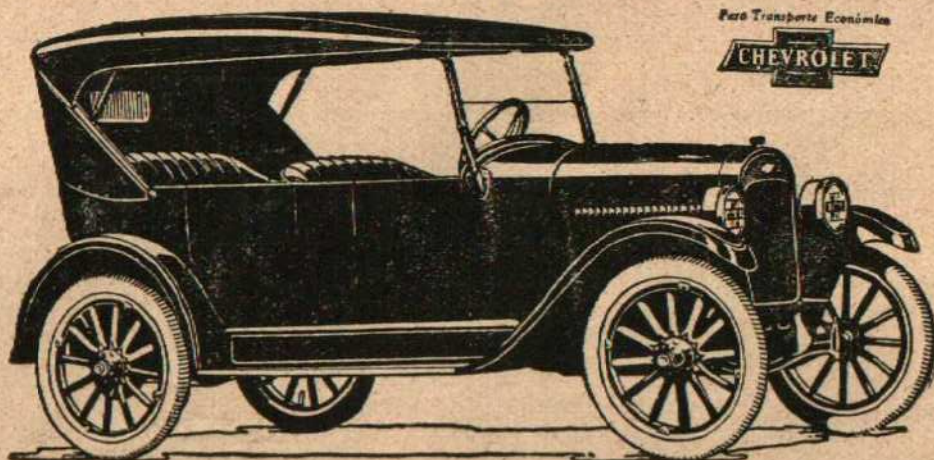
Tenho, com isso, invariavelmente verificado que a noção do relevo fica muito mais nitidamente gravada na memoria e facilmente se comprehende que enorme importancia assume para o conhecimento da geographia de um paiz o facto de saber o alumno perfectamente o relevo geral e a orientação em que, pelo declive natural, têm de correr as aguas. Quem ensina, bem me entende. Então, do mappa que a principio lhe apparece como emmaranhado labyrintho de traços, estes tremulos, aquelles rectos ou distendidos em amplas curvas; uns azues, outros vermelhos, outros negros; uns cheios e outros interrompidos ou pontilhados segundo minuciosas convenções, sente o alumno sahir distinctamente e gravar-se-lhe na memoria a rêde fluvial inteira, vendo claro, onde tudo lhe parecia arbitrario e confuso, para que direcções correm os rios, quaes os recessos de onde manam e as regiões que banham, ou que para elles mandam suas proprias aguas pelos declives naturaes. E só assim comprehendem o relevo e a hydrographia do paiz.

Não pretendo, é evidente, ensinar o Padre Nosso ao vigario, mas apenas consignar que com estes recursos tenho tirado bons resultados. Acredito desnecessario descer a muitas minucias nesta parte do estudo, e só para indicar até onde me parece justo avançar é que me permitto fazer, como faço, em escripto desta natureza, isto é, em comunicação endereçada a collegas ou então a alumnos particularmente esforçados que

O novo Chevrolet 1924.

MAXIMA QUALIDADE

MINIMO PREÇO



VENDAS A PRASO LONGO

Unicos agentes para todo o Brasil:

Companhia Commercial e Maritima

AUTO GERAL

Rua Benedictinos, 1 a 7

Rio de Janeiro

PARA TINGIR EM CASA

TINTOL

O UNICO EM SABONETE 2/500

TINGEOL

O MELHOR EM PO 1/500

Depositarios Geraes: M. Gonçalves & Cia. — Rua Municipal, 13 — T. N. 195

CREME GENEURA

REJUVENESCE E EMBELLEZA A CUTIS

Um attestado valioso de uma grande artista



Rio de Janeiro, 19 de Abril de 1921.

Illmos. Snrs. J. FREITAS & Cia.

Usei o seu preparado "CREME GENEURA" e attesto o seu poderoso effeito no rejuvenescimento da cutis, destacando-o dentre os productos similares

Gratissima se confessa

RACHEL BARROS

não á massa commum de nossas turmas, uma synopse dos principaes divisores de aguas e dos centros de dispersão de nosso paiz.

Antes de entrar nessa exposição synoptica, seja-me ainda licito lembrar que acho essencial faça o professor comprehender perfeitamente pelos discipulos o que seja o divisor das aguas, ou linha divisoria de aguas, ou linha de vertentes; sua importancia como uma das fronteiras mais frequentemente adoptadas em tratados de limites. Mostre que nem sempre as linhas divisorias e os centros de dispersão coincidem com as linhas de cumiada de altas serranias, ou então com massiços consideraveis. Aqui e ali haverá tal coincidência; mas não raro as aguas se dividem por uma divergencia quasi imperceptivel da superficie da terra.

Entre os divisores notaveis, que será naturalmente necessario citar e exigir, creio que estão os seguintes, dos mais importantes. Tendo em consideração o tomo desta revista, em que a mim, que sou dos minimos da casa, não seria licito açambarcar paginas e paginas, reduzi a synopse tão somente á região brasileira comprehendida na bacia amazonica.

a) A serra *Tumucumaque*, donde sae o Oiapoque, que segue no rumo aproximado do Nordeste, e estabelece a separação entre as aguas que vão para as Guianas Franceza e Hollandeza, buscando, em geral, o Maroni e o Corentine, e as aguas que pelo Parú, Maicurú, Cuminá e Trombetas (ommitto de proposito os grandes afluentes e os rios das cabeceiras) vão para o nosso Amazonas.

b) A serra *Acarahi* divisor de aguas entre os afluentes superiores da esquerda do Corentine, bem como o Essequibo e seus altos afluentes (principal o Rupununi) de um lado, e alguns tributarios do Amazonas, de outro lado (Trombetas com o Mapuera, etc).

c) A serra *Uassari*, continuação da precedente, que fica exactamente na região de onde saem — para a Guiana Ingleza as aguas do alto Essequibo, e para o Pará as dos formadores mais altos do Mapuera.

d) A serra da *Lua*, de onde corre o Tacutú, nossa fronteira com a Guiana Ingleza nesse trecho. E' divisoria de aguas: das que vão para o Rupununi e para o proprio Tacutú, e das que, rumando para Oeste, vão alcançar o rio Branco pela esquerda. Esta serra da Lua consta de varios serrotes, cujas denominações locais são: montes *Guarida*, serra *Arauassú*, etc. sendo nesta ultima que tem origem o Tacutu'.

e) A serra *Pacaraima*. Enorme divisor de aguas. Dá-se habitualmente esta serra como terminando na Roraima, o que é engano. Ella continua, além deste serro, e só vae morrer á margem esquerda do Rupununi, em plena Guiana Ingleza. Neste seu trecho derradeiro é ella divisora das aguas que vão para o Essequibo (Potaro, Siparuni, Burrobirro, etc.) para o Rupununi e para o Mazaruni, e das que vão para a bacia do Amazonas (lado do Brasil). estas (as que vão para o Brasil) são principaes o rio Ireng ou Mahú, que vem do serro *Yakontipú* e o rio Cotingo, Cotim ou Sumuru, cuja nascente no serro da *Rosaina* assignala o ponto mais septentrional de nosso territorio. Entre o *Rosaina* vae, entendemos naturalmente, pela cumiada, a linha de limites entre o Brasil e a G. Ingleza, linha que neste trecho ainda nenhum tratado assentou. O Mahú e o Cotingo referidos são tributarios do Tacutú, que por sua vez, com o Uraricoêra, forma o Branco tributario a seu turno, do Negro, como este o é do Amazonas.

A partir da *Rosaina* até o serro *Machiati* ou *Macheati* estende-se, grande divisor de aguas, a serra de *Pacaraima* entre os territorios do Brasil, de um lado, e da Venezuela de outro. Tem varias denominações locais, que se não encontram, em geral, nos atlas, mas que podem ser lidas na bella carta executada pela commissão mixta de demarcação, chefiada pelo Barão de Parima (Encontra-se, se me não engano, annexa ao Relatorio do M. dos Negocios Estrangeiros, de 1875. Possuo uma copia do desenho, por mim mesmo tirada, mas não tenho á mão neste momento a indicação precisa do tomo do Relatorio). — Aguas que divide: para o Norte, as que vão para o Orinoco: o Caroni e seu tributario Paragua, o Caura, o Ventuari; para o Sul as que vão para o Amazonas, todas encaminhadas pelo affluente de sub affluente que é o Uraricoêra.

f) A serra de *Parima*. Do serro *Machiati* para o Sul é esta o grande divisor de aguas. Para Leste vão ellas, em geral, em busca do Uraricoêra, ou do proprio rio Branco. Para este procuram o Orinoco, em seu mais alto curso, na Venezuela.

Inflexindo para Sudoeste, a cordilheira já não é de Parima; muda de nome. São as serras *Curupira*, *Tapirapecó* e *Imeri*.

g) A linha de serras constituida por *Curupira*, *Tapirapecó* e *Imeri* vae morrer já perto do Guainia, ou alto rio Negro. E' divisor de aguas: para o Norte, vão as que buscam o alto Orinoco, na Venezuela, e para o Sul as que procuram o rio Negro, no Brasil: *Padauri*, *la Canaburi*, etc. E' na extrema occidental desta serra que existe a curiosidade natural do canal *Maturacá*. Colocado na encosta da serra, estabelece a

comunicação entre as águas que vão para o Negro, no Brasil, e as que vão para o Baria, na Venezuela. O Baria vai para o mesmo Negro, porém na Venezuela. O Baria, o Maturacá e o la Canaburi de um lado, e o Negro de outro, é que formam a grande ilha Pedro II, que está parte na Venezuela e parte no Brasil. O Baria está em comunicação, pelo braço Cassiquiare, com o Orinoco. Desta sorte é fácil comprehender como se ligam as duas grandes bacias — Orinoco e Amazonas.

Transposta a grande ilha Pedro II, alcançamos Cucuhi. Começa a fronteira da Colômbia. Pouco além, notavel divisor de águas:

h) As pequenas elevações que vão alinhadas até o serro do *Caparro*. São ellas o divisor de águas entre o alto Guainia, na Colômbia, e o Negro, que é o proprio Guainia no Brasil. Para a Colômbia vão, entre outros, o Aquio e o Tomo, e para o Brasil o Japeri, formador do Xié.

Em continuação ao Caparro, já o divisor das águas não nos pertence: vem o Cuiari, vem o Icoana, vêm o Uaupés, o Kerari, o Tikié, e o Apaporis de elevações colombianas proximas da fronteira. O Caquetá ou Jupurá vem dos Andes da Colômbia. Não me parece acertado referir aqui, neste trecho, os *Andes* como divisor de águas, pois que se trata de estudar os divisores que existem no Brasil. Afigura-se-me, porém, perfeitamente justo mencionar os *Andes de Conomama*.

i) *Andes de Conomama*. Este ultimo degráo dos Andes do Perú é geralmente denominado em nossos livros a serra de *Contamama*, ainda que não seja uma serra. Nossa fronteira segue o divisor das águas constituido por esta "serra" até o paralelo da bocca do rio Breu, affluente do Juruá. E' destes Andes que nos vêm o Javari, o Juruá (com seus numerosos tributarios: Ipixuna, Mõa, Juruá-mirim, Amonea, Gregorio, Tarauacá com o Embira); d'ahi por deante, já não são propriamente os Andes de Conomama, o divisor mas os proprios Andes da Bolivia e do Perú, donde nos vêm o Purús, o Iaco, o Xapuri, o Acre, o Abunan e os formadores do Madeira.

A seguir, devo assignalar os divisores que ficam para o Sul do Amazonas. Avulta em primeiro logar

j) *A Cordilheira Geral e Serra dos Parecis*. E' propriamente o começo do bordo meridional do planalto central brasileiro. Da parte media de Matto Grosso e do Sul de Goyaz para o Norte, o terreno vai baixando lentamente até as margens do Amazonas. Do lado meridional, o bordo do planalto tem o aspecto de serras. Eis a Cordilheira Geral, eis a serra dos Parecis, etc.

A Cordilheira Geral e a Serra dos Parecis formam notavel divisor de águas: para o Norte as que vão para o Madeira: o Mutum-Paraná, o Jaci-paraná, o Candeias, o Jamari, o S. Pedro, o extenso Gíparaná, o Roosevelt, o Juruema. Para o Sul, pequenos tributarios da direita do Guaporé, e finalmente o proprio Guaporé. Para o Sul ainda, mas já para outra das grandes bacias do Brasil (a do Prata), o Jaurú, o Cabaçal, o Sepotuba.

k) Depois, a linha divisoria de águas no grande planalto de Matto-Grosso e parte de Goyaz é constituida pelas serras *Vermelha*, do *Tombador*, e *Azul*. Para o Norte, em busca do rio Amazonas, saem o Arinos, o S. Manoel, e os formadores do Xingú; para o Sul, o rio Paraguay, que logo entra na baixada, ou depressão, em que tem quasi todo o curso.

Agora temos de distinguir, partindo do centro do planalto de Matto-Grosso, tres divisores de águas: uma linha no rumo aproximado do Norte, constituida pelas serras do *Caiapó* e do *Roncador*; uma que segue para Nordeste, penetrando no Sul de Goyaz; e a terceira, que vai no rumo aproximado de Sudoeste alcançar a serra *Maracajú*.

l) *Serra do Roncador*. Continua no Pará com a denominação de serra de *Gradaús*. Separa as águas do Xingú das do Tocantins (Araguaya).

m) *Serra do Caiapó*. Separa as águas que vão para o Rio Paraguay: S. Lourenço e Taquari, das que vão para o alto Araguaya.

n) A terceira das linhas acima referidas não é constituida por elevações consideraveis do terreno. E' a linha que separa as nascentes dos rios que de um lado buscam o Paraguay e seus affluentes, e de outro o Paraná. Para Oeste o Coxim, o Aquidauana, etc. Para Leste o Sucuriú, o Pardo. Importante este divisor, sob o ponto de vista historico, pois nos recorda aquelles tempos de desvairada ambição e louco heroismo della resultante, em que os Paulistas vararam pelo sertão a dentro a descobrir o recesso do Brasil: Matto-Grosso.

o) Esta linha continúa com as serras *Maracajú* e *Amambahi*, que separam os rios que vão para o Paraná, dos que vão para o Paraguay. Dos primeiros, o Ivinheima, o

Amambahi e o Igatimi; dos outros o Apa, o Estrella, o Aquidaban, o Ipané, e o Jejuhi (estes tres inteiramente dentro do territorio da republica paraguaya).

A terceira linha, a que acima me refiro, é constituida pelas serras *Sellada*, *Santa Martha*, *Santa Rita* e *Montes Pyreneus*. Separam a bacia do Tocantins da do Paraná e portanto sahem dos limites que me tracei.

—()—

Centros de dispersão não os ha notaveis na região abrangida por este breve estudo. Poder-se-ia talvez citar um, só pelo luxo de mostrar o que seja: — Bem ao Norte, no Estado do Pará, o centro de dispersão constituido pelas terras elevadas da Guiana Brasileira, proximas ao litoral. Desse minimo platô, que attinge apenas a cota de 300, ou de pouco a excede, saem aguas para o Norte, — as que vão para o Oiapoque, pequenos tributarios da margem direita; aguas directamente para o Atlantico, que são o Cassiporé o Cunani, o Calçoene, o Maiacaré, o Amapá Grande, o Frechal, o Tartarugal; aguas para o Amazonas, de que são notaveis apenas as do Araguari e de tres ou quatro afluentes do Jari.

—()—

Estudando as linhas divisorias no planalto matto-grossense não deixe o professor de observar a facilidade da intercommunição das bacias, facilidade que tem sido aproveitada, ainda que muito rudimentarmente pelos que varam os sertões de nossa terra. Como seremos grandes se algum dia pudermos tirar partido de todo esse material hydrographico portentoso: bacias hydrographicas, tão vizinhas, para aperfeioar a rêde das vias internas de communição !

—()—

Como fiz para as terras abrangidas pela bacia amazonica, facil é fazer para o resto do territorio nacional, onde as divisorias de aguas são em geral bem nitidas, e quasi sempre caracterizadas por accidentes do terreno. Repito que de minha experiencia tenho verificado ser esse o caminho melhor para que os alumnos consigam construir a idéa exacta, ou tão aproximada quanto possivel, do relevo do paiz. E só por isto escrevi estas linhas, animado da esperanza de ser util a alguns estudiózos.



A Rosa e a Vida

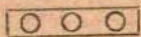
Roberto N. Lindsay

A nossa vida é tão breve
tão fugaz, tão passageira,
embora longo o soffrer,
que a vida passa ligeira
como a vida d'uma rosa,
que desponta na roseira.

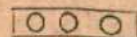
Nos vergeis da existencia,
ao sorrir das illusões,
vêm os brincos da infancia
são da roseira os botões
que desabrocham primeiros
nas ramadas em pendões.

Com o sol da mocidade
as illusões multicores
em bellos sonhos se abrem
qual na roseira os botões
ao beijo quente do sol
no hastel se fazem flores

No fim porém, da existencia,
perdidos pelos caminhos,
as esperanças da vida,
só restam males damninhos,
são como rosas sem pétalas
são rosas cheias d'espinhos!...



HISTORIA GERAL



Celso Lemos

Docente de Historia Geral



(PONTO VI)

(*Conjecturas sobre a origem da terra e da humanidade — Theogonias e cosmogonias diversas — As lendas principaes — Como os antigos concebiam o equilibrio do universo — O geocentrismo*).

O problema da nossa origem attraheu em todos os tempos a attenção dos pensadores: o homem que reflecte quer saber de onde vem a attração do mysterio do seu passado não tem igual senão na do seu destino.

Eis porque os ensaios de cosmogonia sempre têm actualidade. Para o sabio têm uma outra vantagem: marcam por assim dizer os estagios atingidos no decurso dos seculos pela evolução do pensamento. Todas as cosmogonias são, com effeito, obras de synthese fixando os progressos do espirito humano nos dominios os mais diversos.

Quando se estuda as cosmogonias antigas não se pode reprimir um sentimento que se impõe da maneira mais imperiosa: ao lado de divergencias de opinião, de minucias muita vez infantis, por vezes burlescas, percebem-se affirmações sempre identicas.

Antes da descoberta das inscrições cuneiformes não possuíamos senão dados vagos sobre as idéas que os primeiros habitantes da Mesopotamia podiam fazer sobre a criação. Em 1875, M. G. Smith exhumou da bibliotheca de Ninive um longo poema contendo uma cosmogonia chaldaica muito anterior a Moysés e do qual Abrahão poderia ter tido conhecimento.

Em synthese, esse poema nos falla do cháos no inicio das cousas; o abysmo primordial, isto é: — as aguas, o oceano do começo das eras, e os astros que servem de signaes para medir os annos e os mezes.

Temos, outrossim, narrações do diluvio e da descida de *Ishtar* (deusa do amor) aos infernos.

Os primeiros deuses para os babilonios sahiram do cháos, concebido como mar sem limites e symbolizado no dragão *Tiamat*. Para pôr o mundo em ordem foi mister combatê-lo e dominal-o. *Marduck*, o deus de Hammurabi, primeiro rei da Babilonia unificada, collocado a testa do pantheon, conduziu a guerra e depois da victoria tornou-se chefe dos deuses. Em seguida pôe barreiras intransponiveis ao poderio do mar. Os homens não foram creados senão depois, talvez com a argilla, e, como não correspondessem á bondade dos deuses, estes decidiram destruil-os pela agua.

Ea (agua) revela esse designio num sonho ao Noé babilonico *Utnapishtim* que constróe uma arca e nella se encerra com os seus. Após sete dias de uma terrivel tempestade a arca encalha numa montanha e *Utnapishtim* solta uma pomba e uma andorinha que voltam por não terem encontrado onde pousar. Um córvo liberto pouco depois não volta. *Utnapishtim* sahe então da arca e offerece um sacrificio cujo fumo attrahe os deuses "como moscas".

Para os chaldeus o universo tinha a figura de um barco redondo e emborcado.

As idéas dos Egyptios sobre a criação do mundo não são menos confusas e contradictorias que as suas idéas sobre a morte.

Uma das mais correntes explica a origem das coisas pela união do deus da terra com a deusa do céu, concepção commum a muitos povos.

Uma lenda mal conhecida, fazia *Ra*, o creador do mundo e dos homens o qual irritado com a maldade destes, destruiu a humanidade para ordenar de novo o céu e a terra. Outra doutrina attribuia a criação ao poder magico do deus *Thot* de Hermapolis, cuja voz teria feito sahir o mundo do nada. O sol, (*Ra*) sahido de um ovo, navega em um barco sobre o rio-oceano; é óra um falcão de vôo rapido, óra um escravelho brilhante.

Para os egypcios a luz da aurora era de fonte diversa da do dia e quanto a constituição da terra elles a suppunham plana, apoiada sobre solumnas, e sólida a abobada celeste.

Entre os Hebreus encontra-se a historia da criação no *Genesis*, primeiro livro da Biblia, que, por ter sido adoptada pelo christianismo, é por demais conhecida, dispensando-nos de entrar em minucias a seu respeito. De accordo com o livro sagrado, no inicio era apenas o cháos. Deus, o *Jeovah* dos Hebreus, por seu verbo divino, fez em seis dias a criação que podemos resumir assim:

Primeiro dia — Creação do universo material, (os céos e a terra) a luz e as aguas.

Segundo dia — Formação do espaço; separação das aguas superiores e inferiores.

Terceiro dia — Aparecimento da terra firme e formação dos vegetaes.

Quarto dia — Apparição dos astros.

Quinto dia — Formação dos animaes marinhos e das aves.

Sexto dia — Formação da fauna terrestre e do homem, feito de barro.

Segue-se a lenda da criação da mulher (Eva) formada da costella do homem (Adão) quando em somno profundo; a sua vida no paraíso terrestre; a narrativa do peccado original e a consequente expulsão pelo archanjo Gabriel.

Cumprindo o preceito divino os homens multiplicaram-se e tendo incorrido, pela sua maldade, na cólera de Deus, este resolveu exterminal-os pela agua. A narrativa do diluvio corresponde mais ou menos á lenda assyria, se substituirmos o *Utmapishtim* pelo *Noé biblico*.

Entre os primitivos habitantes da India, as lendas sobre a origem do mundo e dos homens são numerosas e confusas. Umhas ha que são mysticas como a que faz sahir as coisas da unidade primitiva scindida pela potencia do Desejo. Muitas outras são pueris e extravagantes como a do gigante sacrificado pelos deuses e de cujos membros separados teriam sahido todos os sêres.

O *Rig-Veda*, o mais antigo dos livros vedicos, assim se exprime sobre as origens:

"Que era o profundo abysmo?... Não havia mais que trevas no inicio, envolto em trevas, tudo era um mar indiscernível".

O livro das *Leis de Manú*, o *Vichnou-Pourana*, os textos *parsis* nos apresentam todos deformações da cosmogonia biblica, mas são todos accordes em nos ensinar que a agua primordial era a principio escura, tornando-se clara depois, com a luz do dia.

A India conheceu uma historia do diluvio. *Manú*, o *Noé hindú*, é salvo pelo deus *Vichnon*, que sob a forma de um peixe arrasta-lhe o barco até o cimo de um rochedo. Essa lenda é talvez de origem babylonica.

A terra afigurava-se aos hindús como plana e dividida em continentes dispostos como flôres de lótó ou como corôas concentricas, separadas por oceanos de liquido diversos. Para os Brahmanes era uma planicie em cujo centro se elevava o monte *Merú* apoiado sobre quatro elephantes de bronze que repousavam sobre a carapuça de uma tartaruga; e esta, por sua vez, apoiava-se sobre a serpente primordial.

No cimo da hierarchia divina, entre os persas, está o tempo infinito que se se representava por figuras aladas com cabeça de leão. O filho do tempo é *Ahura Mazda* e o genio do mal é *Ahriman*. O principio do bem, o deus luminoso é *Mithra* que nascido d'um rochedo delle faz sahir uma fonte ao feril-o com uma flecha. Allia-se ao Sól e entra em lucta com um touro que elle domina e sacrifica e de cujo sangue nasceram todos os sêres vivos.

Chegados, por fim, á antiguidade classica, encontramos á par de concepções infantis e fabulosas acerca da origem e natureza do universo, outras que anteciparam pelo seu arrojó as conquistas da sciencia moderna. E' assim que nos tempos heroicos que Homero descreveu, admittia-se que a terra fosse um disco cylindrico rodeado pelo rio *Okeanos*. Durante a noite o sol extinguindo o seu fogo, banhava-se no rio, que contornava, para reaparecer pela manhã no lado opposto. Posteriormente Anaximandro, successor de Thales, de Mileto, foi o primeiro a considerar a terra como isolada no centro da esphera celeste que arrasta todos os astros na sua rotação diurna. Segundo Platão e Aristoteles, os céos de crystal em que se movem os planetas e as estrellas fixas são concentricos com a terra immovel. Esses dois formosos engenhos não poderam atinar com os movimentos da terra. Só no 3º seculo Aristarcho de Samos foi o primeiro a annunciar e sustentar

a verdade completa do movimento da terra, si bem que se haja attribuido a Pithagoras a descoberta da rotação e translação em torno do sol. Já então, era professada a esphericidade do planeta que habitamos apesar de não ser universalmente aceita essa doutrina.

Voltando a atenção para o occidente vislumbramos alguma cousa das crenças nordicas sobre cosmogonia. Um dos canticos dos poemas de *Edda*, chamado *Voluspa*, informa-nos que no começo era o chãos, entre a região do fogo e das trevas. Fecundado o gelo pelo fogo, nasce o gigante *Ymir* pae das entidades malignas. Após varios episodios o deus *Odin* mata a *Ymir*, do qual se forma então o mundo. A terra é a sua carne, o mar seu sangue, as pedras seus ossos e a abobada do céu seu craneo. Mas, com isso, a victoria dos deuses não é completa e da carne de *Ymir* surgem anões que habitam as cavernas e guardam thesouros. Os deuses, então, decididos a povoar a terra, arrancam pela raiz duas arvores (um freixo e um olmo) dos quaes surge o primeiro casal-humano. Segue-se a narrativa de um incendio que devóra o mundo e destróe a raça humana que reaparece graças a um poder mysterioso coordenador das cousas.

Entre os indigenas da America o mundo dos espiritos tem um chefe — o *Grande Manitú*, incorporado n'um animal. O mundo foi creado por elle após uma luta com a agua. Quanto aos homens, acreditava-se que tenham nascido das arvores e que foram elevados a condições melhores por heroes ou semi-deuses civilisadores. No Perú, uma tradição os fazia sahir de pedras e rochedos, permanecendo todavia a concepção do heroe civilisador.

Na longinqua Polynesia vamos encontrar um deus creador e lendas sobre a origem do mundo, que teria sido pescado no mar ou sahido de um ovo, assim como, em certos logares, a crença na unidade de origem dos animaes e dos homens que se manifesta ainda em historias de metamorphoses de homens em tigres.



DA CALLIPHASIA

Mello Ayres

Professor de Lingua vernacula e Calliphasia
da E. Normal de P. russuunga

A nosso ver, uma das partes mais importantes da cadeira de Lingua Vernacula é a — calliphasia.

Face artistica da linguagem, menos depende de preceitos que da aptidão do professor, que deverá possuir qualidades distinctas no que respeita á arte de dizer.

Como se não aprende a dansa pelo reparo de passos á direita, passos á esquerda, gyros e balanceios, tambem acreditamos em desproveito o emmaranhado de regras na calliphasia, uma vez que o professor — o modelo vivo — não reuna em si os requisitos primordiaes na arte difficil de ler e de falar.

Instruccões mecanicas, a muito, nos levarão ao artificio de desenrolar uma musica á pianola, jámais á interpretação colorida duma pagina inspirada, na alvura fria do teclado !

O programma de calliphasia ha de constar de uma série graduada de excerptos — perola do nosso oceano literario, colhida aos nossos estatuarios das letras. A selecção obedecerá a um criterio seguro, afim de que cada extracto vise um alvo a attingir.

Assim, para a correção dos defeitos relativos á prolação dos rr (rhotacismo), tome-se o inteiriço soneto de Cepellos — “O trem de ferro”, ou a vigorosa descripção de Castro Alves — “A Queimada”. Para os realces artisticos do imitativo e da onomatopéa busquem-se os primores de Bilac, de Raymundo Corrêa, e de outros artifices da rima e da prosa. Para a belleza e vigor da expressão, as “Palavras ao Mar” de Vicente de Carvalho e o “Burity Perdido” de Affonso Arinos. Para as descripções animadas — “O estouro da boiada” — “A volta das Andorinhas” de Ruy Barbosa; “As Procellarias”, — “O Samba” de Julio Ribeiro, etc. Para a iniciação oratoria as paginas dos Ruy, dos Mont’Alverne, dos Basilio Machado e de outros que taes.

A bem da orthophonia, o professor, de observação em observação, ha de ter sob as vistas o individualismo dos alumnos.

A uns curará, mais de perto, de taes defeitos caracteristicos; com outros insistirá sobre quaes deslises; a terceiros, chamará a attenção para outros senões... E’ o mestre do violino a observar no discipulo já a arcada menos segura, já a rispidez no som, já o embaraço da melodia...

Apresentada á classe a lição, isto é, a pagina a ser interpretada, o trabalho, pensamos, resumir-se-á em tres phases distinctas, as quaes abrangerão duas ou mais aulas consecutivas.

PRIMEIRO PASSO

Leitura inicial pelo professor e pela classe, afim de que os alumnos se apercebam do assumpto e conheçam, de antemão, certos embaraços a levar de vencida.

A seguir, o professor insistirá sobre a pronuncia de certas palavras do trecho, por amor á phonetica e á prosodia. Os grupos vocalicos — ei, ou; os rr e os ll, merecerão cuidado especial por parte do professor. Serão, então, corrigidos em flagrante os vicios attinentes á articulação, á quantidade, á intensidade das syllabas; á sonoridade e á esthetica das palavras.

Aos mais amarrados, vale fazer repisar a leitura, mas, desta feita, a dentes cerrados.

SEGUNDO PASSO

O professor lerá a producção ou dil-a-á de cór, si possivel, pondo em relevo todo o sentimento, todo o entusiasmo, todo o calor que o trecho exigir.

Isto feito, levará os alumnos a imital-o, fazendo-os lerem de modo expressivo e animado. Agora, haverá ensejo para lhes inclinar a attenção para as ligações e absorpções — synerese e synalepha — para o onomatopaico; para o vibrante e para o suave e melancolico... Depois, o professor fal-os-á conhecer as pausas e os demais segredos exigidos pelas circumstancias do assumpto. Si se tratar de versos, conduzil-os-á á descoberta dos accentos predominantes e das cesuras; explicar-lhes-á o rythmo e as rimas... O professor, habilmente, irá incentivando no espirito dos alumnos o sentimento do Bello, o amor á Esthetica, ao tempo que lhes exigirá todo o realce nos trechos literarios a exemplo do artista do teclado que, pondo de margem o corriqueiro das musicas banaes, vae insinuando na alma do estreiante o feitio artistico da composição dos mestres, com os *fortes* e *pianos*, com os *andantes* e *allegros*, com o *crescendo* e *smorzando*, com o *cantabile* e o *maestoso*...

TERCEIRO PASSO

De cór, ou quasi, a pagina literaria será acompanhada da linguagem emotiva ou mimica. Mais por insinuação, que por simples mecanismo, o alumno ha de

servir-se dos gestos, com sobriedade, em complemento á linguagem falada. Os braços, os olhos, a expressão do rosto, tudo então animará a pagina que se tem em vista reviver.

Assente neste triangulo — nol-o diz a experiência — algo de satisfactorio nos será dado colher no campo da calliphasia.

Os exercicios, claro está, hão de variar, quer pelo estylo, quer pelo genero da composição, quer pela natureza do assumpto.

Dão optimos resultados os exercicios de conversação entre professores e e entre os proprios alumnos, sobre assumptos préviamente determinados.



O africano na história do Brasil

Alfredo Balthazar da Silveira

Passou como opinião geral no congresso que não ha raças superiores e inferiores, sim raças adiantadas e atrazadas. As diferenças entre as raças no ponto de vista physico, moral e intellectual, pensa a maioria do congresso, que são devidas ás influencias do meio physico, ás condições sociaes, sob as quaes têm vivido as raças atrazadas do outro continente.

(Congresso Universal das Raças, reunido em Londres em 1911, commentarios do Dr. J. B. de Lacerda, delegado do Brasil.)

Nunca existiu no Brasil, que foi colonizado numa época em que se tolerava a nefanda instituição da escravidão, em se preterindo, outrosim, varios principios que deveriam ser observados, para apressar o seu engrandecimento economico e moral, odiosidade entre os tres grupos ethnicos, que deram origem á formação do typo brasileiro. E esse phenomeno sociologico, que, aliás, engrandece a população brasileira, tornando-a merecedora das sympathias dos que conhecem a nossa historia, é, perfeitamente, explicavel. Sabe-se que a colonisação do Brasil começou a merecer certos cuidados depois que o rei D. João III entendeu que deveria substituir o regimen das donatarias pelo governo geral; e sabe-se, tambem, que, com Thomé de Souza, que serviu como primeiro governador da nossa terra, vieram os jesuitas, a cuja competencia se confiou a espinhosa tarefa de catechisar o selvicola. Ora, o jesuita, a despeito dos que observam o seu nobilissimo sacerdocio, sob o prisma da perfidia, foi um elemento valioso do progresso moral e intellectual da nossa terra, quer pela maneira altamente generosa com que se conduzia naquelle difficil encargo, supportando, com resignação irrivalisavel, todas as provações que difficultavam o desempenho da sua ardua missão; quer pelos exemplos de humildade, de magnanimidade, de firmeza de principios, de coragem em momentos de angustia, que offerecia áquelles qu o cercavam, quer, finalmente, pelos ensinamentos que incutia no animo dos indigenas e de varios colonos, em se esforçando, tambem, para desenvolver, entre elles, a solidariedade christã.

Ora, é indiscutivel que essa influencia salutar do jesuita actuou de uma maneira assaz benefica na terra brasileira, evitando que se estabelecesse aquella odiosidade, que se observa em varias regiões do globo terrestre entre o branco e o negro, e que se transmite de gerações a gerações, como succede na America do Norte. Educado, portanto, naquelle regimen excelente, que os abnegados padres da Companhia de Jesus introduziram nas selvas brasilicas, os colonos e os selvagens adquiriram costumes e usos, que facilitaram o cruzamento daquelles grupos ethnicos, envolvendo-os todos numa mesma atmosphera de sympathia e irmanando-os numa completa communhão de aspirações.

Portanto, foi o jesuita quem concorreu com a palavra convincente e com o exemplo edificante para que não medrasse nunca, entre nós, qualquer rivalidade entre os tres grupos ethnicos, que collaboraram na formação do typo brasileiro. Outra causa, que convém ser memorada, por que auxiliou a tarefa ardua a que se entregaram os grandes discipulos de Santo Ignacio de Loyola, foi, incontestavelmente, a mansidão das maneiras dos africanos, a

qual se não confunde, por certo, com o servilismo, que degrada o homem. O africano, que emigrava para as nossas terras, conquistava, desde logo, pela brandura dos seus gestos, pela simplicidade das suas maneiras, pela sinceridade dos seus actos, pela affectividade que consagrava áquelles com quem se ligava, uma profunda sympathia, que se transformava, com o correr dos annos, numa verdadeira estima. Porque o africano não conhecia a malicia e a hypocrisia, a calumnia e a inveja, suas acções eram espontaneas, isto é, não dependiam de movimentos interesseiros que, na mór parte das vezes, são, inquestionavelmente, o regulador das acções dos homens civilisados. Adaptava-se o africano ao trabalho que lhe distribuíam os seus senhores, e, jámais, demonstrava indisposição para executar a sua tarefa; e, quer nas lavouras, quer nos trabalhos de mineração, elles revelavam, sempre, uma laboriosidade, que os distinguia dos indigenas. Incapaz de qualquer villania, o africano não se deixava, porém, amesquinhar, e sabia reagir, com altivez, sempre, que a sua pessoa fosse alvo de zombarias. Da sua reconhecida altivez surgiu a Republica dos Palmares, organizada numa época em que o audacioso invasor apoquentava uma grande parte do nordéste brasileiro; da sua reconhecida altivez nasceu a conspiração, planeada, no correr do anno de 1724, e descoberta em 18 de junho do anno seguinte pelo capitão-general de Minas Geraes, D. Lourenço de Almeida, e que visava vingar os africanos dos ultrajes e perversidades de varios senhores da dita capitania; da sua reconhecida altivez originaram-se varios conflictos de summa gravidade, na comarca do rio das Velhas, no começo de novembro de 1714, porque elles se não subordinaram a umas exdruxulas instrucções, e, impavidos, aceitaram o desafio dos indios que os foram procurar; da sua reconhecida altivez existem, ainda, em todas as phases da nossa historia, traços robustos que servem para dignificar aquella raça, que a ganancia dos homens teimou em conservar, num doloroso captiveiro, durante varios seculos. E, da sua reconhecida bravura, nos campos de combate, ficaram exemplos, que se não apagam da imaginação dos que compulsam a nossa historia. Na segunda invasão hollandeza, que foi a mais longa e encarnigada luta do período colonial (1630 a 1654), a figura do preto Henrique Dias adquire um fulgor incomparavel; pois, dotado de uma bravura, que o assemelhava aos mais ardorosos patriotas, chamem-se elles Themistocles, Melciades, Leonidas, Junio Bruto, Regulo, Camillo, para citar, tão só, os principaes guerreiros daquelle periodo em que o patriotismo impellia o homem aos mais arrojados feitos, o preto Henrique Dias praticou varias façanhas, que justificariam o seu ingresso na galeria dos heróes de Homero. Na disputada batalha de Comendaituba (pequeno ribeiro nas proximidades de Porto Calvo, 18 de fevereiro de 1637), o valoroso Henrique Dias depois de haver pelejado, com inexcedivel coragem, foi, novamente, ferido no braço esquerdo. Não desertou do seu posto de honra, e chegaram até os nossos dias as palavras que teria, então, pronunciado, quando lhe amputaram o braço esquerdo: — *sobravam-lhe, ainda, dedos na mão direita para servir ao seu Deus e ao seu rei*. Foi, outrossim, notavel a sua cooperação na defesa da cidade do Salvador, quando a atacaram as hostes de Mauricio de Nassau, na direcção das forças que cercaram Recife e nas sangrentas batalha dos Guararapes.

Marcilio Dias, nascido na então provincia do Rio Grande do Sul e que havia adquirido a estima dos seus superiores, pela conducta nos combates de 6, 8 e 31 de dezembro de 1864 e de 2 de janeiro de 1865, que permittiram a tomada de Paysandú pelas forças brasileiras, encontrava-se embarcado na corveta *Parnahyba*, na memoravel jornada do Riachuelo. Taes proezas praticou elle naquella grande batalha naval, que o governo imperial deu o seu nome a um dos vasos de guerra, que seguiram, depois, do inolvidavel combate do Riachuelo, para ajudar a derribada do tyranno, que havia obrigado, com os seus reiterados insultos, o nosso paiz a aceitar aquella guerra. O intrepido imperial marinheiro, que falleceu na tarde do dia 12 de junho, em consequencia dos graves ferimentos, que recebera, quando repellia os paraguayos, que abordaram o seu navio, tornou-se, inquestionavelmente, o modelo da bravura dos marinheiros brasileiros. Pedro Chaves, tambem imperial marinheiro, estava embarcado na alludida corveta *Parnahyba*, e revelou taes qualidades de bravura e de calma, durante toda a batalha, que mereceu acompanhar o valente tenente Miguel Antonio Pestana, fallecido no posto de almirante reformado, que fôra designado pelo impavido commandante Amelio Garcindo Fernandes de Sá, para occupar o vapor *Salto*, que, após uma certa resistencia, se havia rendido. El foi, ainda, o destemido marinheiro Pedro Chaves, em cujo peito brilhavam duas medalhas humanitarias de 1ª classe, quem içou no mastro grande do dito vapor *Salto* o pavilhão nacional. Merecem tambem, ser recordados pelos relevantes serviços que prestaram, naquelle combate naval, o sargento do Batalhão Naval, Augusto Pires Ferreira, o carpinteiro José Malaquias de Souza, que faziam parte da guarnição da canhoneira *Mearim*; os imperiaes marinheiros Manoel Joaquim dos Martyres e Antonio Garcindo, os quaes, embora adoentados, abandonaram o leito e permaneceram no tombadilho do vapor *Ypiranga*, até que soaram os clarins, que annunciaram a victoria das armas brasileiras; os imperiaes marinheiros Manoel José de Oliveira, João Pereira da Silva, João José Corrêa, que brilharam, pelo seu comportamento, durante a luta, e coope-

raram para que a canheoneira *Belmonte* adquirisse unisonos applausos. O piquete, que acompanhou o bravo Ozorio, na famosa passagem do exercito brasileiro pela margem esquerda do rio Paraná (16 de abril de 1866) era composto de mestiços, que, pela sua valentia, causaram um indescriptivel entusiasmo naquelles que presenciaram tão notavel façanha, infelizmente pouco conhecida. ... "pareciam demonios sahidos do inferno em freneticas correrias por entre o macegal, de lanças em rodopios, apparecendo aqui, alli e acolá, destruindo e aniquillando a pequena força inimiga, da qual, talvez, tivesse escapado alguem para contar essas façanhas aos sobreviventes dessa campanha e dizer-lhes: *me-ninos, eu vi*. (Apont. almirante Balthazar da Silveira — Campanha do Paraguay).

Será possivel aos que, nas chronicas historicas, procuram restabelecer a verdade dos factos, porque observam o *suum cuique tribuere*, silenciar acerca da maneira brilhante, por que se portaram, naquelles cinco annos de lutas e de provações consecutivas, os batalhões dos voluntarios da Patria, em cujos pelotões se encontrava uma grande quantidade de negros e mestiços?

Quem poderá esquecer o famoso batalhão dos zuavos da Bahia (assim denominado, porque as praças que o constituíam eram negros) na memoravel tomada da ponte de Itororó (6 de dezembro de 1868), em que o patriotismo delles arrancou do bravo e magnanimo Caxias os mais vehementes applausos? A bravura dos africanos, portanto, jámais será contestada; e a sua lealdade não pôde, outrosim, ser negada pelos que estudaram a nossa historia. Pouco conhecida, infelizmente, é a digna attitude de um escravo do brasileiro Dias Deiró, um dos implicados na rebellião de Bechmann, o qual, embora seduzido por grandes proventos, não denunciou ás autoridades judicarias o local em que se homisiara o seu antigo senhor e amigo; entretanto, o abominavel Lazaro de Mello não hesitou em seguir para a fazenda do Mearim, que servia de esconderijo ao seu protector Manoel Bechmann, afim de prendel-o... para alcançar os premios que a justiça e a realza daquellas eras conferiam aos que se tornavam traidores!

A bondade do africano era tambem reconhecida pelos que com elle viviam em intimidade, sendo, por esse motivo, pouquissimas as familias brasileiras em cuja companhia se não encontrasse uma das suas antigas mucamas; eram carinhosas amas de leite e abandonavam os seus filhos para amamentar o filhinho do seu senhor, sem outra preocupação que a de prestar um pequeno serviço, julgavam ellas, na sua simplicidade, á familia que as acolhia nas suas fazendas. Fui aleitado por uma mestiça, chamada Cecilia Costa, que, na opinião dos meus saudosos paes, sempre se mostrou zelosa e desvelada no cumprimento das suas obrigações; aggregou-se á minha familia, dispensando-me grande solicitude e só a morte nol-a arrebatou. Conheci, tambem, a ama de minha extremosa mãe, Balbina Maria Ramos, a qual viveu cerca de 60 annos na nossa intimidade, merecendo de todos nós a mais sincera affeição pelas suas grandes virtudes. O nosso copeiro, Palmero Costa, creoulo na pelle, mas claro no coração, que me acompanhava ao collegio, era, realmente, um typo de fidelidade; esteve quinze annos na nossa casa, e della só sahiu, para se internar numa enfermaria, na qual se armou a sua camara ardente.

Portanto, as linhas que escrevi sobre os predicados da raça africana não são o fruto de leituras scientificas; são, indubitavelmente, o resultado das impressões que colhi na convivencia com essa gente simples e sincera, que carece de instrucção e de salutaes exemplos, para se emancipar de falsos preconceitos. Da sua proclamada operosidade é que resultou o desenvolvimento economico do Brasil, pois, foi o braço escravo quem lavrou as terras brasileiras e colheu o café, que enriqueceu a mór parte dos fazendeiros paulistas, mineiros e fluminenses, a canna de assucar, que tornou prospera a zona do nordéste brasileiro, o algodão, o cacáu, o fumo e applicou a sua actividade nas zonas de criação, que se desenvolveu, lentamente, porque, como explica o erudito professor João Ribeiro, não interessava a coroa portugueza, uma vez que lhe não proporcionava impostos. Foi assaz valiosa, para o engrandecimento economico do Brasil, o elemento africano, por isso que o africano cedo se acclimou ás nossas terras, consagrou-lhe uma grande amizade e jámais conheceu impecilhos, que lhe arrefecesse o entusiasmo pelas selvas brasilicas.

O africano veio para o Brasil no começo do seculo XVI, pois, subordinado comb se encontrava á coroa portugueza, essa cuidou de colonisal-o com os habitantes das suas colonias do continente negro; e as ilhas do Cabo Verde, São Thomé e Anno Bom foram as que forneceram maior quantidade de africanos para o nosso querido paiz. Mais tarde, porém, a compra dos africanos passou a ser feita em Angola, Congo, Loanda, Benguella, Mossamedes, em se installando, então, os mercados de São Paulo de Loanda, São Felipe de Benguella, Caconda e Quilengues, que, tambem, abrigavam criminosos. O trafico africano era uma instituição, que, embora condemnada pelos principios comezinhos do direito natural, merecia o apoio das nações como a Inglaterra, a França, a Hespanha, a Hollanda e Portugal, que assignaram convenções no sentido de capturar africanos e levar-os ás differentes possessões americanas, ... mediante grandes recompensas. A escravidão era tolerada pelas

mais adiantadas nações e encontrava quem a justificasse nas suas obras, de sorte que, o africano estava exposto á ganancia dos mais audazes navegantes, que transformavam as suas náos em verdadeiros presidios daquella gente simples e indefesa. Mas, na propria Inglaterra, que auferira enormes vantagens com aquelle nefando commercio, appareceram vehementes protestos na alvorada do seculo XIX contra o captivoiro dos africanos, o qual se não apoiava nos ensinamentos da moral catholica, que condemna, formalmente, qualquer violencia contra quem se não pôde defender. Wilberforce (1796), secundando a campanha iniciada por Pitt (1786), combateu o trafico dos africanos; seus discursos lograram applausos, mas, não tiveram a força sufficiente para modificar os votos dos seus companheiros. Mas no Congresso de Vienna, que alterou o mappa-mundi, que a espada valorosa de Napoleão traçára, com as suas successivas victorias, coube á Inglaterra o papel, altamente sympathico, de combater o trafico da escravidão.

E' preciso, porém, não esquecer que a Dinamarca foi a primeira nação que extinguiu o trafico de escravos nas suas colonias, no anno de 1792; imitaram, em seguida, o seu nobilissimo gesto, a França (julho de 1793) e os Estados Unidos em março de 1794. O rei D. João VI pensou na immigração estrangeira, afim de evitar o trafico dos africanos, que começava a despertar, entre nós, acres recriminações daquelles que acompanhavam a evolução economica e intellectual da Europa e da America do Norte. A revolução pernambucana de 1817 estabeleceu a libertação dos escravos, que estivessem no Brasil; e, parece-me a mim, que esse grande gesto de generosidade concorreu para que fracassasse aquella tentativa de independencia do Brasil. Não era pequeno o numero de individuos que se tornaram abastados com o trabalho dos escravos; dahi a sua opposição á qualquer projecto que lhes arrebatasse das mãos o instrumento da sua riqueza.

D. Pedro I, para obter da Inglaterra o reconhecimento da independencia do Brasil, comprometteu-se a evitar o trafico dos escravos e a punir os brasileiros que o praticassem. Porém, as difficuldades daquelles primeiros tempos obstaram á plena realização daquelle compromisso, e, em varios portos brasileiros, ancoravam os navios negreiros.

Quando, porém, a clariyidencia dos membros da regência permanente collocou o grande Diogo Feijó na pasta da Justiça, appareceu a lei de 7 de novembro de 1831, a qual estabeleceu severas penas para aquelles que "transportassem, introduzissem, recebessem ou comprassem como escravos os individuos assim declarados livres". Se, infelizmente, as autoridades publicas não usaram de meios para a sua plena applicação, magistrados do valor de Antonio Joaquim de Macedo Soares, Manoel José de Freitas, Antonio Ferreira de Souza Pitanga, Monteiro de Azevedo, Salvador Muniz de Aragão, apegavam-se aos seus dispositivos insophismaveis, principalmente nos processos de inventario, para os libertar do captivoiro, quer indagando da época da sua entrada no Brasil, quer exigindo a sua matricula.

Em 4 de setembro de 1850 foi promulgada a lei que prohibiu o trafico, a qual é conhecida como lei Euzebio, em homenagem ao grande estadista Euzebio de Queiroz, que a referendou como ministro da Justiça; e, para orgulho nosso, posso affirmar que o governo imperial adoptou energicas providencias, as quaes concorreram para que não ficasse compromettida a dignidade nacional. Basta recordar que em 1849 foram apprehendidos 54.000 africanos, baixando, porém, tal cifra nos annos de 1850 (23.000), de 1851 (3.287) de 1852 (700); o que serve para mostrar que o governo imperial soube compenetrar-se da lealdade dos compromissos, que assumira com o governo da Inglaterra. Chamado para organizar o ministerio de 7 de março de 1871, o eminente visconde do Rio Branco, que ficou, a principio com a pasta da Guerra, trocando-a, depois, pela da Fazenda, conjugou os seus melhores esforços para que triumphasse a lei do ventre livre, promulgada no dia 28 de setembro daquelle mesmo anno. Quatorze annos depois, o gabinete presidido pelo illustrado José Antonio Saraiva, alcançava a promulgação da lei, que conferia a liberdade aos escravos sexagenarios; e, no dia 13 de maio de 1888, quando regia os destinos do Brasil a inesquecivel princeza Izabel, o ministerio João Alfredo tornava extincta a escravidão no nosso paiz, libertando dos grilhões daquella execranda instituição, derivada da ambição dos homens, 723.419 pessoas, as quaes passaram a ser consideradas cidadãos brasileiros.

O Brasil solucionava, num ambiente de alegrias, um dos mais complexos problemas sociaes, que, embora apoiado pelos mais conspícuos estadistas, pela mocidade intelligente, que frequentava as academias e as escolas, por uma regular quantidade de militares de terra mar e por uma pleiade brilhante de jornalistas, de advogados, de medicos, de empregados publicos, de commerciantes, encontrava, comtudo, adversarios de real valor, os quaes se apegavam a uma mésse de argumentos de uma certa valia.

Triumphou, porém, a generosidade do povo brasileiro, que se recommendou á admiração universal, resgatando, daquella maneira brilhante, o erro dos seus antepassados, que não cuidaram de cohibir, com a energia adequada, aquelle nefando commercio de carne humana. Desappareceu, portanto, naquella bella tarde de 13 de Maio de 1888, que, no meu modesto parecer, constitue a data mais cara ao coração dos que amam, sinceramente, o

Brasil, a desigualdade social, que dividia os brasileiros em duas classes, embora os homens de côr, desde os tempos coloniaes, fossem chamados a occupar varios postos de responsabilidade, merecendo a consideração social. O 13 de Maio de 1888 significa a realização da grande aspiração popular, isto é, o triumpho definitivo de um ideal elevado, cujos apóstolos jámais manifestaram signaes de desanimo, conjugando, ao contrario, apesar de varias perseguições, os seus melhores esforços para fazer delir da nossa hospitaleira nação uma instituição, cujos alicerces eram o *auri sacre fames*, de que falava o poeta mantuano. Porque o 13 de Maio de 1888 é o final de uma campanha, que encerra uma grande mésse de salutaes ensinamentos civicos, convém rememoral-o, sempre, para que a mocidade actual saiba inspirar-se naquelles eloquentes exemplos. José Bonifacio quiz a emancipação dos escravos; mas, taes foram as difficuldades que lhe embaraçavam os planos grandiosos, ideados pela sua mentalidade privilegiada, que nada poude fazer, emquanto geria a pasta de ministro do reino. Seus planos, porém, não ficaram esquecidos, e varios foram os brasileiros que, no parlamento e na imprensa, na tribuna das conferencias e nas palestras intimas, secundaram os esforços. Não foram muitos os poetas e escriptores que escolheram o negro para thema das suas poesias e devaneios literarios; demonstravam maior predilecção pelos indigenas, talvez, supponho, movidos pela curiosidade, que despertava o seu exquisitivo genero de vida. Affirma Sylvio Romero, grande conhecedor da nossa literatura, que foi Trajano Galvão de Carvalho, maranhense de nascimento, bacharel em direito, lavrador na sua terra natal, nos ultimos annos da sua existencia, quem, primeiramente, na nossa terra, consagrou alguns versos aos negros. Escreveu o *Calhambola*, *Jovino*, o *senhor de escravos*, o *Nevianjan*, a *Creoula*, que eram verdadeiros protestos contra as scenas, que observou na vida das fazendas.

Ao tambor, quando saio da rinha
Das captivas e danso gentil,
Sou senhora, sou alta rainha:
Não captiva; de escravos a mil
Com requebros a todos assombro,
Voam lengos, occultam-me o hombro
Entre palmas, applausos, furor!
Mas se alguem ousa dar-me uma punha,
O feitor de ciumes resmunga,
Pega a faca, desmancha o tambor.

Sou captiva... qu'importa folgando
Hei de o vil captiveiro levar!
Hei de sim, que o feitor tem mui brando
Coração, que se pôde amansar...
Como é terno o feitor quando chama,
A' noitinha, escondido co'a ama
No caminho: ó creoula, vem cá!
Ha hi nada que pague o gostinho
De poder-se ao feitor no caminho,
Faceirando, dizer não vou lá?

Merecem, porém, ser lembrados outros poetas, que se não esqueceram de descrever, nas suas poesias, os horrores da escravidão africana; assim, creio que não errarei citando Bittencourt Sampaio, autor da *Captiva*; Mello Moraes Filho, que nos legou *A Mãe de Criação*, a *Ama de leite*, a *Cantiga do eito*, o *Escravo fugido*, a *Rêde*, a *Partida de escravos*, a *Reza*; Gonçalves Dias, que escreveu a *Escrava*; Luiz Delfino, que, em sonoras rimas, cantou a *Filha da Africa*; e Castro Alves, que, incontestavelmente, foi o mais notavel poeta, cuja imaginação adusta produziu o *Navio Negreiro* e as *Vozes d'Africa*, que impressionaram a opinião publica, repercutindo nas classes academicas, que contribuíram, de uma maneira efficiente, para a victoria de 13 de Maio de 1888. Tambem Mucio Teixeira se não esqueceu de condemnar a escravidão africana; e, quando se avolumava a propaganda abolicionista, elle publicou *A canôa da escravidão*, vehemente satyra que agradou bastante aos que pregavam a igualdade dos homens. José de Alencar escreveu o *Demonio Familiar*, que logrou muitos applausos, quando representado, e *Mãe*, o drama que mereceu de Sylvio Romero o seguinte conceito: — existem alli scenas que attingem as alturas da verdadeira emoção dramatica". Joaquim Manoel de Macedo contribuiu, tambem, com as *Victimas e Algozes* para intensificar a campanha abolicionista. Machado de Assis, que mereceu dos seus contemporaneos grande consideração, preocupou-se, tambem, com a sorte do escravo africano, conforme se deprehende da leitura da *Sabina*, um drama que tem, entretanto, algumas grandes bellezas, como tudo o que caiu da penna do fino escriptor (Apud Alfredo Gomes). Luiz Gama, que foi um

dos mais brilhantes jornalistas, que verberaram a escravidão, escreveu, talvez num momento de justa indignação, a celebre satyra, intitulada *A Bodarrada*, na qual profligava as vaidades de algumas pessoas, que, embora oriundas de africanos ou de mestiços, demonstravam por elles um certo desdem.

Pois que a especie é muito vasta,
 Ha cinzentos, ha rajados
 Baios, pampas e malhados;
 Bodes negros, bodes brancos,
 E sejamos todos francos,
 Uns plebeus e outros nobres;
 Bodes ricos, bodes pobres
 Bodes sabios, importantes,
 E tambem alguns tratantes.
 Aqui nesta boa terra
 Marram todos, tudo berra
 Nobres, condes e duquezas,
 Ricas damas e marquezas,
 Deputados, senadores,
 Gentis homens, vereadores.
 Bellas damas emproadas...

 Cesse, pois, a matinada
 Porque é tudo bodorrada.

A coloração da pelle nunca foi no Brasil, durante os regimens monarchico e republicano, obstaculo que arredasse o homem de saber e de caracter de qualquer função publica. O futuro visconde de Jequetinhonha (Francisco Gé Acayaba de Montejuma) representou o Brasil nas côrtes geraes de Lisboa de 1822; e, quando certa vez orava, em defesa dos interesses brasileiros, ouviu-se a seguinte phrase: *cala-te, mulato*.

O illustrado bahiano fitou as galerias, e em seguida pronunciou as seguintes palavras: *Quando falla um representante do Brasil, cessa a canalha portugueza*. Ninguem ousou interrompelo, e elle proseguiu nas suas considerações; mais tarde serviu como ministro do grande Feijó e representou o nosso paiz nos Estados Unidos. José Mauricio Nunes Garcia, musicista de alto valor, era amigo intimo de D. João VI; e, no celebre duello artistico com o mestre Marcos Portugal, conseguiu as palmas da victoria, escrevendo, no curto espaço de quinze dias, a celebre musica para festejar o martyrio de São João Baptista. Mestre Valentim da Fonseca e Silva, mineiro de nascimento, gozava da estima do vice-rei Luiz de Vasconcellos, que o considerava seu braço direito: reedificou o Recolhimento do Parto, e dirigiu a construção do chafariz do antigo largo do Paço, do Passeio Publico e deixou varios desenhos e uma infinidade de obras de talha, que justificavam a conceito do barão de Santo Angelo: "foi um grande artista, homem extraordinario para o Brasil daquelle tempo e para o de hoje e o seu nome deve ser venerado". Antonio Pereira Rebouças mereceu, pelos seus grandes conhecimentos juridicos e incomparavel probidade no exercicio da advocacia, ser agraciado pelo parlamento brasileiro, com plena acquiescencia do magnanimo D. Pedro II, com o titulo de doutor em direito. Essa mesma familia Rebouças teve, ainda, outros membros de reconhecido valor, taes como: Manoel Mauricio Rebouças, cujos grandes serviços nas lutas da independencia, travadas na Bahia, não podem ser olvidados; José Pereira Rebouças, notavel pelo seu talento musical e inspiradas composições musicaes; André Rebouças, conceituado professor, ardoroso abolicionista e que acompanhou ao exilio a familia imperial. Justiniano José da Rocha, professor de historia e geographia do antigo Collegio Pedro II e de direito militar na Escola Militar, jornalista de real valor, deputado pela provincia de Minas Geraes em algumas legislaturas, era, tambem, mulato, mas, nem por isso deixou de influir na politica brasileira.

Mulato era José Corrêa da Silva, pernambucano de origem, que, quando as tropas argentinas de Pedro Ceballos invadiram Santa Catharina, não consentiu que o pavilhão nacional fosse para as mãos inimigas. O momento era de angustia e o general portuguez Antonio Carlos Furtado de Mendonça abandonára o seu posto; mas, o mulato, emquanto desembarcavam as hostes inimigas, apodera-se da bandeira do seu regimento, atravessa a nado o rio, e tempos depois chega ao sertão natal com o emblema da sua Patria. Bellissimo exemplo de patriotismo, que dispensa qualquer commentario.

José do Patrocínio, Luiz da Gama e Ferreira de Menezes, os tres grandes jornalistas, que, diariamente, escreviam artigos contra a escravidão, descendiam da raça africana e jámais se sentiram diminuidos, quando os seus adversarios alludiam á sua origem. Tobias Barreto

de Menezes, o insigne professor da Faculdade de Direito do Recife, cujos livros revolucionaram o ensino juridico no Brasil, celebrisando-se, tambem, como poeta e philosopho, era reconhecidamente mestiço; entretanto, deixou discipulos fieis e viu-se, sempre, cercado da maior estima.

Antonio Gonçalves Dias, Laurindo Rebello, Teophilo Dias, Guimarães Passos, Anastacio Luiz do Bom Successo, Fontoura Xavier, Bernardino Lopes, eram mestiços; mas, os seus versos logravam applausos dos que sabiam apreciar-lhes a belleza.

Cruz e Souza, o poeta creoulo, que, a muitos respeitos, é o melhor poeta que o Brasil tem produzido, no conceito de Sylvio Roméro, gozou de justo apreço nos meios intellectuaes e deixou admiradores incondicionaes, que veneram a sua memoria e não poupam esforços para a divulgação dos seus bellissimos versos.

SUPREMO VERBO

Vai, peregrino do caminho santo,
Faz de tua alma lampada do cego,
Iluminando, pégo sobre pégo,
As invisiveis amplidões do pranto.

Eil-o do amor o calix sacrosanto,
Bebe-o feliz; nas tuas mãos o entrego;
E's o filho leal que eu não renego,
Que defendo nas dobras do meu manto

Assim ao poeta a natureza falla,
Emquanto elle estremece ao escutal-a,
Transfigurado de emoção, sorrindo..

Sorrindo a céos que vão se desvendando,
A mundos que se vão multiplicando,
A portas de ouro que se vão abrindo.

DOMUS AUREA

De bom humor e de bom fogo claro
Uma casa feliz se acaricia.
Basta-lhe a luz e a harmonia
Para ella não ficar no desamparo.

O sentimento, quando é nobre e raro,
Verte tudo de candida poesia.
Um bem celestial delle irradia
Um doce bem que não é pouco e avaro.

Um doce bem que se derrama em tudo,
Um segredo immortal, risonho e muço,
Que nos leva debaixo da sua aza.

E os nossos olhos ficam rasos d'agua,
Quando, rebentos de uma occulta magua,
São nossos filhos todo o céu da casa.

Realmente, esses excellentes sonetos justificam, plenamente, os conceitos de Sylvio Roméro, que são, na idade corrente, esposados pela maioria dos criticos brasileiros. Elysiario Barbosa, Joaquim Antonio Cordovil Maurity, que se distinguiram, em varias phases da guerra do Paraguay, obtendo promoções por bravura, e Custodio José de Mello, que commandou o *Almirante Barroso* numa famosa viagem de circumnavegação e dirigiu a revolução, que apeou o marechal Deodoro da Fonseca do palacio Itamaraty, foram figuras de accentuado relevo da Armada Nacional, apesar de serem reconhecidamente mestiços. Benicio de Abreu, notavel clinico e afamado cathedratico da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; Vicente de Souza, abolicionista, propagandista da Republica e professor de latim e de logica do Collegio Pedro II; Eunapio Deiró, deputado geral pela Bahia no tempo do Imperio, jornalista e historiador; D. Sylverio Gomes Pimenta, arcebispo de Marianna, latinista emerito, membro da Academia de Letras, e respeitavel por muitos titulos; Nilo Peçanha, que presidiu o Estado

do Rio de Janeiro, duas vezes, e exerceu os cargos de presidente da Republica e de ministro das Relações Exteriores; Francisco Glycerio, republicano historico, ministro da Agricultura no Governo Provisorio, *leader* do governo Prudente de Moraes e senador pelo Estado de São Paulo; Bernardo Vasques, que geriu a pasta da Guerra na presidencia Prudente de Moraes; Monteiro Lopes, bacharel em direito e que conseguiu eleger-se intendente municipal e, depois, deputado federal pelo Districto Federal; Evaristo de Moraes, bacharel em direito, criminalista de proclamado saber, publicista de reconhecido valor, autor de varios trabalhos de alta valia; Juliano Moreira, doutor em medicina, director do Hospício de Alienados, psychiatra emerito, scientista de altos credits, e muitos outros brasileiros, que se hão salientado, em varios ramos do saber humano, contribuindo, com as suas produções literarias e scientificas, para o desenvolvimento da cultura brasileira, são mestiços, mas, merecem a consideração e a estima dos seus conterraneos.

Resalta, portanto, desse artiguelho, que não pôde aspirar ás loas de perfeição — *nosco me ipsum*, quão benefica foi a contribuição do africano na formação e no desenvolvimento da nacionalidade brasileira. Sem o elemento africano as lavouras não teriam proporcionado aos cofres nacionaes e ás algibeiras de innumerados brasileiros fartos lucros; sem o elemento africano não teriam sido, tão facilmente, devastados os sertões brasileiros, na quadra memoravel das bandeiras, por isso que grande era a resistencia do africano nas multiplas provações de varias especies, oriundas daquellas peregrinações; sem o elemento africano não teriam sido organizados os batalhões de voluntarios, que, em varias phases da nossa vida, salvaram a dignidade nacional de ultrajes de diversos ambiciosos, que não trepidavam em perturbar a tranquillidade dos nossos antepassados, enciumados com a nossa prosperidade.

E, foi, certamente, por se haver apercebido da solutar influencia do africano no engrandecimento do nosso Brasil, que o rei D. João V mandou publicar os alvarás de 9 de maio de 1731, que permittia aos homens de côr desempenhar o cargo de procurador da Corôa e o de 12 de janeiro de 1733, que confirmou o acto de um governador, que, na organização de um batalhão de infantaria, admittira, numa mesma companhia, praças de côr branca e parda. Não ha, pois, motivos de qualquer natureza para que se amesquinhe os homens de côr, na nossa terra, principalmente, cuja prosperidade é o resultado legitimo da combinação dos esforços dos africanos que a povoaram, numa época em que os indigenas se entregavam á pratica da anthropophagia. E, quando o marinheiro João Candido sublevou varios navios da esquadra brasileira, nos primeiros dias do governo do marechal Hermes da Fonseca, appareceram algumas vozes que attribuiram a indisciplina da esquadra á côr dos marinheiros que a guardavam; meu pai, porém, que havia commandado, em successivas viagens, em aguas nacionaes e estrangeiras, 14 navios da Armada Nacional, e uma divisão de cruzadores, escreveu um longo artigo no *Diario de Noticias*, profligando aquella inadmissivel opinião e recordando os serviços inestimaveis que os marinheiros de côr haviam prestado ao Brasil, todas as vezes em que a esquadra brasileira teve de sulcar aguas estrangeiras para conservar illesa a dignidade nacional. O que se torna, portanto, convinavel aos grandes interesses nacionaes é multiplicar o numero de escolas profissionaes, de sorte que possam os mestiços e os pretos frequental-as, para se libertarem de falsas idéas, que os afastam de varias posições. Humilhá-os, nunca, pois, quem humilha o seu proximo offerece um triste exemplo do seu caracter; educal-os e offerecer-lhes excellentes exemplos, facéis de serem imitados, é o dever indeclinavel dos que possuem maior somma de conhecimentos e de experiências.

Leitura para Moças!

e em portuguez?

Eis um problema mensalmente resolvido por

“FOTO-FILM”

Edição theatral da EMPRESA BRASIL EDITORA

CASTRO, MENDONÇA & Cia.

SENADOR DANTAS, 105

A media arithmetica de dois numeros differentes é maior do que a media geometrica, isto é, a semi-somma de dois numeros differentes é maior do que a raiz quadrada de seu producto

Raul d'Avila Goulart

(Docente de Algebra)

Demonstração: Consideramos uma proporção e uma equidiferença continuas, sendo os extremos representados por E e e

Sejam:

Proporção continua:

$$E : X :: X : e$$

Equidiferença continua :

$$E . y :: y : e$$

Suppondo-se $E > e$ e extrahindo-se a raiz quadrada de ambos os membros, teremos:

$$\sqrt{E} > \sqrt{e}$$

Transpondo-se a raiz \sqrt{e} para o primeiro membro, teremos:

$$\sqrt{E} - \sqrt{e} > 0$$

Elevando-se ao quadrado a desigualdade anterior, teremos:

$$(\sqrt{E} - \sqrt{e})^2 > 0$$

ou:
desenvolvendo-se:

$$E + e - 2\sqrt{Ee} > 0$$

Transpondo-se a expressão negativa, vem:

$$E + e > 2\sqrt{Ee}$$

Dividindo-se por 2 ambos os membros da desigualdade anterior, teremos:

$$\frac{E + e}{2} > \sqrt{Ee}$$

c. q. d.

EMAGRINA

Comprimido para fazer emmagrecer.
ACOMPANHADO DE REGIMEN ALIMENTAR MUITO UTIL

Já guardaram o nome

"MROVISTA"

?

FRAQUEZA DA SYPHILIS

MARIA engordou 6 kilos em 40 dias com 2 vidros de Luetyl, gastando 12\$000 e ficou forte. — GLORIA engordou 2 kilos em 3 mezes com 10 vidros de outro depurativo e gastou 35\$000.

LUETYL só em boas pharmacias

YORK

O MELHOR
CIGARRO

ARTIGOS PARA TOILETE

OBJECTOS PARA PRESENTES

PERFUMARIAS FINAS

PERFUMARIA AVENIDA

AVENIDA RIO BRANCO, 142

PHONE C. 1318

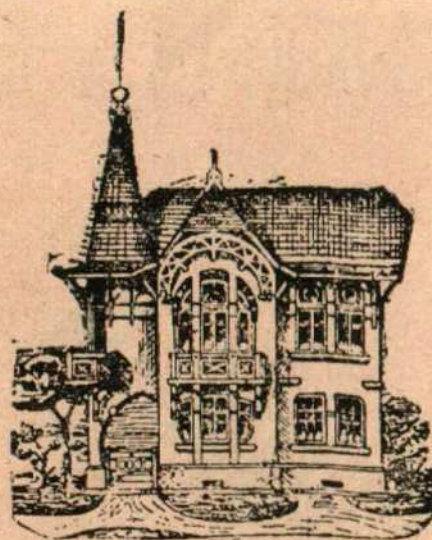
Exclusividade dos Productos radio-Activos para embellezamento "Radior", contendo Radio verdadeiro

Salutaris

A MELHOR AGUA MINERAL NATURAL

A RAINHA
DAS
AGUAS DE MESA

A' venda em toda a parte



João de Carvalho

CONSTRUCTOR

Construcção e Reconstrucção
de predios por
administração ou empreitada

OFFICINA E ESCRITORIO:

Rua Buenos Ayres, 230

Telephone Norte 372

RIO DE JANEIRO

SERRARIA MOSS

SOCIEDADE ANONYMA

RUA BARÃO DE S. FELIX, 148

(Canto da rua Dr. João Ricardo, entre
a Estação Central da E. de F. Central do
Brasil e o Tunnel João Ricardo)

Teleph.: Norte 2140 —:— RIO DE JANEIRO

Grande serraria a vapor e officina
de carpintaria
com machinas as mais aperfeiçoadas
para todos os misteres

Especialidade em madeiras para cons-
trucções, esquadrias, armações,
divisões, balcões, etc.

Grandes depositos de madeiras em
lôros, serradas e aparelhadas

Secção de vendas a varejo

PREÇOS MODICOS

CAPAS PARA SENHORAS

Sob medida

PREÇOS DA FABRICA

—■—
Arthur N. Gonçalves

RUA DO LAVRADIO, 96

1.º ANDAR

Telephone Central 2127

Veuve Louis Leib & Cia.

SUCCESSORES DE

A. CAHEN & C.

Emprestam quantias sobre Joias,
pedras preciosas, titulos, objectos de
valor etc.

CASA FUNDADA EM 1876

Prazo de 1 até 12 mezes -- Condições excepcionaes

22 - RUA IMPERATRIZ LEOPOLDINA - 22

(Antiga Barbara de Alvarenga)

62, Esquina da Rua Luiz de Camões, 62

DECLAMAÇÃO

Angela Vargas Barbosa Vianna

Arte complexa, bella e difficil! Direi mesmo a mais bella das artes, a arte viva por excellencia, porque indubitavelmente a palavra é animada, é um organismo susceptivel de alma. Quanta força, quantas nuanças se podem imprimir ao vocabulo e como elle traduz bem as nossas emoções, quando bem articulado, bem pronunciado.

Arte complexa porque de todas as outras carece para se patentear no fulgor de sua magnificencia.

Empresta-lhe a pintura a gomma riquissima do colorido, a esculptura a opulencia das linhas e do movimento, a musica a harmonia e a cadencia.

E' tambem a mais humana das artes porque não se serve de instrumento extranho e acompanha o seu trabalho da expressão da mascara, que é um dos mysterios mais surprehendentes da natureza.

Com a mascara e a voz traduzimos todos os mysterios da alma, todas as alegrias, todos os desgostos.

O homem é pequeno, mas a arte o exalça; muitas vezes á altura da Divindade.

Bem dita seja ella, que permite no meio de tantas vicissitudes de uma epoca puramente material (graças ao odioso norte-americanismo), exista um oasis de harmonia que deleite o espirito e lhe lembre espheras superiores, onde certamente não existem football e box.

Ha doze annos fundei no Rio de Janeiro o primeiro Curso de Declamação e vejo envaidecida e feliz, que essa arte se tem desenvolvido muito no Brasil.

Minhas discipulas teem tido grande successo e algumas dirigem aulas em varios Estados. Porque não existe cadeira de Declamação na Escola Normal?

E' sem duvida uma falha do programma, pois todas as Escolas Superiores da Europa manteem essa cathedra.

As escolas normaes de S. Paulo estão muito mais adeantadas neste sentido, pois já fundaram a cadeira de calliphasia ou dicção — esqueleto importantissimo da declamação, porque sem prosodia, sem elocução, a lingua é menosprezada, desrespeitada e a declamação torna-se um simulacro e não o vehiculo sagrado da Emoção.

Trabalhemos pela propaganda dessa arte, que torna conhecido os nossos vates queridos e o Brasil os possui tão grandes!

E o que não é grande no Brasil, nesta terra abençoada, onde tudo medra com pujança e desassombro ?

"Patria latejo em ti, no teu lenho por onde circulo!"

E saudemos Bilac, o eximio declamador, o Grande Brasileiro !

"OS LUSIADAS"

Osorio Duque Estrada

Docente de Historia

Tendo affirmado o Sr. Carlos Goes que em LUSIADAS o suffixo ADAS "é um morphema grego que significa façanhas", embarguei o velho e rançoso destampatorio, affirmando que "da palavra LUSIDÆ, criada por André de Rezende, tirou Camões a forma portugueza LUSIADAS com a significação de gente de LUSO, descendentes de LUSO, como diz o proprio poeta na estancia 24 do canto 1º".

A isto me replicaram:

- a) — que a explicação é "toda ella tomada de Epiphanio Dias";
- b) — que a opinião do Sr. Goes era, já em 1630, a de Manoel Faria e Souza, que explicava o titulo LUSIADAS como imitação de ILIADA, ENEIDA, THEBAIDA, CHRISTIADAS; e agrava ainda a monstruosidade adduzindo o supposto sentido analogico de MESSIADA e HENRIADA.
- c) — que "Voltaire assim o entendia"; e transcrevem a serio, como documentação, as seguintes heresias do grande poeta francez: — "poema, ao qual intitidou LUSIADA (sic), titulo que pouca relação tem com o assumpto, e, que, rigorosamente falando, significa "La Portugade".

Antes do mais, convém dizer que Epiphanio outra cousa não faz sinão repetir a lição de todos os autores modernos, entre os quaes são citados o Dr. José Maria Rodrigues, A. Brancamp e uma D. Maria Michaëlis, que eu não conheço. A lição é de todos os autores nascidos depois de 1630 e entre os quaes figura o erudito Sr. Leite de Vasconcellos, que assim se exprime textualmente: — "dahi haver-se criado *Lusiadas* no sentido de descendentes de Luso, isto é, LUSITANOS, ou por metonymia, PORTUGUEZES".

A doutrina, portanto, não é só de Epiphanio, e eu nem sequer a havia lido neste autor, pois de outro modo não teria deixado de transcrever a parte capital da lição, porque é, no caso, decisiva, e traz ainda, em nota, solemnissima confirmação da Sra. D. Carolina Michaëlis, cuja competencia e autoridade a Academia tem, innumeradas vezes, proclamado.

Com effeito, Epiphanio não diz apenas que da palavra *Lusidæ*, criada por André de Rezende, tirou Camões a forma portugueza LUSIADAS com a significação de gente de Luso. Epiphanio diz muito mais e, affirmando que André de Rezende formou de *Lusus* o nome *Lusidæ* com a significação de povo de Luso, gente de Luso, acrescenta:

"E' elle proprio quem nol-o declara, na nota 48 ao canto segundo e ultimo do seu poema *Vincentius Levita et Martyr*, por estas palavras: "A Luso, unde Lusitania dicta est, *Lusiadas* adpellavimus Lusitanos... sicut ab Aenea Aeneadas dixit Virgilius".

E acrescenta ainda:

"Camões, aportuguezando o vocabulo novo, empregou-o unicamente como titulo da sua epopéa."

E mais:

"Por uma errada comparação com *Eneida*, alguns literatos, chamaram indevidamente LUSIADAS ao poema de Camões; taes foram, entre outros, Luiz G. de Tapia, Manoel de Faria e Souza e Thomaz José de Aquino."

Eis agora a nota relativa a D. Carolina Michaëlis, que tambem não foi citada por um meu contradictor, D. Carolina M. de Vasconcellos (no Instituto, em 1905) evidenciou que a este respeito (refere-se o Autor a *Lusiadas* com a significação de Lusitanos) não se ha de duvidar da veracidade de André de Rezende. O poema foi publicado em 1545".

Para admittir tal significação tem-se de mim exigido a certidão de que Camões conhecia o poema e de que seguiu o a que innocentemente chamam "o alvitre de Rezende"!

A doutrina de Epiphanio é a unica certa e a unica admittida hoje, aqui e em Portugal, onde já não ha mais quem nutra a menor duvida acerca do assumpto. Lembro ainda que Lucrecio começa assim o seu poema: "AENEADUM GENITRIX", invocando *Venus*, como mãe DOS ROMANOS.

A citação de Voltaire é contraproducente; o autor da *Henriada* não conhecia a significação dos suffixos portuguezes; dahi a analogia que muito naturalmente encontrava entre os titulos dos outros poemas e o do seu, imitado de ILIADA; e, como bom francez, que era, estropiou o da epopéa lusitana, chrismando-a de LUSIADA e affirmando

muito seriamente que isso significa LA PORTUGAIDE, sem imaginar que taes barbaridades viessem a ser repetidas, quasi duzentos annos mais tarde, numa Academia do Brasil.

A cerebrina opinião de Faria, o disparate de Voltaire e a falsa analogia de *Henriada* e *Messiada*, com tanta infelicidade invocada, desapparecem, pois ao mesmo tempo, corridos e envergonhados, diante do que doutrinam *todos os autores modernos*; mas, si querem um argumento decisivo, e que não é de *Epiphanio*, nem de *D. Maria Michaëlis*, mas originalmente *meu e só meu* (talvez por ser muito parecido com o ovo de Colombo), aqui subministro, a todo os que perfilham ainda em assumptos de etymologia e de semantica portugueza, opiniões de Voltaire e de philologos de 1630. E' este: LUSIADAS não pode significar *façanhas de Luso, mas unica e exclusivamente LUSITANOS*, isto é, *gente de LUSO*, por duas razões:

1ª) — porque LUSO não é o heroe do poema de Camões, ao contrario do que acontece com o MESSIAS na MESSIADA, e com HENRIQUE IV na HENRIADA, ou, mais vernaculamente, na HENRIQUEIDA;

2ª) — porque — e aqui é que bate o ponto — porque o verdadeiro titulo do poema não é LUSIADAS, como erradamente supõem, mas sim "OS LUSIADAS" — *o que muda fundamentalmente os termos da questão e não deixa mais pairar a minima duvida acerca do assumpto.*



Palavras que morrem

(CONTINUAÇÃO)

Carlos Porto Carreiro

DE CAMBOLHADA = em confusão, sem ordem. *Cambalhada* quer dizer *cambada, mólho, restea, enfiada* de cousas. E' desnecessario explicar o sentido e as acepções destes termos. Faremos apenas duas observações. *Cambalhada* não se emprega no Brasil, senão na phrase adverbial de que estamos falando: é, portanto, palavra que só vive entre nós mercê da referida locução. *Mólho* (=feixe pequeno, lio) está sendo deturpado por escriptores menos avisados, que lhe dão erroneamente a forma seguinte: MOLHE!

Basta consultar um dictionario para verificar o barbarismo. *Mothe* tem significação mui diversa.

A ESMO = ao acaso, sem conta nem medida, indistinctamente; sem fazer pontaria, a toa.

Esmo (éstimo estimar = avaliar) = *estimativa, calculo approximado*, avaliação por alto, a olho, por grosso.

A palavra já não é usada como substantivo independente.

Em Fernão Mendes Pinto se lê: "Uma procissão que teria de comprimento, segundo o *esmo* dos nossos, mais de tres leguas" (*Apud* Dicc. Contemp.) Mas já la distante vae o seculo XVI.

A' GANDAIA = na ociosidade, como vadio (e, por extensão), á tóa, sem rumo certo, entregue ao vicio. *Gandaia* é o acto de revolver o lixo para delle tirar algum objecto de valor que com elle esteja á mistura.

Dahi, a idéa de ociosidade, vadiagem e suas consequencias.

DE GATAS OU DE GATINHAS. *Gata* e seu diminutivo *gatinha* são vocabulos vigentes. Mas nas locuções aqui lembradas ha uma idéa particular, a da posição de quem anda de quatro pés. A mesma idéa está incluída no verbo *engatinhar*. Porque foi, porém, o gato, e não outro quadrupede, o escolhido para exprimir a attitude e o movimento da creança que ainda não marcha com os pés? Provavelmente por ser o gato o quadrupede mais domestico entre os povos civilizados: o que anda pela casa, e, por isso, mais se impõe, como imagem, ao falar popular. Quanto ao genero (*gata*, e não gato), explica-se pela preferencia dada ao feminismo para designar certos animaes. *Gata, rata (ratazana), raposa*, etc. são termos empregados, principalmente em Portugal, para exprimir a especie. Em inglez, lingua em que *cat* é neutro, a palavra é empregada muitas vezes como feminina, ainda no sentido geral. Em allemão, a palavra correspondente é feminina: *die Katze*.

A GRANEL = em monte, ás soltas, sem ser encaixotado ou ensaccado; em desordem, etc.

Granel significa: 1º celleiro; 2º caixa onde se introduzem cereaes para remexer e ventilar o grão.

Mas só se usa a palavra *granel* na locução adverbial aqui enumerada. Em nosso paiz, pelo menos.

A GUISA DE; DE TAL GUISA; *desta guisa*.

Estas expressões, que, por sua vez, estão ficando obsoletas e só se usam em estylo rebuscado, procedem do substantivo *guisa* (= maneira, modo), inteiramente desusado hoje. O vocabulo produziu, por suffixação, o verbo *guisar*, do qual se formou, por derivação impropria, o substantivo *guisado*, restringindo-se o significado a certo modo particular de preparar os alimentos.

AO LÉO = á vontade, á tóa (*ad libitum*?).

Léo significa *vagar, occasião, ensejo, faculdade*. Os lexicos citam os proloquios: "não ter *léo* para cousa alguma"; e "andar com a cabeça *ao léo* (= sem chapéo). Como substantivo autonomo, *léo* vae perdendo terreno.

A' MÃO-TENENTE e Á MÃO-TENTE = de muito perto, á queima-roupa.

A expressão é traducção literal do latim *manu-tenente* (= tocando com a mão). Quasi é excusado dizer que *tenente*, no sentido de *que tem, que segura, que tem ao alcance*, só se emprega na locução apontada. Quanto á forma contracta *tente*, não tem existencia na lingua (salvo algum caso de homonymia), a não ser em *á mão tente*.

A NADO e EM NADO.

A nado = nadando. *Em nado* = fluctuando.

Nado = acção de nadar, ou espaço que se pode percorrer nadando, é palavra que nunca vimos empregada fóra das locuções citadas. Consta-nos que hoje é termo de desporto e, como tal, reassume vida independente. Pois que viva !

A PURIDADE = em segredo.

Puridade significava antigamente *pureza*, sentido que se tornou archaico. Na accepção de *segredo*, ninguem emprega tal vocabulo como substantivo vigente.

A expressão *escrivão da puridade* applicava-se a quem exercia um cargo correspondente ao dos actuaes secretarios de Estado. Como quer que seja, *puridade*, por si só, é palavra morta.

A PIQUE e POR PIQUE

A pique significa: *verticalmente; a prumo; ao fundo; em perigo, em ruina*.

Monte cortado *a pique*. O navio foi *a pique*. A cultura esteve *a pique* de se perder. Toda aquella fortuna foi *a pique*.

Pique tem diversas accepções, todas proxima ou remotamente relacionadas com a raiz *pic* (palavra celtica que significa *ponta*), arma antiga de haste comprida com um ferro aguçado na ponta; sabor acre, picante, pico, etc.

Mas em qualquer dos sentidos a palavra envelheceu e desapareceu, mantendo-se apenas em as locuções acima indicadas.

Pique tem, ainda, a significação de: cartão com um desenho *picado* a alfinetes, pelo qual as rendeiras de bilros tramam a renda que fabricam; actos de *picar* fumo; acto de abrir uma *picada* no matto. Estas accepções de vocabulo, todas ligadas á idéa de instrumento aguçado, acção de tal instrumento ou effeito do mesmo, — estão em vigencia. Mas nenhuma se prende á locução *a pique*. Nas accepções em que esta é empregada, o substantivo *pique* não tem existencia autonoma.

Por pique significa *acinte* (adverbio meio antiquado que é hoje, substituido, infelizmente, pela locução *por acinte*, ou *acintemente*, ou *acintosamente*), *de proposito*.

Ouve-se ainda no norte do Brasil a locução *por pique*, com a significação mencionada e, ainda, no sentido de: *por vingança*, que talvez fosse a primitiva significação.

Nesta capital parece não estar em uso, pois nunca a ouvimos empregar.

DE RASPÃO.

Raspão é ferimento feito de través, arranhadura. Mas vae sendo obliterado, pouco a pouco, e não tardará em morrer.

A'S REBATINHAS e Á REBATINHA.

Rebatinha é substantivo antiquado que significa cousa muito disputada: sobrevive somente nas locuções acima.

A' *rebatinha* quer dizer: *para a rua, para o povo*. Diz-se da acção de lançar dinheiro para o povo em massa, como faziam os antigos reis em certas festividades dynasticas, afim de que a multidão o apanhasse *disputando-o*.

A's rebatinhas significa *à porfia, disputando*. No fundo, a idéa é a de debate em ambas as locuções; a diferença está em que *à rebatinha* tem sentido mais restricto e envolve um proposito, um fim deliberado.

DE ROLDÃO = de golpe, de sobresalto, em confusão.

Roldão não tem outro emprego que na phrase acima. Candido de Figueiredo cita-o como substantivo e dá-lhe synonymos. Infelizmente não illustra com exemplos o uso de tal palavra fóra da locução citada.

Nós nunca a vimos nem ouvimos sem a preposição *de*

DE SOBREAVISO = acautelado, de prevenção.

Sobreaviso, que não me parece possa ser usado como substantivo independente, é também adjectivo (= *acautelado*), de que dão exemplo os classicos.

Conjecturamos que foi emprego do adjectivo tomado adverbialmente que deu ensejo á anteposição da preposição *de*, formando-se assim a locução adverbial.

Ex: "O Gama estava *sobreaviso*". Dahi: *de sobreaviso*,

DE SUPETÃO = de subito, sem aviso, de repente.

Teria existido o substantivo *supetão*? Ou ter-se-ia formado a phrase directamente do latim popular *de subitaneo* (modo) ?

A SORRELFIA = de mansinho, manhosamente.

Diante da incerteza da etymologia de *sorrelfa* custa afirmar si foi primitivamente substantivo ou adjectivo. Além da significação de *manha, sonsice, disfarce para enganar, sorrelfa* tem ás de: *manhoso e avarento*.

Nenhuma, porém, é empregada entre nós, a não ser na phrase feita "Á SORRELFIA".

A' TOA = ao acaso, impensadamente. Por extensão, no Brasil a expressão significa: *sem valor, de nonada, insignificante*. Uma cousa *á toa*.

Tóa é cabo de reboque; sirga; reboque.

Não sabemos si a palavra persiste como termo tecnico. Na linguagem vulgar, porém, *tóa* não tem sentido. A idéa de *acaso*, de *irreflexão* que existe na locução *á toa*, proveiu da situação de *dependencia* e *desgoverno*, ou de *ausencia de governo proprio*, em que fica a embarcação rebocada por outra. As demais accepções são casos de degeneração semantica.

A TROUXE-MOUXE = a esmo, de envolta, sem ordem.

Não nos satisfizeram as etymologias propostas pelos lexicographos a respeito desta locução. A primeira parte da palavra composta poderia provir de *trouxa*, por se relacionar com a acção de envolver ás pressas e sem ordem varios objectos, formando um conjuncto de cousas mal arrumadas. Mas donde vem *mouxe*? A expressão parece meramente symbolica. A forma rimada é da natureza de outras semelhantes: *trás-zás, tra-pe-zape, rés-vés, toc-toc, mundos e fundos, a trancos e barrancos, sem eira nem beira*, etc. Candido de Figueiredo grapha: *troixe-moixe*.

A UFA á larga, abundantemente. *Ufa* não tem emprego como substantivo. O vocabulo é de origem germanica.

Aqui ficam estas humildes contribuições. Façam melhor os competentes.



Sedas e roupas brancas

Antes de comprar ide a

CASA ISIDORO

Rua 7 de Setembro N. 99

IONIZAÇÃO

Correggio de Castro

Docente da E. Normal

1º — O termo ionização se emprega em dois sentidos.

O primeiro sentido é que "ionização é a formação espontanea de ions em certos solutos". É uma consequencia da theoria de Svante Arrhenius, o grande professor de physico-chimica em Stockholmo. Para Arrhenius os corpos decomponiveis pela electricidade (isto é, os electrólitos) já estão parcialmente dissociados no soluto mesmo antes da passagem da corrente eléctrica. Quando em agua dissolvemos chloro de sódio umas tantas moléculas se dissociam em atomos de chloro com electricidade negativa e em atomos de sódio com electricidade positiva. Si a corrente electrica passa, estes átomos eletrizados são attrahidos (isto é, caminham — d'onde o nome ion que significa caminhante) para os polos, e outras moléculas de chloro, se dissociam: porque, pela natureza insondavel das cousas, não pode haver soluto de chloro de sodio (ou de outro electrólito) sem um certo numero de moléculas dissociadas. As moléculas se dissociam até haver uma especie de saturação. Attrahindo successivamente os ions que se formam, a corrente electrica decompõe o corpo. Tal a doutrina do sabio sueco.

A maior impugnação a esta theoria consistiu em se não admittir que, por exemplo no soluto de cloreto de sodio houvesse tambem chloro e sodio. Mas explicou-se que no soluto não ha chloro nem sodio: pois o chloro é a molécula Cl_2 e no sóluto ha átomos carregados de electricidade. Assim os ions não são os corpos correspondentes mas estados allotrópicos delles, tanto assim que as propriedades são differentes.

Dissemos que no soluto as moléculas se dissociam até formar uma como que saturação: a prova disto é que quanto mais diluida fôr a solução tanto maior será a ionização. Os saes de cobre têm em solução concentrada cores diversas (o sulfato é azul, o chloro cuprico e o azotato basico são verdes, o brometo é escuro, o azotato normal é azul violaceo) mas, diluindo-se os solutos, todos tomam coloração azul.

É, que nos solutos concentrados predominam as moléculas (differentes para os saes) ao passo que nos solutos diluidos predomina o ion cobre, que é o mesmo para todos os saes. A experiencia é particularmente bella quando feita em um cálice conico com acido azótico ou chlorhydrico (diluidos): mergulha-se um vintem e o liquido toma côr verde; pondo-se, porém, um pouco mais de agua a parte acima do vintem toma côr azul.

A theoria de Arrhénius tem a importancia colossal de uniformizar o estudo de todas as reacções por via humida, e que são quasi todas as reacções. Todos os acidos soluveis na agua (ou no alcool ethylico, ou em qualquer liquido ionizante) dão ion hydrogéneo carregado de electricidade positiva (isto é, cation hydrogeneo). Pelo numero de cations hydrogeneos, em egualdade de condições, pode se comparar mais precisamente a força dos acidos: o acido mais forte é o que dá maior numero desses cations. O conceito de força de um acido é que "um acido é mais forte que outro quando ataca mais rapidamente, que o outro, as bases e os metaes". O chimico allemão (russo de nascimento — Riga, 1853) Guilherme Ostwald, talvez o mais notavel dos chimicos actuaes, grande defensor e propagador da theoria de Arrhenius, tem um processo delicado para se determinar a força dos acidos: "Põem-se os dois acidos em excesso e egualmente concentrados em contacto com um soluto de base (potassa ou soda de preferencia) : o acido mais forte será o que se combinar com maior porção de base."

2º — O segundo sentido do termo ionização é "o acto de fazer com que um corpo seja capaz de emittir fluidos analogos aos chamados raios X."

Si os polos de uma corrente electrica estiverem no interior de um tubo fechado com gaz muito rarefeito (tubo de Crooks), ao passar a corrente pode ver-se uma irradição do polo negativo: e por isto chamado raios cathódicos Si dentro do tubo em frente aos raios cathódicos se puzer uma lamina de platina, esta se ioniza e emite outros raios chamados raios X. Os gazes (o ar inclusive) em contacto com esses raios ficam tambem ionizados e, em particular, conductores da electricidade.

Becquerel verificou que o uranio e seus compostos emittem naturalmente fluidos analogos a estes obtidos pela electricidade, isto é, aquelles corpos são radio-activos. O casal Curie (hoje reduzido á viuva) descobriu depois um corpo eminentemente radio-activo e por isso denominado radio. Ramsay, chimico inglez ha pouco fallecido, verificou

que as emanções do radio podem dar hélio, isto é, um corpo simples pode dar outro corpo simples: o que é uma grande esperança para se achar a pedra philosophal ou seja a unidade da materia.

Esse phenomenos de radio-actividade ou ionização (no segundo sentido) se explicam pela theoria dos *eléctrons* devida ao contemporaneo chimico inglez Rutherford. O atomo é constituido por um nucleo cercado de corpusculos electrizados, que elle denominou *electrons*, sendo o *electron* o mesmo para qualquer corpo. Uma energia qualquer (como a luz, a electricidade, o calor, etc.) que destrua o equilibrio dos *electrons*, faz com que estes se projectem em formidavel bombardeio — esta saraivada de *electrons* constitue os raios. Uma substancia (como a lamina de platina nos raios X) bombardeada pelos *electrons* pode tambem desprender outros *electrons* que irão constituir outros raios.

ERRATA — Em o nosso ultimo artigo, Nitrificação e nitração, logo na terceira linha deve se ler «em equal porção nenhum outro acido ataca simultaneamente tão grande quantidade...» Em o presente artigo encontra o leitor o desenvolvimento desta definição.



CANTIGA

OSWALDO ORICO

Sosinha vae pelos campos
Pisando as flores do val
E entre ellas não vê rival.

Deu-lhe Deus a formosura
Maior que a outras tem dado.
Flor de gesto delicado
E de isolada finura.
Parece que mais se apura
Que lhe não ha de vir mal
Por não ter noutra rival.

Veste a graça descuidada
Que não precisa de enfeite,
Alva e pura como o leite
E' a mão que lhe foi talhada
Não por mestre, mas por fada.
Bem lha quizera um zagal
Por della não ter rival.

Pergunta ás aguas da fonte,
Pergunta por onde passa
Onde existe tanta graça
Quanta existe em sua fronte.
E nenhuma ha que desponte
Junto delle, o principal,
Que noutra não vê rival.

Mas se acaso se atrevera
A olhar o rosto nas aguas
De um lago, cheia de maguas
Então, de certo, soffrera,
Porque logo apparecera
Se na agua se visse tal,
Sua unica rival.

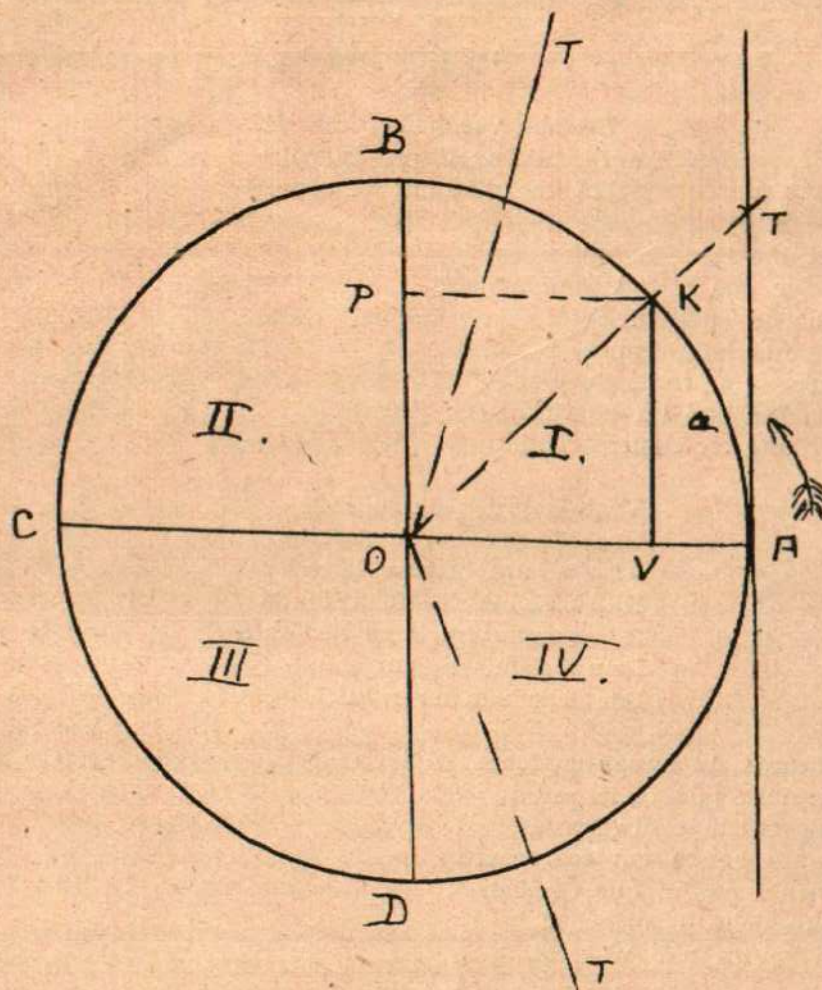
GEOMETRIA

Ferreira de Abreu

Docente da Cadeira

PONTO 12.

Outras linhas que têm relação com o círculo; seno, coseno e tangente. Variação do seno, do coseno e da tangente. Valor do seno em função do coseno e vice-versa. Valor da tangente em função do seno e do coseno. Além das linhas já mencionadas no ponto 11, temos no nosso programma o estudo das funções seno, coseno e tangente. Estas funções, chamadas funções circulares ou funções trigonometricas, pertencem á importante classe das funções transcendentés. Já vimos que a circumferencia é, convencionalmente, dividida em 360 grãos. Os arcos de 0 a 90 grãos estão no primeiro quadrante, os de 90 a 180 no segundo, os de 180 a 270 no terceiro, e os de 270 a 360 no quarto. Consideremos, n'uma circumferencia, dois diametros orthogonaes, um, horizontal, e outro, vertical. Tomemos como ponto origem, para a contagem dos arcos, a extremidade direita do diametro horizontal. Acompanhemos a circumferencia de A para B, de B para C, de C para D, e de D para A. (no sentido da flecha).



Seja o arco AK. O seu seno é a razão $\frac{KV}{OK}$, isto é, a razão entre a projectante da extremidade do arco sobre o diametro que passa pelo ponto origem, e o raio. (N'um outro ponto, daremos outra definição do seno). O coseno é o seno do complemento do arco; é, pois, o seno de BK, ou $\frac{KP}{OK}$ ou $\frac{OV}{OK}$, isto é, a razão entre a projecção do raio que passa pela extremidade do arco sobre o diametro que passa

pelo ponto origem, e o raio. Quanto á tangente, devo bem salientar a diferença entre tangente geometrica e tangente trigonometrica. A tangente geometrica é a recta illimitada, traçada perpendicularmente á extremidade do raio horizontal, em A; a tangente trigonometrica é, ao contrario, bem determinada em grandeza e em sentido, segundo o arco a que se refere. Tangente trigonometrica de um arco é a razão entre a porção da tangente geometrica, comprehendida entre o ponto origem e o encontro da tangente geometrica com o prolongamento do raio que passa pela extremidade do arco, e o raio: é, pois,

$$\frac{AT}{OA}$$

$$OA$$

Para simplificar nossas formulas, podemos convencionar um circulo de raio = 1, o chamado circulo trigonometrico. Chamando a, ao arco AK, teremos:

$$\text{sen } a = KV$$

$$\text{cos } a = OV$$

$$\text{tg } a = AT$$

Variação do seno. O arco AK decrescendo, isto é, o ponto K aproximando-se do ponto A, a perpendicular KV decresce; quando o arco AK fôr infinitamente pequeno, o seu seno KV tambem será infinitamente pequeno. No limite, quando o arco fôr nullo, o seu seno tambem o será. Se fizermos, agora, mover o ponto K ao longo da circumferencia, a medida que o arco AK cresce, o seu seno KV tambem crescerá. Quando o arco AK fôr igual a AB, isto é, quando o arco fôr de 90 grãos, o seu seno será BO = raio = 1. Deixemos o ponto K continuar sua marcha além de B, notamos que o seu seno decresce. O arco AC, a meia circumferencia, tem o seu seno igual a zero. Continuando o ponto K a sua marcha além de C, o seno cresce, porém, para baixo do diametro horizontal AC. O seno, para baixo de AC, é convencionado negativo. Quando K chega em D, isto é, quando o arco é de 270 em grão, o seu seno é OD, isto é, — 1. De D a A, o seno varia de — 1 a 0. De volta A, podemos recommear illimitadamente a mesma operação para os arcos maiores do que 360 grãos, e tornaremos a passar pelos mesmos valores.

Tabella da variação do seno.

arco	seno
0°	0
90°	+ 1
180°	0
270°	— 1
360°	0

Notando que nos 1.º e 2.º quadrantes, os senos são positivos, e que nos 3.º e 4.º quadrantes os senos são negativos.

Funcção. Já sabemos que uma variavel é funcção de uma outra variavel, quando a cada valor da segunda (variavel independente) corresponde um valor determinado da primeira (variavel dependente). No caso do seno, a cada variação infinitamente pequena do arco, corresponde uma variação infinitamente pequena do seno: é o que se chama uma **funcção continua**.

Curva representativa da variação do seno.

Podemos representar a variação do seno por meio de uma curva chamada **sinusoide**. Sobre uma linha horizontal illimitada, marquemos segmentos iguaes AB, BC, CD, DE... Tracemos pelos pontos A, B, C, D,... ordenadas. Marquemos

sobre a primeira uma distancia $AK = AV = I$ (em valor absoluto). AK será convençãoado positivo; logo, AV será negativo. Pelos pontos K e V , tracemos as horizontaes KK e VV . Suppondo AB dividido em 90 partes iguaes, correspondentes aos 90 grãos do primeiro quadrante, e por cada ponto de divisão, traçando uma ordenada igual ao seno do arco correspondente, unindo por uma linha continua as extremidades de todas essas ordenadas, teremos a curva representativa da variação do seno, a **sinusoide**. A parte da curva correspondente ás ordenadas de A a B , dá

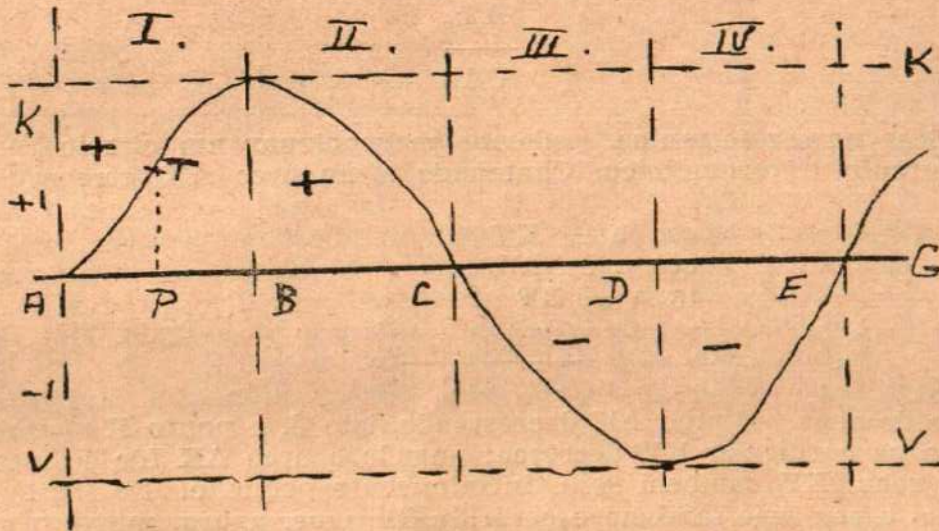


Fig. II

os senos dos arcos do 1.º quadrante; a parte da curva correspondente ás ordenadas de B a C , dará os senos dos arcos do 2.º quadrante; etc.... Um arco de 37 grãos, por exemplo, corresponde á 37.ª divisão a partir de A ; seja P esta divisão: o seno correspondente será PT . Não esqueçamos que todas as ordenadas (os senos) acima de AG são convençãoadas positivas: logo, as ordnadas (os senos) para baixo de AG serão negativas.

Varição do coseno. O arco AK sendo nullo, o seu coseno será $OA = 1$. A medida que o arco AK cresce, o seu coseno decresce, até $AK = 90$ grãos e seu coseno = zero. O arco AK crescendo além de 90 grãos, o seu coseno varia de zero a -1 . (As perpendiculares a BD , fig. 1, á direita de BD são convençãoadas positivas, e á esquerda são negativas). De 180 grãos a 270 grãos o coseno varia de -1 a zero. Finalmente, de 270 grãos a 360 grãos, o coseno varia de zero a $+1$. O coseno é positivo no 1.º e no 4.º quadrante; é negativo no 2.º e no 3.º. O coseno é também uma função continua, pois, para cada variação infinitamente pequena do arco corresponde uma variação infinitamente pequena do coseno. Poderíamos construir a curva representativa da variação do coseno, (como fizemos para o seno).

Varição da tangente. O arco AK sendo nullo, a sua tangente trigonométrica reduz-se ao ponto A , é nulla. AK crescendo, a tangente também cresce, e o ponto T , extremidade da tangente trigonométrica, affasta-se cada vez mais de A ; quando o arco AK está muito proximo de 90 grãos, a sua tangente AT é muito grande; quando o arco AK está infinitamente perto de 90 grãos, a sua tangente é muito grande, e tende para o infinito quando o arco $AK = 90$ grãos. E' bom notar que, para o arco de 45 grãos, a tangente = 1. O arco crescendo além de 90 grãos d'uma quantidade infinitamente pequena (d'uma quantidade menor do que qualquer quantidade dada), a sua tangente passa de $+$ infinito para $-$ infinito (ahi, temos um ponto de discontinuidade da função). De 90 grãos a 180 grãos, a tangente cresce de $-$ infinito a zero. De 180 grãos a 270 grãos, cresce de zero a $+$ infinito. Logo que o arco passa dos 270 grãos, a sua tangente passa de $+$ infinito para $-$ infinito (ahi, temos outro ponto de discontinuidade da função). De 270 grãos a 360 grãos, a tangente varia de $-$ infinito a zero. A curva representativa da variação da tan-

gente é descontínua. A tangente é positiva no 1.º e no 3.º quadrante; no 2.º e no 4.º ella é negativa.

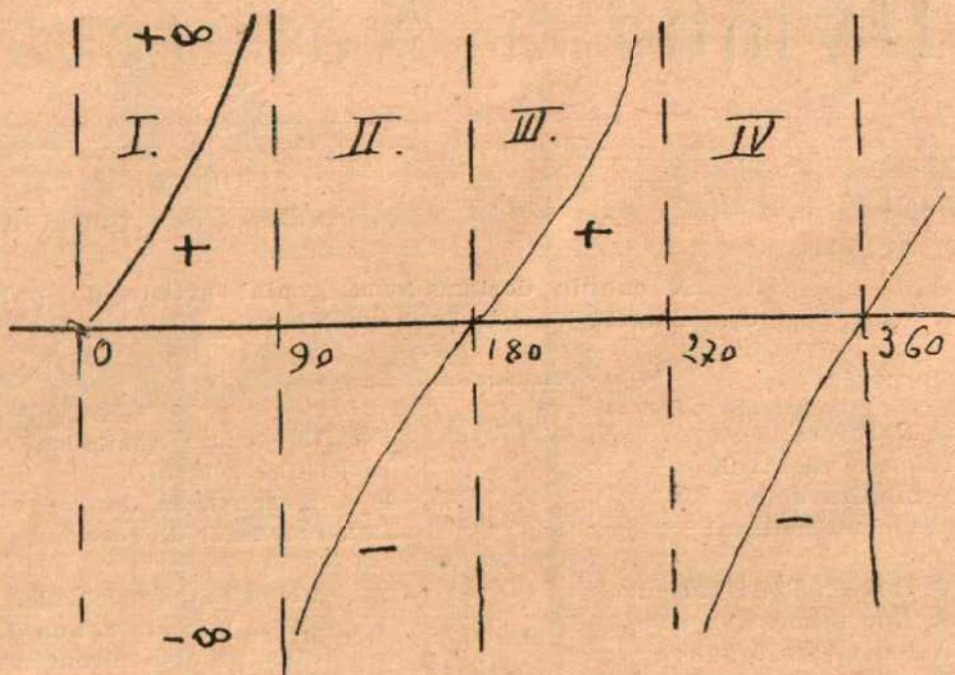


Fig. III

Na fig. 1, o triangulo rectangulo OVK, nos dá:

$$OK^2 = VK^2 + OV^2$$

ou

$$1 = \text{sen}^2 a + \text{cos}^2 a$$

donde deduzimos:

$$\text{sen } a = \pm \sqrt{1 - \text{cos}^2 a}$$

e

$$\text{cos } a = \pm \sqrt{1 - \text{sen}^2 a}$$

Na mesma fig. 1, os dois triangulos semelhantes OVK e OAT, dão:

$$\frac{AT}{OA} = \frac{KV}{OV}$$

ou

$$\frac{\text{tg } a}{1} = \frac{\text{sen } a}{\text{cos } a}$$

logo

$$\text{tg } a = \frac{\text{sen } a}{\text{cos } a}$$

Uma assignatura d' "A Escola Normal" custa 20\$000

Vale por 20 livros

Hymno á Natureza

Pedro de Mello

Professor da E. Normal de Piracicaba

A eximia declamadora, genial artista da palavra, exma. sra. Angela Vargas Barboza Vianna.

—E—

Sublime Natureza,
Mãe divina e adoravel,
Artista inimitavel
Na graça e na belleza!

Creaste a linda estrella,
A flor mimosa, a ave,
A luz meiga e suave
E a fonte clara e bella.

No fundo transparente
Do puro azul celeste
Os astros dispuzeste
De brilho refulgente.

No prado verdejante
Disseminaste as flores
De variegadas côres
E aroma inebriante.

Na floresta sombria
Soltaste a ave canóra,
Que a doce luz da auróra
Em seu canto annuncia.

Artista sem rival
Na phantasia infinda,
No mar creaste ainda
A perola e o coral.

E ousaste conceber
O teu maior primor:
— Num extase de amor,
Produziste a mulher!

Epilogo sublime
De toda a maravilha,
De tudo quanto brilha
E a graça e o mimo exprime!

Da estrella scintillante
Do fundo azul celeste
O resplendor lhe dêste
No olhar e no semblante.

Da flôr fresca e mimosa
Dêste-lhe a maciez
E a frescura da tez
Das faces côr de rosa.

Nos labios o coral
Lhe puzeste e, nos dentes,
As perolas nitentes
De brilho sem igual.

Da avesinha canóra
A voz e a melodia
Lhe dêste, e a poesia...
E o encanto da aurora.

Artista apaixonada,
Tua obra contemplando,
Com carinho a afagando,
Toda absorta e enlevada,

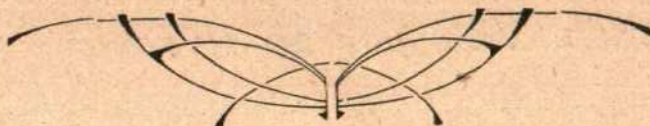
No ardor de um phrenesi,
Tua alma lhe insufflaste;
E ufana lhe bradaste:
— Anda! fala, sorri!...

E a estatua se moveu,
Soltou a voz e o riso...
Abriu-se o paraizo!...
E a terra estremeceu!...

.....
Brilhavam num jardim
Mil gotas crystallinas ...
E as lagrimas divinas
Tu lhe dêste por fim!

Salve! ó mãe adoravel,
Sublime Natureza!
Na graça e na belleza,
Artista inimitavel!

Piracicaba, 23 de Maio de 1924.



INDUSTRIA NACIONAL



CABIDES
para TERNO
N^{os} 1, 2, 3, 4

Fabricados em
superior madeira
de peroba lustrada

Exigir a marca registrada:

L. Serrachiolli

Rio de Janeiro
E. U. do Brasil

Fabricam-se cabides
de todas as qualidades,
columnas para filtros,
bandejas em todos os
tamanhos, deseangos
para pratos, estrados
de madeira, etc.

A VENDA EM TODA PARTE

EM GROSSO:
RUA DO RIACHUELO, 139

Curso Normal
DE
EDUCAÇÃO

Acham-se
funcionando as
aulas de Physica e
Chimica pelo
Prof. Aristoteles Puch

Rua de S. Christovão, 23
RIO DE JANEIRO

Dr. Barboza Vianna

Professor da Faculdade de Medicina

CLINICA CIRURGICA

— RUA CHILE, 17 —

De 3 ás 4

Telephone Central 1181

Curso Normal de Preparatorios

RUA DO OUVIDOR N. 15-1^o andar

Tel. Norte 6713

Rio de Janeiro

Livraria Scientifica Brasileira

RUA S. JOSÉ, 114

Os livros do dia pelo menor preço

RIO DE JANEIRO

BRONZES E OBJECTOS DE ARTE

M. L. Krause & C.

JOALHEIROS

RUA GONÇALVES DIAS, 63

— Rio de Janeiro —

PHOTOGRAPHIA

Carlos Alberto & C.

RUA DO OUVIDOR, 130-2^o andar

TEL NORTE 5882

— RIO DE JANEIRO —

Lição de Economia Domestica

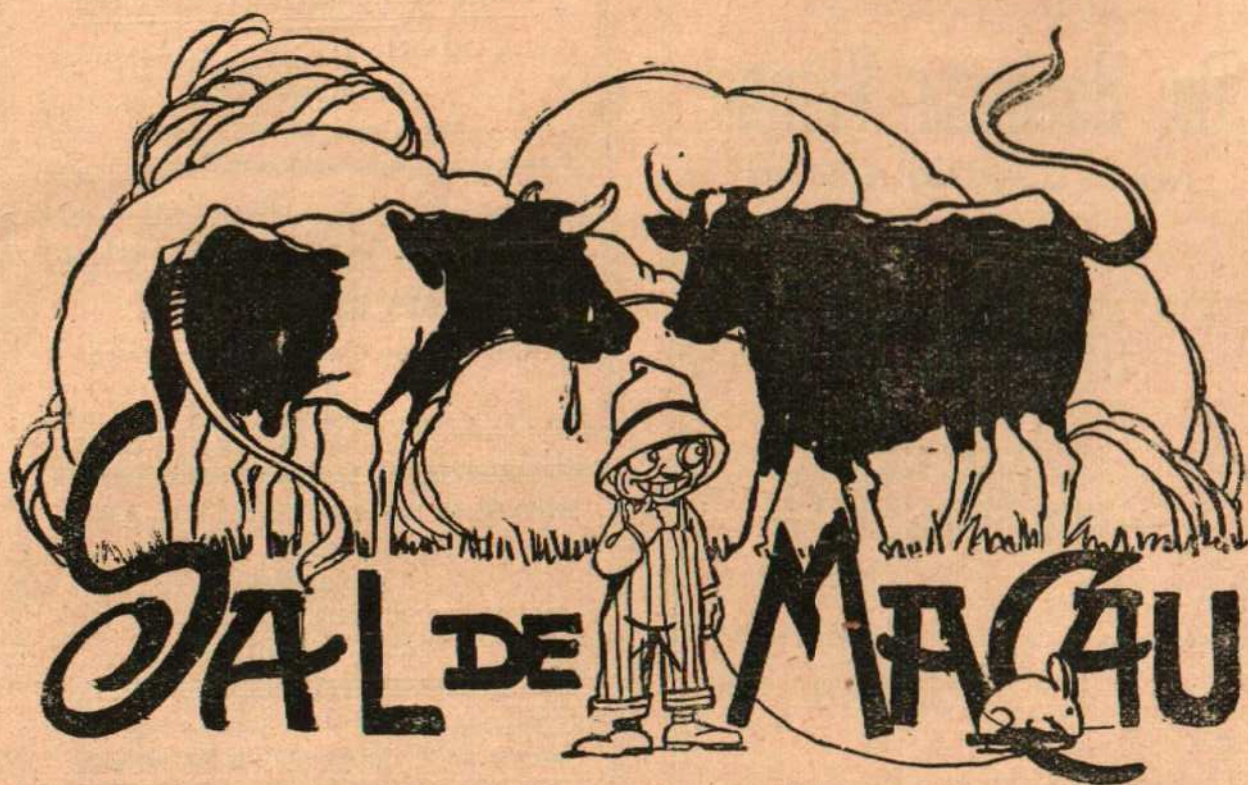
O que todas as moças devem saber

Qual o melhor sal de cosinha?

deduzamos a resposta

DA

observação do garoto



Olha, meu coelhinho si não tomares o "SAL DE MACAU"
ficarás magro como o boi malhado. . .

Cavallete pede A...

Julio Cezar de Mello e Souza

Docente da E. Normal

— Menino ! O' menino !

Mal ouvira aquella exclamação, alegre, sonora, bem minha conhecida, descansei a penna e voltei-me rapidamente, anciosamente, girando commigo a cadeira, que gemeu preguiçosa.

Era a senhora Stella Merivald.

Entrava risonha, jovial, caminhando com passos pequeninos e breves, o que emprestava graciosos movimentos á sua linda "toilette" preta de velludo *broché*.

Num gesto de boa familiaridade tirou o chapéu, deixando a descoberto uma farta cabelleira, de ondulações suaves, onde o tempo impiedoso punha tons de neve.

Levantei-me a beijar-lhe a mão fina e macia, de que se evolava um perfume suave e exquisito, dessas essencias cujo segredo possui o Oriente longinquo.

Sentia irresistivel encanto, na feição simples e carinhosa com que me tratava sempre aquella mulher. Ella teimando em ver-me sempre menino; eu teimando em perdoar-lhe sempre. Nem eu sabia conservar o brilho da meninice, alheio aos preciosos segredos com que ella ia atendo os attractivos de sua mocidade, á senhoril belleza que não deixa envelhecer.

— Venho interrompel-o? — perguntou-me, com fingida duvida, trejeitando, com o cantinho dos labios, um sorriso brejeiro.

Respondi-lhe que sim, laconico, demorando maliciosamente o restante da asserção. Ser interrompido por uma creatura intelligente, culta e principalmente bella, é um prazer sempre desejado, fonte prodiga de inspirações felizes. Aliás Payot...

— Payot! Sempre Payot! — exclamou a espirituosa senhora, descalçando de vagar, a luva preta de pellica — Has de andar sempre ás voltas com este indiscreto pesquisador da vontade alheia. Estou a apostar, menino, que estás em via de produzir algum diffuso artigo sobre a tal Mathematica!

Muito se enganava, naquelle momento, a minha formosa interlocutora. Eu nada pretendia escrever sobre esta complicada sciencia das formulas e dos numeros. A Mathematica — á semelhança do jogo de Xadrez — parece árida e despida de encantos áquelles que não conhecem os reconditos segredos de seus arranjos, e as singulares bellezas de suas combinações.

Diante de tantas laudas em branco, contava, tão somente, rabiscar duas ou tres linhas sobre os varios methodos empregados no ensino da leitura: o analytico, o da syllabação, o da soletração...

— Ha outros ainda, menino — contraveio a senhora Merivald, tomada de vivo interesse pelo meu modesto artiguete — Lembro-me de que, no meu tempo, no meu lindo tempo de collegio, empregavam-se processos imaginosos, anti-pedagogicos de certo, mas, apesar disso, dignos tambem da attenção dos estudiosos e da pesquisa dos historiadores, como tu e outros.

Com a simplicidade que sempre a caracterizava começou a narrar, despreocupada, todos os artificios e curiosidades dos velhos processos empregados outr'ora, no ensino da leitura.

O methodo "*Bácádáfá*" — entrou a dizer — que precedeu ao da soletração, era muito curioso e pratico. Consistia em ensinar-se o alumno a repetir o alphabeto completo, sendo cada consoante seguida de uma vogal. Assim a classe apren-

dia "*Bácádafa — gájálamá — nápa...* etc. Depois de bem sabida toda esta serie, passava-se á seguinte: "*Becedéfé — gejelemé*", etc. Vinha, em seguida, a serie do i: "*Bicidifi*", etc. Uma vez estudadas, deste modo todas as vogaes, o professor passava a ensinar os grupos em que figuravam mais de uma vogal — *Baicidaifai*, — *gaijai-laai*, etc. "Et si cette chanson..."

E havia quem aprendesse a ler por tal processo? — obtemperei, com vivas mostras de espanto.

Se havia! A' senhora Merivald minha pergunta surprehendeu. Muitas e muitas gerações, em varios collegios do Rio de e de outras cidades, mastigaram a Cartilha pelo celebre *Bácádáfá*, que nada tendo de pedagogico, muito tinha de divertido e picaresco.

Mais divertido ainda — proseguiu ella — era o methodo "Figurado" que se occulta nas sombras do decrepito *Bácádáfá*. Ahi, então, cada letra ligava-se a um objecto qualquer que tivesse certa semelhança com seu aspecto graphico. E assim, achavam os mestre-escolas, que a letra A tinha suas parecenças com um cavallete, e dest'arte, tal peça podia perfeitamente lembrar aquella vogal. Reciprocamente: a letra A despertaria a idéa de um cavallete.

Uma vez assentes os objectos que lembravam os caprichosos contornos das diversas letras, o professor organisava uma serie alphabetica especial, que devia ser decorada pela classe. A primeira lição consistia, apenas, na aprendizagem das semelhanças padrões: o A e um cavallete; o C e um corcunda; o H e uma cadeirinha, e assim por diar te.

Conhecidos todos os symbolos escolhidos, devia a classe cantar, — e realmente cantava, numa toada monotona — o original alphabeto da seguinte maneira:

"Cavallete pede A
Corcundinha pede C.
Cangiquinha pede D
Cabide pede E
Cabide quebrado pede F
Beicudinho pede G
Cadeirinha pede H
Pequeno jogador de bola pede I
Grande jogador de bola pede J

Curioso! Muito curioso e original aquelle processo! E porque não figurava, no meio de tantas incongruencias e disparates, que a imaginação do mestre-escola havia creado, porque não figurava — repetia eu — a letra B?

— "Não a citei de proposito — ajuntou a senhora Merivald com um sorriso que mal despontou — A letra B era ensinada com auxilio de uma comparação exquisita, nada poética..."

E como eu, intrigado, insistisse em conhecer mais essa insignificante minucia do velho systema de leitura, a bondosa senhora, approximando-se de mim, cantou, junto ao meu ouvido, muito baixinho, quasi em segredo, com a mesma cadencia que fazia outr'ora na classe de seu collegio:

"Cavallete pede A"

.....

VERBOS PRIMITIVOS DA LINGUA INGLEZA

Jasper Harben

Dos milhares de verbos *primitivos* da velha lingua sómente cento e tantos estão em uso commum, incluindo os auxiliares; mas estes são os mais importantes — são os verbos que se usam todos os dias, todas as horas, cada instante.

Verbos primitivos são os verbos que *não accrescentam d* ou *ed* para formar o preterito simples.

Paradigma da conjugação dos verbos primitivos:

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

(Faz o preterito sem troca)

Imperativo	Presente	Preterito	Part. Pass.	Infinitivo	Significado
Bet	I bet	I bet	bet	to bet	— melhorar, empenhar
burst	it bursts	it burst	burst	to burst	— rebentar
cast	I cast	I cast	cast	to cast	— contar, lançar
cost	it costs	it cost	cost	to cost	— custar
cut	I cut	I cut	cut	to cut	— cortar
hit	I hit	I hit	hit	to hit	— bater
hurt	I hurt	I hurt	hurt	to hurt	— magoar
knit	I knit	I knit	knit	to knit	— <i>tricoter</i>
let	I let	I let	let	to let	— permittir
put	I put	I put	put	to put	— pôr
quit	I quit	I quit	quit	to quit	— abandonar
read	I read	I read	read	to read	— lêr
rid	I rid	I rid	rid	to rid	— livrar
set	I set	I set	set	to sit	— collocar
shed	I shed	I shed	shed	to shed	— derramar, desfolhar
shred	I shred	I shred	shred	to shred	— desfilar
shut	I shut	I shut	shut	to shut	— fechar
slit	I slit	I slit	slit	to slit	— abrir a canivete.
split	I split	I split	split	to split	— rachar
spread	I spread	I spread	spread	to spread	— espalhar
sweat	I sweat	I sweat	sweat	to sweat	— suar
thrust	I thrust	I thrust	thrust	to thrust	— empurrar
wet	I wet	I wet	wet	to wet	— molhar

e mais dous de uso particular.

SEGUNDA CONJUGAÇÃO

(A vogal do verbo radical muda-se em ô fechado)

Imperativo	Presente	Preterito	Part. Pass.	Infinitivo	Significado
abide	I abide	I abode	abode	to abide	— morar, permanecer
arise	I arise	I arose	arisen	to arise	— levantar-se
awake	I awake	I awoke	awoke	to awake	— despertar
bear	I bear	I bore	borne	to bear	— carregar
bear	she bears	She bore	born	to bear	— dar á luz
bestride	I bestride	I bestrode	bestriden	to bestride	— cavalgar
break	I break	I broke	broken	to break	— quebrar
choose	I choose	I chose	chosen	to choose	— escolher
cleave	I cleave	I clove	cloven	to cleave	— fender
drive	I drive	I drove	driven	to drive	— tocar
freeze	it freezes	it frôze	frozen	to freeze	— gelar
get	I get	I got	got, gotten	to get	— conseguir, etc.
heave	I heave	I hove	hoven	to heave	— içar
lose	I lose	I lost	lost	to lose	— perder
reeve	I reeve	I rove	roven	to reeve	— segurar velas
ride	I ride	I rode	riden	to ride	— montar
rise	I rise	I rose	risen	to rise	— levantar
sell	I sell	I sold	sold	to sell	— vender
stave	it staves	it stove	stove	to stave	— furar a quilha
tell	I tell	I told	told	to tell	— informar
shear	I shear	I shore	shorn	to shear	— tosquiar

<i>Imperativo</i>	<i>Presente</i>	<i>Preterito</i>	<i>Part. Pass.</i>	<i>Infinitivo</i>	<i>Significado</i>
shine	it shines ..	it shone ..	shone	to shine	— brilhar
shoe	I shoe ...	I shod ...	shod	to shoe	— ferrar
shoot	I shoot ..	I shot	shot	to shoot	— dar tiro
shrive	he shrives.	he shrove .	shriven ...	to shrive ...	— confessar (o padre)
smite	I smite ...	I smote ...	smitten ...	to smite ...	— espancar
speak	I speak ...	I spoke ...	spoken ...	to speak ...	— fallar
stride	I stride ...	I strode ..	stridden ...	to stride ..	— dar passos largos
strive	I strive ...	I strove ..	striven ...	to strive ...	— fazer esforço
swear	I swear ...	I swore ...	sworn ...	to swear ...	— jurar, blasfemar
take	I take	I took	taken	to take	— tomar
tear	I tear	I tore	torn	to tear ...	— rasgar
thrive	I thrive ..	I throve ..	thriven ...	to thrive ..	— prosperar
write	I write ...	I wrote ...	written ...	to write ...	— escrever

assim: tread — trod; wear — wore; weave — wove; win — won; e alguns compostos.

TERCEIRA CONJUGAÇÃO

(A vogal do verbo radical muda-se em *a*)

<i>Imperativo</i>	<i>Presente</i>	<i>Preterito</i>	<i>Part. Pass.</i>	<i>Infinitivo</i>	<i>Significado</i>
Become ...	I become ..	I became ..	become ...	to become ..	— tornar
begin	I begin ...	I began ...	begun	to begin ...	— começar
clothe	I clothe ...	I clad	clad	to clothe ...	— vestir
come	I come ...	I came	come	to come ...	— vir
drink	I drink ...	I drank ...	drunk	to drink ...	— beber
eat	I eat	I ate	eaten	to eat	— comer
give	I give	I gave	given	to give	— dar
lie	I lie	I lay	lain	to lie	— deitar
ring	I ring	I rang	rung	to ring	— tocar sino
sing	I sing	I sang	sung	to sing	— cantar
sink	I sink	I sank	sunk	to sink	— afundar
sit	I sit	I sat	sat	to sit	— sentar
spin	I spin	I span	spun	to spin	— fiar lâ
spit	I spit	I spat	spat	to spit	— cuspir
stink	it stinks ..	it stank ..	stunk	to stink ...	— feder
spring	I spring ...	I sprang ..	sprung ...	to spring ...	— saltar
swim	I swim ...	I swam ...	swum ...	to swim ...	— nadar
run	I run	I ran	run	to run	— correr

QUARTA CONJUGAÇÃO

(A vogal do radical muda-se em *e* breve)

<i>Imperativo</i>	<i>Presente</i>	<i>Preterito</i>	<i>Part. Pass.</i>	<i>Infinitivo</i>	<i>Significado</i>
Behold	I behold ..	I beheld ..	beheld	to behold .	— ver
bend	I bend	I bent	bent	to bend	— dobrar
bereave ...	I bereave .	I bereft ...	bereft	to bereave .	— privar
bleed	I bleed ...	I bled	bled	to bleed ...	— sangrar
breed	I breed ...	I bred	bred	to breed ...	— criar
cleave	I cleave ...	I cleft	cleft	to cleave ..	— fender
creep	I creep ...	I crept ...	crept	to creep ...	— engatinhar
deal	I deal ...	I dealt ...	dealt	to deal ...	— negociar
dream	I dream ...	I dreamt ..	dreamt ...	to dream ..	— sonhar
fall	I fall	I fell	fell	to fall	— cair
hold	I hold	I held	held	to hold	— segurar
keep	I keep	I kept	kept	to keep ...	— guardar
kneel	I kneel ...	I knelt ...	knelt	to kneel ...	— ajoelhar
flee	I flee	I fled	fled	to flee	— fugir
lead	I lead	I led	led	to lead ...	— conduzir
blend	I blend ...	I blent ...	blent	to blend ...	— misturar
lean	I lean	I leant ...	leant	to lean ...	— inclinar
leave	I leave ...	I left	left	to leave ...	— deixar
leap	I leap ...	I leapt ...	leapt	to leap ...	— pular
lend	I lend ...	I lent	lent	to lend ...	— emprestar
mean	I mean ...	I meant ...	meant	to mean ...	— querer dizer
meet	I meet ...	I met	met	to meet ...	— encontrar
rend	I rend ...	I rent	rent	to rend ...	— rasgar
send	I send ...	I sent ...	sent	to send ...	— enviar
sleep	I sleep ...	I slept ...	slept	to sleep ...	— dormir
smell	I smell ...	I smelt ...	smelt	to smell ...	— cheirar
speed	I speed ...	I sped ...	sped	to speed ...	— apressar
spell	I spell ...	I spelt ...	spelt	to spell ...	— soletrar
spend	I spend ...	I spent ...	spent	to spend ...	— gastar
sweep	I sweep ...	I swept ...	swept ...	to sweep ...	— varrer
weep	I weep ...	I wept ...	wept	to weep ...	— chorar

QUINTA CONJUGAÇÃO

(A vogal do radical muda-se em *ou*)

<i>Imperativo</i>	<i>Presente</i>	<i>Preterito</i>	<i>Part. Pass.</i>	<i>Infinitivo</i>	<i>Significado</i>
Bind	I bind	I bound ..	bound	to bind	— ligar, encadernar
find	I find	I found ...	found	to find ...	— achar
grind	I grind ...	I ground ..	ground ...	to grind ...	— moer
wind	I wind	I wound ..	wound	to wind	— enrolar

SEXTA CONJUGAÇÃO

(A radical muda-se em *ew* no preterito)

<i>Imperativo</i>	<i>Presente</i>	<i>Preterito</i>	<i>Part. Pass.</i>	<i>Infinitivo</i>	<i>Significado</i>
Blow	I blow	I blew	blown	to blow	— soprar
crow	the cock crows ...	he crew ...	<i>crown</i>	to crow	— cantar (gallo)
know	I know ...	I knew ...	known	to know ...	— conhecer
grow	I grow	I grew ...	grown	to grow ...	— crescer
mow	I mow	<i>mew</i>	mown	to mow ...	— ceifar
strow	I strow ...	I strew ...	strown	to strow ...	— espalhar
throw	I throw ..	I threw ...	thrown ...	to throw ...	— atirar
draw	I draw ...	I drew	drawn	to draw ...	— desenhar
thaw	it thaws ...	it <i>thaw</i> ...	thawn ...	to thaw ...	— degelar
fly	it flies ...	it flew ...	flown	to fly	— voar
slay	I slay	I slew	slain	to slay	— matar

SETIMA CONJUGAÇÃO

(O radical muda-se em *i* breve para formar o preterito)

<i>Imperativo</i>	<i>Presente</i>	<i>Preterito</i>	<i>Part. Pass.</i>	<i>Infinitivo</i>	<i>Significado</i>
Do	I do	I did	done	to do	— agir, fazer, etc.
bite	I bite	I bit	bitten	to bite	— morder
build	I build ...	I built ...	built	to build ...	— construir
chide	I chide ...	I chid ...	chiden	to chide ...	— reprehender
gild	I gild	I gilt ...	gild	to gild	— dourar
gird	I gird	I girt ...	girt	to gird	— cingir
hide	I hide	I hid	hidden	to hide	— esconder
light	I light ...	I lit	lit	to light ...	— accender
slide	I slide	I slid	slidden ...	to slide	— escorregar
spill	I spill	I spilt ...	spilt	to spill	— derramar

OITAVA CONJUGAÇÃO

(A vogal do radical muda-se em *oo*)

<i>Imperativo</i>	<i>Presente</i>	<i>Preterito</i>	<i>Part. Pass.</i>	<i>Infinitivo</i>	<i>Significado</i>
Stand	I stand ... e compostos	I stood ...	stood	to stand ...	— ficar em pé
take	I take e compostos	I took	taken	to take	— tomar
shake	I shake ...	I shook ...	shaken ...	to shake ...	— sacudir
sake	I sake	I sook	saken	to sake	— censurar
forsake ...	I forsake .	I forsook ..	forsaken ..	to forsake .	— abandonar

NONA CONJUGAÇÃO

(A vogal do radical muda-se em *u* breve)

<i>Imperativo</i>	<i>Presente</i>	<i>Preterito</i>	<i>Part. Pass.</i>	<i>Infinitivo</i>	<i>Significado</i>
Burn	I burn ...	I burnt ...	burnt	to burn	— arder
dare	I dare	I durst ...	durst	to dare	— ousar
dig	I dig	I dug	dug	to dig	— cavar
fling	I fling	I flung ...	flung	to fling ...	— atirar, lançar

Imperativo	Presente	Preterito	Part. Pass.	Infinitivo	Significado
hang	I hang ...	I hung ...	hung	to hang ..	— suspender
sing	I sing	I sung	sung	to sing	— cantar
sting	it stings ..	it slung ..	stung	to sting	— picar
strike	I strike ...	I struck ..	struck	to strike	— bater
string	I string ..	I strung ..	strung	to string ...	— enfiar
ring	I ring	I rung ...	rung	to ring	— tocar campainha
sink	I sink	I sank ...	sunk	to sink	— afundar-se
sling	I sling ...	I stung ...	stung	to sling	— atirar com funda
shrink	it shrinks ..	it shrunk ..	shrunk ...	to shrink ..	— encolher (panno)
slink	she slinks ..	she slunk ..	slunk	to slink ...	— abortar
stink	it stinks ..	it stunk ...	stunk	to stink ...	— feder
wring	I wring ...	I wrung ...	wrung	to wring ...	— torcer

DECIMA CONJUGAÇÃO

(A vogal do radical muda-se em *au*, *ou*)

Imperativo	Presente	Preterito	Part. Pass.	Infinitivo	Significado
Beseech ...	I beseech .	I besought	besought ..	to beseech .	— supplicar
bring	I bring ...	I brought..	brought ...	to bring ...	— trazer
buy	I buy	I bought ..	bought ...	to buy	— comprar
catch	I catch ...	I caught ..	caught ...	to catch ...	— apanhar
fight	I fight ...	I fought ..	fought ...	to fight ...	— brigar
freight ...	I freight ..	it is fraught	fraught ...	to freight ..	— fretar
seek	I seek	I sought ..	sought ...	to seek	— procurar
teach	I teach ...	I taught ..	taught ...	to teach ...	— ensinar
think	I think ...	I thought ..	thought ...	to think ...	— pensar
work	I work ...	I wrought.	wrought ..	to work	— trabalhar

Os verbos compostos seguem o systema dos radicaes.

DECIMA PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

(A vogal do radical é apenas modificada)

Imperativo	Presente	Preterito	Part. Pass.	Infinitivo	Significado
Lay	I lay	I laid	laid	to lay	— collocar
pay	I pay	I paid	paid	to pay	— pagar
say	I say	I said	said	to say	— dizer
lie	I lie	I lay	lain	to lie	— jazer
stay	I stay	I staid	staid	to stay	— ficar
play	I play	I plaidd	plaid	to play ...	— brincar

Todos os verbos em *ay* na pronuncia pertencem a esta conjugação.

N. B. — Como este trabalho jamais foi publicado, o professor Jasper exige para si os direitos da propriedade. Será publicado na quarta edição dos Rudimentos.

O melhor presente para uma Normalista 

Uma assignatura d' "A Escola Normal"

UM CONTO PARA CRIANÇAS

A publicação dos deliciosos contos de Malba Tahan, proporcionou-nos a feliz oportunidade de travar relações com o illustre homem de letras Salin Adibar, cujos trabalhos sobre literatura oriental, traduzidos hoje em varias linguas lhe deram uma nomeada universal.

Amigo intimo do sultão Abdul Mejad, ha pouco desthronado, que lhe havia confiado a educação dos seus filhos, como preceptor, incorreu por isto, nas iras de Mustaphá Kemal, que exigiu da Assembléa de Angorá, o seu exilio por 10 annos, tempo julgado sufficiente á consolidação da republica na Joven Turquia.

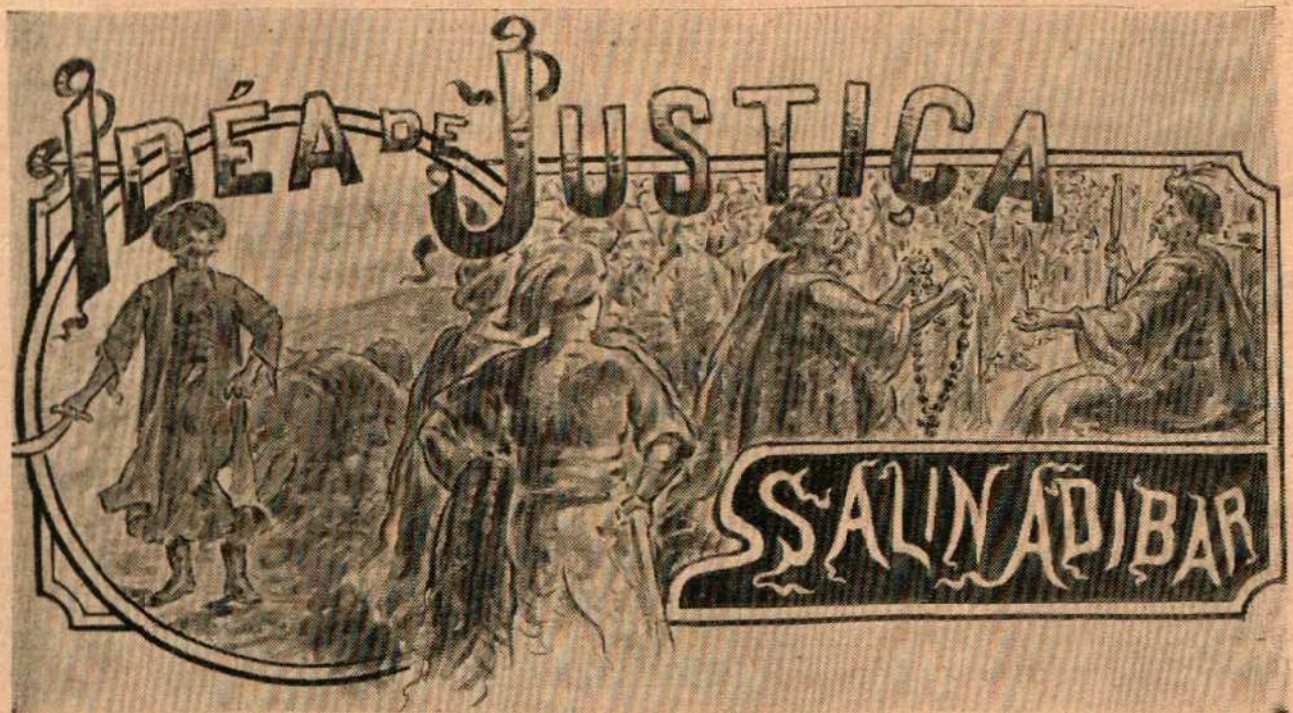


Salin Adibar, quando em missão junto ao Rei Hussein, de Hedjaz, hoje chefe espiritual do Islamismo (Kalifa)

Procurou assim, a nossa terra, o eminente belletrista, afim de aqui exercer o magisterio, ensinando as linguas orientaes, e praticar o jornalismo sectario, de propaganda entre os seus compatriotas, para o que já fundou em S. Paulo uma revista quinzenal, *O Nouredin* (A luz da religião).

Fornecendo-nos agora este conto escripto em inglez e por nós traduzido, prometeu-nos para muito em breve, outros escriptos em nossa

própria lingua, cujo estudo constitue, no momento, sua principal preocupação.



Quando Mahomed — o Grande — terminou a sua audiencia, onde com igual consideração, attendeu a pequenos e a poderosos, achando para a maioria dos casos a mais feliz solução, assim acatada, por todos, pela sua proverbial sabedoria, chamou á parte o Grão Vizir e communicou-lhe:

— Mahomed Assan, tu que, unico nos meus dominios, podes usar o nome de minha familia, concessão feita ha seculos pelo Grande Propheta, ao teu notavel antepassado que por seus grandes feitos consolidou o Crescente, has de, mais uma vez, ajudar-me a praticar no dia do grande Bairam, consagrado á fundação do Kalifado, que se acha proximo, uma acção digna do memoravel acto que vamos festejar.

Desejo este anno, premiar um acto de justiça, mas quero seja elle, tão evidente e irrecorrivel, que não haja um só de meus subditos que discorde do galardão concedido ao autor desse julgamento singular.

— Imperador dos Crentes, respondeu o Grão Vizir, peço-vos que adieis de um anno, a realização de vosso nobre gesto e me concedaes este praso, para que possa com os meus auxiliares, procurar em todas as provincias do vosso vasto imperio, uma acção digna da recompensa, concedida por vossa alta munificencia.

— Vae, disse-lhe o sultão e volta de hoje a um anno, com o nome do honesto homem, merecedor da honra que ha de assignalar, com inusitado brilho, no Ramazan do anno proximo, a data do Kalifado.

— Partiu o Grão-Vizir, e, noite e dia, sem descanso, cercado de vizires, pachás, emires e cadis, a todos inquirindo e de tudo indagando, para poder no fim destacar o gesto mais nobre de justiça, que *sine nemo discrepantia*, alcançasse o julgamento favoravel, unanimemente, como estipulara o Sultão.

Viu juizes entregar aos pobres, quinhões disputados por poderosos do imperio, viu gente rica preferir dar agasalho a mendigos, a permittir sentassem á sua meza seus proprios irmãos, que haviam recebido herança igual á sua, viu viúvas conseguirem dos cadis, victoria contra pachás e vizires, viu finalmente que a justiça do Imperio, era praticada por homens integros e virtuosos, que inspiravam confiança a todos que a ella recorriam.

Um dia, na mais remota provincia do Imperio, ao chegar á janella do palacio do Governador, foi a attenção do Grão Vizir, despertada, para um derviche que estendendo a mão descarnada, em busca de um obulo, fazia com este simples gesto, que delle se afastassem, como se um leproso fôra, todas as pessoas que se achavam proximas.

Como de habito, sem confiar a outrem a missão de indagar, desceu o Grão Vizir as escadarias de marmore do edificio e achegando-se ao mendigo, collocou em sua mão uma moeda de ouro.

Foi tal o espanto estereotypado na mascara de miseria do infeliz, que impressionado, pediu-lhe o Grão-Vizir, contasse a sua triste historia.

As lagrimas que borbulhavam de seus olhos, impediram o desgraçado de articular uma só palavra, sendo pelos circumstantes, informado o Grão-Vizir, que estava em presença do antigo morador daquelle mesmo palacio aonde estava hospedado.

Soube então o representante do Sultão o motivo, que tornara o mendigo tão despresado.

“Um rico negociante, victima por muitas vezes de piratas do deserto, que extraviavam seguidamente camellos e a sua preciosa carga, havia jurado vingança, para o que tinha reunido, em torno de si os mais decididos aventureiros e com elles fiscalisava todos os caminhos forçosamente seguidos pelas caravanas.

De uma feita, reconhecendo em um caravançará, os seus camellos carregados dos ricos estofos que eram privilegio de seu commercio, atacou em sua sahida do Khan, a caravana onde vira os seus objectos e os dos seus amigos, finalizando a sua victoria por mandar decapitar todos os seus conductores, sem excepção, distribuindo, á sua volta, todo o carregamento pelos seus verdadeiros donos.

Pela festa que lhe fizeram na cidade, soube do feito o Governador, que mandou chamar a Palacio o negociante e ouviu de sua propria bocca a recita do extraordinario successo.

Ouvida esta confissão retirou-se o Governador e no dia seguinte, por uma forte escolta, mandou prender o autor de tão ousada façanha.

Ao som das tubas que annunciavam a justiça imperial, reuniu-se logo grande multidão em frente ao palacio, para ouvir attonita, a incrível, noticia, de dever ser dentro em pouco, justicado o seu applaudido de hontem.

No momento da execução, negou-se o carrasco a cumpril-a, gesto este imitado por todos os palacianos o que motivou o Governador a descer solememente os degrãos do Palacio para, chegando ao meio da Praça, com o seu proprio alfange, decapitar o negociante.

Ainda rolava a cabeça deste, quando a multidão, aos gritos de *morra o assassino*, invadia o palacio, e se não fôra uma porta secreta, só conhecida do Governador, haveria o seu sangue lavado a affronta feita á população.

O sultão, sabedor do occorrido, lavrou incontimente a demissão do Governador que se viu assim reduzido á mais negra miseria e entregue ao desprezo de todos”.

Ao corrente de toda esta complicada historia, interpellou o Grão Vizir, ao mendigo que já não chorava.

— Agi de accordo com a minha consciencia, disse o antigo funcionario e disso me não arrependo. Mando e dinheiro, nada representam perante a consciencia do dever cumprido.

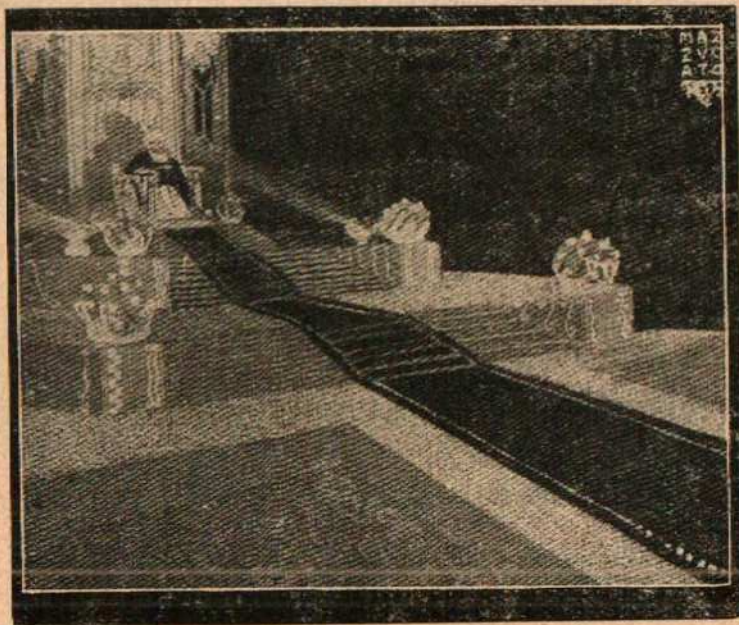
Ninguem póde fazer justiça pelas proprias mãos, não sendo licito tornar-se alguem assassino, em nome de interesses contrariados de uma classe, por mais respeitavel seja esta.

— Extranhas palavras, respondeu o Grão-Vizir, ouço pronunciadas por quem não trepidou em levantar o seu proprio alfange, para decapitar um homem respeitavel e respeitado pelo povo, que deu sobejas provas de seu desgosto.

— Representava eu a Autoridade, replicou o ex-Governador, com energia, sendo o meu braço o executivo da Lei, que manda assim se proceda em relação aos ladrões e assassinos e este homem era réo dos dois crimes.

Com surpresa de todos, levantou-se o Grão-Vizir e poz-se a abraçar doidamente, a victima do cumprimento do dever, dizendo ter, finalmente, encontrado o homem que tão porfiadamente procurava, e levou-o comsigo para a Capital do Imperio.

Chegou o Grão-Vizir, junto ao Kalifa, justamente na vespera do grande dia, tendo-lhe de viva voz relatado as suas buscas e a acção que considerava a mais digna, havendo de tudo recebido approvação do Sultão, que lhe pediu comparecesse á solemnidade acompanhado do antigo Governador. Na solemne recepção, na qual foi orador o pachá mais antigo, expressamente convocado para dar conhecimento



do extranho feito, no momento em que o Sultão ia dar o esperado veredicto, viu-se com surpresa, dirigir-se elle para o Grão-Vizir e fazer-lhe menção da entrega do Grande Cordão do Levante, recompensa ao acto de justiça mais nobre do Imperio.

— Grão-Vizir, quero, na presença de todos, confiar-te o premio promettido ao maior acto de justiça praticado nos meus dominios, pois ao teu espirito zeloso e recto não escapou a integridade do julgamento do Governador. Contra a opinião de toda a população do Imperio e a minha propria, que approvei a sua attitude destituindo o Governador, acataste o acto deste, dando-lhe sua verdadeira significação. E's o mais digno.

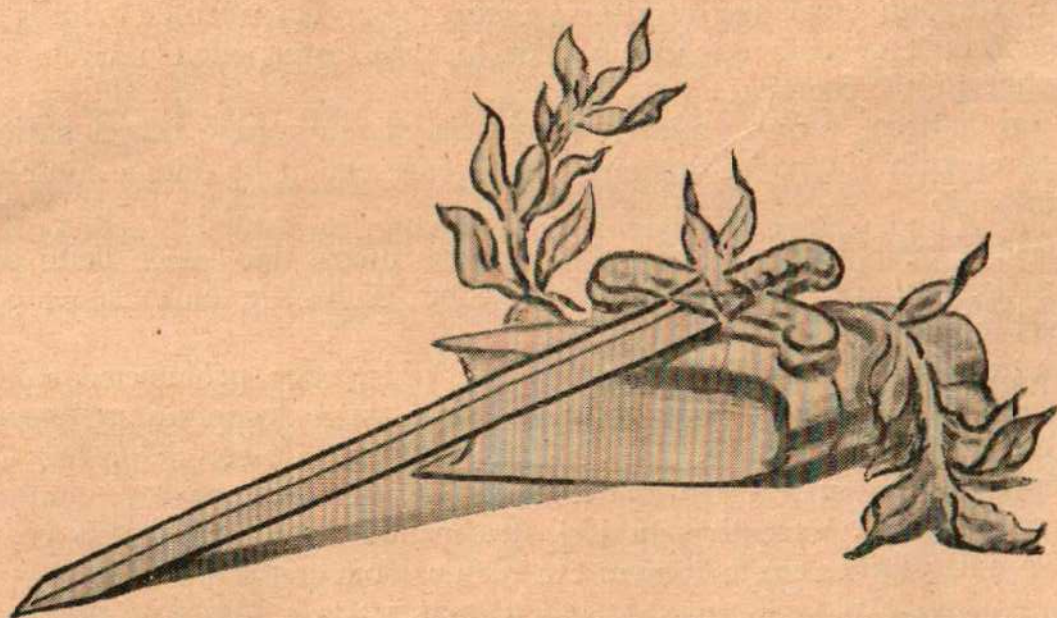
E, quando perdurava ainda, a impressão de espanto de todos, sobretudo do Grão-Vizir, e ia passar-lhe o Kalifa, o magnifico emblema da maior dignidade do Imperio, viu-se levantar o Sacerdote Magno, que com a gravidade inherente ás suas altas funcções, e dirigindo-se ao Sultão, pronunciou as seguintes palavras:

— Imperador dos Crentes, uma das condições que impuzéstes para a entrega do premio ao mais digno, foi que não houvesse, entre os vossos subditos uma voz discordante em seu julgamento. Esta voz, é a minha. Se, depois de teres lavrado a demissão do Governador, sancionando o reclamo publico, reconheceis, como vêem todos nesta hora, o acerto de sua justiça, o mais nobre julgamento é o vosso, e o proclamastes, sem mesmo terdes suspeitado, perante todos nós.

Um grito unisono de aclamação seguiu-se a este discurso, exclamando a multidão: O premio ao Sultão! O premio ao Sultão!

E o premio de justiça, não poude ainda, naquelle anno, ser concedido pelo Kalifa.

E, nunca mais, até hoje, foi attribuido, na Terra, um premio á Justiça. E' que a sua recompensa unica é a paz da Consciencia.



Illustração de Isaltino Barbosa
Docente de Desenho

(*) Do livro *Contos Orientaes* a sahir brevemente. Edição d'A Escola Normal. — Reprodução, adaptação e traducção PROHIBIDAS.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Paulo de Azevedo & C.^{ia}

(LIVREIROS EDITORES E IMPORTADORES)

— 166 — Rua do Ouvidor — 166 —

— RIO DE JANEIRO —

END. TELEG. ALVESIA — CAIXA POSTAL N. 658



FILIAES:

Rua Libero Badaró, 129

S. PAULO

Rua da Bahia, 1055

BELLO HORIZONTE

GRANDE ESTABELECIMENTO GRAPHICO

JERONIMO SILVA

Livraria, Papelaria e Encadernação

GILBERTO SILVA

Rua da Conceição, 59 - Tel. 60 - NICTHEROY

ONDULAÇÃO PERMANENTE
DO ESPECIALISTA

GABRIEL

14, URUGUAYANA — Tel. Central 5491

Pyorrhéa

Dr. Rufino Motta, especialista
e descobridor do específico.

Rua S. José 38 — Rio

CASA NORMAL

ARMARINHO — PAPELARIA — MIUDEZAS

Venda avulsa d'A ESCOLA NORMAL

3, Rua de São Christovão, 3

Teleph. Villa 1231

DECLAMAÇÃO

CURSO ANGELA VARGAS

1.º Premio de Comedia e

2.º de Tragedia do

Conservatorio Femina de Paris

Praia de Botafogo, 116

2as. e 5as. de 2 ás 6

TELEPH. BEIRA-MAR 1620

“Sul America”

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA
FUNDADA EM 1895

CIFRAS DO BALANÇO EM 31 DE MARÇO DE 1924

Vinte e oito annos de constante progresso

Pagou em sinistros	50.528	contos de réis
Pagou em liquidação de apolices e lucros a segurados sobreviventes	47.115	contos de réis
Possue, em 31 de Março de 1924, um activo de	72.075	contos de réis
Pagou aos segurados e beneficiarios.	97.643	contos de réis
Possue reservas technicas em garantia dos contractos de seguros em vigor	55.659	contos de réis
A “Sul America” garante milhares de lares e interesses commerciaes em mais de	395.070	contos de réis

Convida-se V. S. para fazer parte desta grande
Instituição de Previdencia

Séde social: **RUA DO OUVIDOR** - Rio de Janeiro

Durante a construcção da Casa Matriz

RUA BETHENCOURT DA SILVA N. 15

“A Escola Normal das alumnas”



Mez de Maria

Robertina dos Anjos Lima

Alumna do 2.º anno

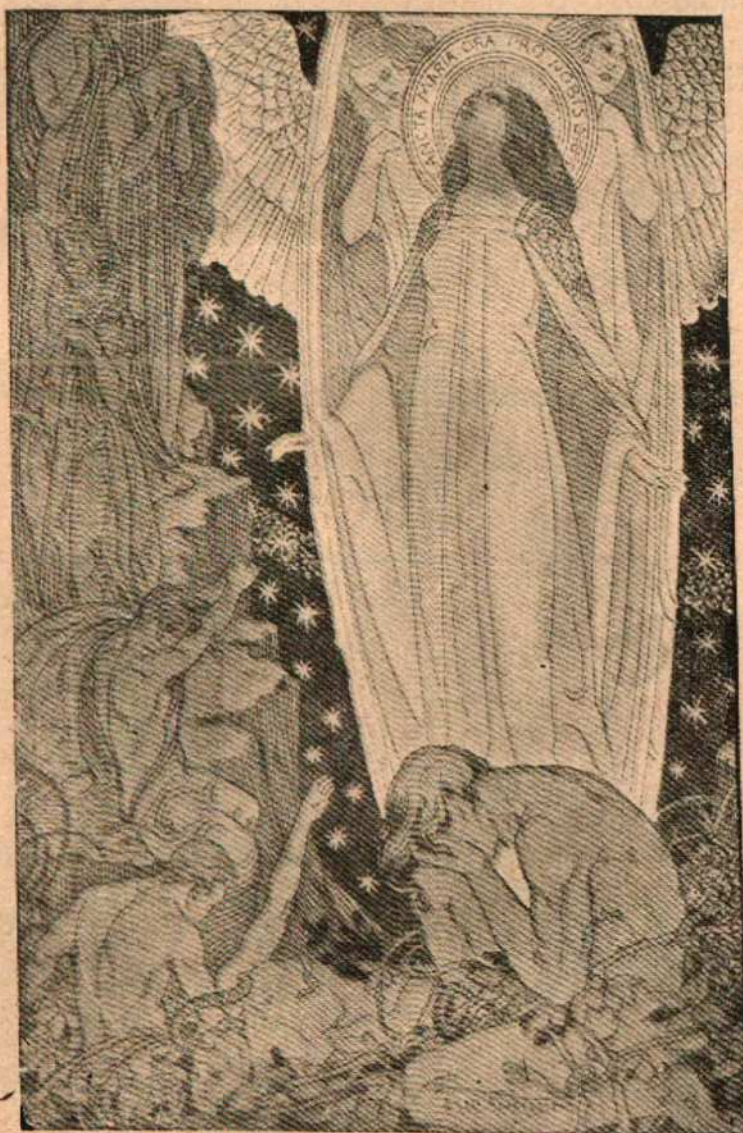
Quando visitei certa vez, a Igreja da cidade de Itabory, encontrei, em um canto desse templo, junto a uma das columnas do côro, um pequeno quadro, de moldura escura, sob o qual haviam escripto :

*Maria do Rosario
Mez de Maria de 1902*

Fiquei intrigada. Que significação teria aquelle nome, ligado áquella data, no quadro modesto que a bondade piedosa fizera erguer na parede da Igreja?

Um velho morador da cidade, por mim interrogado, contou-me a historia triste que aquella inscripção invocava.

Em 1902 foi a cidade visitada por um bando numeroso de ciganos que se alojou em um rancho de tropeiros, no meio de um grande campo que ficava proximo. Já lá se achavam os pobres aventureiros, havia varios dias, quando irrompeu entre elles uma terrivel epidemia de variola. Em Itabory, nesse tempo, só havia um médico. Quem



o poderia auxiliar no tratamento dos infelizes ciganos? O medo do contagio, o horror daquella molestia que matava ou deformava, era como uma barreira erguida entre a cidade e o rancho onde os doentes agonizavam sem soccorro. Foi, então, que uma joven chamada Maria do Rosario, muito conhecida na cidade pelos seus elevados dotes de espirito e de coração, resolveu servir de enfermeira ás infelizes criancinhas que ardiam em febre, no meio de trapos, no miseravel rancho de tropeiros. Os paes de Maria do Rosario não queriam, porém, de modo algum, con-

sentir que ella fosse ter ao fóco terrível que irradiava a morte e envenenava o campo.

Era então o mez de Maria. Todas as noites a Igreja de Itabory enchia-se de fiéis, que elevavam seus canticos e suas preces á Virgem Santissima, Mãe Immaculada. E, naquellas noites frias de Maio, o céu cheio de estrellas parecia mais lindo, o ar mais puro e as flores mais viçosas. Tinha-se a impressão de que Nossa Senhora, na sua infinita bondade, espalhava sobre tudo e sobre todos, a bençãam divina de sua misericordia.

Todas as noites, ao bater da Ave Maria, enrolada em seu chale grosso de lã, sahia Maria do Rosario de sua casa. O pae rispido, perguntava-lhe: — “Onde vaes, menina?” E ella timida, receiosa, de olhos baixos respondia:

— “Vou ao Mez de Maria, Papae !”

Mas a santa creaturinha mentia. Ella não ia á Igreja. Dirigia-se, rapida, ao rancho dos tropeiros, para levar soccorro e carinho ás infelizes creancinhas doentes. E, foi nessa missão sublime de piedade christã, que ella contrahiou a terrível molestia que a matou.

Toda a cidade chorou a morte de Maria. E para que o seu sacrificio sublime ficasse perpetuado, o vigario da parochia fez erguer na Igreja, aquelle quadro onde se achava gravado o nome da extraordinaria creatura que morreu por ser boa e pura.

E o velho que me contava a historia, ajuntou, com os olhos cheios de lagrimas:

— “Eu não chorei por Maria. Eu sabia que ella tinha ido para o Céu, levada por Nossa Senhora !”

E, ajoelhando-se junto á grande columna do côro, o pobre homem murmurou, entre soluços, uma prece que parecia partir do fundo do coração:

“Maria, minha filha adorada, pede a Deus por mim e por todos os peccadores”.



BIBLIOGRAPHIA

ELYSIO DE ARAUJO — GEOGRAPHIA ELEMENTAR — LIVRARIA FRANCISCO ALVES
— RIO DE JANEIRO

O Sr. Dr. Elyσιο de Araujo, que durante muitos annos exerceu o cargo de Inspector Escolar, tendo tambem dignamente representado o seu Estado natal, na Camara dos Deputados, em varias legislaturas, acaba de lançar a 6ª edição de seu interessante manual de Geographia.

O esforçado pedagogo, que introduziu entre nós o escotismo, remodelou o seu trabalho, tornando-o cada vez mais brasileiro.

Si tivesse igualmente, substituido os *clichés*, por outros representativos dos modernos aspectos dos Estados, poderiamos affirmar ser este um dos mais valiosos trabalhos de geographia elementar nacional.

Este pequeno reparo, nem de longe, representa uma impressão desfavoravel dessa obra, que julgamos, merecer o applauso de todos os que almejam uma literatura pedagogica brasileira.

Agradecemos ao seu autor a delicadeza da offerta que nos fez, por intermedio da sua casa editora.

NELSON COSTA — PAGINAS CARIOCAS — RIO DE JANEIRO

Estas paginas contêm tudo o que têm escripto, os homens de letras brasileiros, sobre a Capital da Republica.

Demonstrativo de grande erudição, constitue este livro um optimo compendio para as nossas escolas, pois foi muito feliz o seu autor na escolha dos trechos e na sua seriação.

A ESCOLA — MAIO DE 1914 — RIO DE JANEIRO

Essa revista, cujo valor não necessitamos fazer realçar, traz neste numero o seguinte summario: Classificações por merecimento.—Ignacio Amaral.—Technologia grammatical.—Carlos Porto Correiro.—Saúde e doença.—Faustino Espozel.—Esboço das principaes condições para redução dos analphabetos.—Francisco Roca Dordal.—A Geographia na Escola Normal.—Delgado de Carvalho.—Porquês de João Kopke.—Ensino primario por Arnaldo Barreto, Olavo Freire, Olympia do Coutto, Mathilde Bruno, Dulcideo Pereira e Paulo Carneiro.—Aguas que dormem, por Brant Horta. — Os dedos, por Leonor Posada.

Agradecemos cordealmente as referencias feitas ao apparecimento de nossa Revista.

REVISTA PEDAGOGICA — ESPIRITO SANTO — MAIO DE 1924

— Como de habito, com um excellente summario.

PROGRAMMAS DE ENSINO DA ESCOLA NORMAL DO DISTRICTO FEDERAL — 1924

O illustre Dr. José Rangel, director dessa Escola, teve a gentileza de enviar-nos um exemplar dos programmas, que foram no corrente anno inteiramente remodelados.



— VARIAS NOTICIAS —

Escola Normal do Districto Federal

FALLECIMENTO



Perdeu essa Escola no dia 11 de Junho, o Professor Raul Nielsen, Docente de Historia Geral.

Era o pranteado extinto um dos mais esforçados pioneiros da delimitação dos Estados da União, conservando inedito um excelente trabalho sobre limites de Santa Catharina e Paraná, esperando poder fazer a parte cartographica, para dar á lume a sua valiosa contribuição a essa memoravel pendencia.

Excellent professor e optimo companheiro, constitue o desaparecimento de Raul Nielsen, uma irreparavel perda para essa Escola.

SOCIEDADE DE PROFESSORES

Sob a presidencia do professor Correggio de Castro, secretariado pelo professor Alfredo Balthazar da Silveira, reuniram-se no dia 11 de Junho, 33 professores da Escola Normal, 8 docentes e 5 cathedromaticos, que foram os professores Leoncio Corrêa, Alfredo Gomes, Barboza Vianna, Aramis de Mattos e Ernestina Santos, afim de ser votada a redacção final dos estatutos da Sociedade

de Professores da Escola Normal e eleita a directoria provisoria, cujo mandato terminará em Março de 1925.

O professor Correggio de Castro, logo que iniciou os trabalhos, communicou á assembléa o fallecimento do professor Raul Nielsen, proferindo palavras de saudade acerca daquelle distincto Professor e deu em seguida a palavra aos Professores Julio Cesar de Mello e Souza, Alfredo Balthazar da Silveira, os quaes salientaram varios traços da intelligencia e saber do distincto Professor.

Approvada a redacção final dos estatutos, procedeu-se á eleição, apurando-se o seguinte resultado:

Presidente, Correggio de Castro, 31 votos; vice-presidente, Julio Cesar de Mello e Souza, 29 votos; 1º secretario, Alfredo Balthazar da Silveira, 30 votos; 2º secretario, Odilon da Motta Portinho, 29 votos; 1º thesoureiro, Edgard Sussekind de Mendonça,

29 votos; 2º thesoureiro, Jurandyr Paes Leme, 30 votos; bibliothecaria, Sylvia Gomes Pereira, 23 votos; conselheiros: Leoncio Corrêa, 22 votos; Alfredo Gomes, 28 votos; Mozart Monteiro, 19 votos; Mario Benedicto Ferreira, 22 votos e Antonio Moreira, 20 votos.

Serviram de escrutinadores os professores Asterio de Campos e Mario Aleixo.

A directoria foi logo empossada, falando, antes de encerrados os trabalhos, os professores Correggio de Castro, Julio Cesar de Mello e Souza e Alfredo Balthazar da Silveira.

Escolas Normaes de S. Paulo

ESCOLA NORMAL DA CAPITAL

NOMEACÃO

Por decreto de 6 de Junho, foi nomeado Professor de Gymnastica dessa Escola, o Sr. Alfredo Eberth.

ESCOLA NORMAL DO BRAZ

Para substituir o Dr. Guilherme de Almeida, que obteve tres mezes de prorogação da licença em cujo goso se achava foi nomeado o Sr. Alarico Borelli, escripturario da Escola e para substituir este a Professora D. Sylvia da Silva Guimarães.

ESCOLA NORMAL DE GUARATINGUETA

No anno findo, estiveram matriculados na Escola Normal e escolas annexas, 599 alumnos, sendo 232 do sexo masculino e 367 do feminino. Foram no mesmo periodo expedidos 63 diplomas a alumnos que concluíram o curso.

Em 21 annos de funcionamento, desde 1903, época em que foi installada essa Escola diplomou 881 professores, sendo 368 do sexo masculino e 573 do sexo feminino.

ESCOLA NORMAL DE S. CARLOS

Vice-directoria

Tendo sido por decreto de 27 de Junho, aposentado no lugar de Vice-Director dessa Escola o Professor Francisco Caldas, foi nomeado na mesma data, para exercer este lugar o Sr. Ottoni Pompêo Piza, Professor da Escola Complementar annexa á mesma Escola Normal.

ESCOLA NORMAL DE CASA BRANCA

Essa Escola, teve no anno findo, 207 alumnos de ambos os sexos, havendo terminado o curso normal 21 alumnos dos quaes, só dois do sexo masculino.

ESCOLA NORMAL DE BOTUCATÓ

Em 1923, tiveram matricula nessa Escola 160 alumnos, no seu curso normal.

ESCOLA NORMAL DE PIRASSUNUNGA

No dia 11 de Junho festejou essa Escola o anniversario de sua fundação. Installada a principio em um predio adaptado, funciona hoje em um magestoso edificio, no coração da cidade, sendo dirigida pelo Professor Architclino dos Santos.

E' o seguinte o actual corpo docente do curso Normal:

Cathedaticos: Srs. Theodorico de Oliveira, Caio de Assumpção, Procopio Cabral Westin de Vasconcellos, Julio do Amaral Carvalho, Joaquim Silva e Dr. José Leite Pinheiro.

Professores de aulas: Srs.: Raul de Oliveira, Lullo Gouvêa, Pierre Arné e D. Elecina de Mello Padua.

MOVIMENTO ESCOLAR

No anno passado, tiveram matriculados nos varios estabelecimentos dessa Escola 573 alumnos, tendo completado o curso 17 normalistas.

CURE-SE E FORTALEÇA-SE

Os Productos do Laboratorio Nutrotherapico DR. RAUL LEITE & C. (RIO), resolvem dificuldades clinicas e trazem nos rotulos as respectivas formulas



LAXO PURGATIVO INFANTIL

Pó e manita (do manhã). Único no genero para crianças, é eficaz, tem sabor de assucar e não habitua o organismo. (Lic. 407).

GUARAINA

(Comprimidos). Base guaranina de guaraná. Cura ou allivia em poucos minutos qualquer dôr, enxaquecas, etc. aborta a grippe, resfriados, etc., e é tonico do coração, ao contrario dos similares que são depressivos. — Tome um ou dois comprimidos. (Lic. 515).

AMINA-ZIN

Extractos vitaminosos da cenoura, cevada germinada, etc. Poderoso tonico estimulante da nutrição. Único desta classe no Brasil. (Lic. 1511).

GUARANIL

(CONCENTRADO)

Tonico poderoso, estomachico, hemagenico, de innegavel superioridade sobre os existentes, devido á sua accção anti-toxica e estimulante intestinal. (Guaraná - iodo - kola - arrhenio - phospho - calcico - nucleo - vitaminoso). (Lic. 498).

LACTARGIL

(Especifico infantil). Lactato neutro de hydrargirio e extractos vitaminosos. Notavel toni-purificador do sangue das crianças. Único no genero no Brasil. (Lic. 1510).

TONICO INFANTIL

(CONCENTRADO)

(Sem alcool). Poderoso reconstituinte das crianças e unico no genero. (Iodotnico - arrhenio - glicero - phospho - nucleo - vitaminoso. (Lic. 406).

LACTOVERMIL

Polyvermicida 90 % mais efficaz que os vermifugos communs. Adoptado pelo Dep. Nac. de Saude Publica. (Lic. 408).

PURGOLEITE

(Pastilhas). Admiravel e efficaz purgativo ou laxante para adulto. Tem sabor de confeito e não habitua o organismo. (Lic. 409).

NUTRAMINA

(Aminas da nutrição). Farinha fresca polyvitaminosa e do crescimento, mineralizadora dos tecidos, calcificante dos ossos e estimulante do appetite.

CREME INFANTIL

(Em pó dextrinizado). 12 variedades, com digestão quasi feita. Os pacotes são acompanhados de conselhos muito uteis sobre regime e hygiene. Preço : até 1\$300 o pacote.

EMAGRINA

Comprimido para emmagrecer. Acompanhado de regime alimentar muito util.

LEITE INFANTIL — FABRICA EM S. PAULO E RIO

— A VENDA EM TODO O BRASIL —

SARCOL

PÓ DE CARNE

Opothérapie Muscular



TONICO

— E —

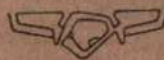
ALIMENTO

Para creanças,
velhos, convalescen-
tes, tuberculosos,
amas de leite,
— etc. —

Laboratorio

Clinico

Silva Araujo



RUA 1.º DE MARÇO, 13 (1.º e 2.º andares) e RUA ZEFERINA, 199 A e 201

Caixa Postal 163

End. Teleg. BIOLABO

RIO DE JANEIRO